



Um acto supremo de humanidade

Destaque PÁGINA 20-21

Caro leitor

Pergunta à Tina...

Tudo o que precisas de saber sobre
saúde sexual e reprodutiva

SMS
90441

ou E-mail:
averdademz@gmail.com

SOCIEDADE 07

Obrigado Samurais



Jornal @Verdade

@Verdade pretende homenagear a selecção de basquetebol feminino. Diga-nos que expressão se usa - na sua língua materna - para agradecer.

Cesar Liasse ninoutamalelani sabua nhuo muthucula nzina ya moçambique para ozulo ma! Gosto · 4

Pascoela Lita Cochucuro. Gosto · 2 · há 59 minutos

Pedro Pacule ndzi mbonguile nguvo vhi nene Gosto · 2

Olga Natingue hinkensile ngopfu leshi munga maha swona wina ti thombi Gosto · 1

Carlos Massango ou Hi bogile vana va hina. Gosto · 1

Cristino Paulino Dinis Nochucuro. Gosto · 2

Carlos Massango ku bongua Gosto · 1 · há 2 horas

Nellson Scott Ninoutamalelani! Gosto · 1 · há 2 horas

Oswaldo Francisco kanimanbo · há 28 minutos

Bi De Fernandes I khomu, Gosto · 1 · há cerca de uma hora

Stella Saleiro Khochukuro · há cerca de uma hora

Guive Mpambamombe Mazvita, maitabasa, tatenda. (em shona.) · há cerca de uma hora

Aiirees Camuana Camuana kihochukuro Gosto · 1 · há cerca de uma hora

Arcenio Comé Khanimbou ni khensil! · há cerca de uma hora

Timova Capunzene Mofate Macorocoto assicana. Maitabhassa. Gosto · 1 · há cerca de uma hora

Quintino Sande Tatenda/zikomo. Gosto · 1 · há cerca de uma hora

Laura Da Fonseca Martinho Na kensa Gosto · 1 · há cerca de uma hora

Gomes Mabui na kensa ti thombi Gosto · 1 · há 2 horas

Uaquelina Jone obrigada Meninas Raras. Gosto · 1 · há 2 horas

Cléia Yasmin Chemana ndza Mbonga ngopfu! (Agradeço muito) Gosto · 2 · há 2 horas

Fortunato Doce Nhi bhonguidhe Gosto · 1 · há 2 horas

Inocencio Marcelino Tarrupe Assante kuabily Gosto · 1 · há 2 horas

Orlanda Matsule Makwero, Titombi, tá tiko lá Moçambique dza mikenssa, niko itlhanguela, a tiru endlheke. mutlhakuxile · há cerca de uma hora

Eurico Breezy Chichango Hi khensile, ya mbonga ou khamimambo. Gosto · 1 · há 2 horas

Helena Da Sonia Tete Kanimambo Gosto · Responder · há 20 minutos

Manuel Mariano maka yita bassa! - Shona · há cerca de uma hora

Carlos Chelengo Aswifene va nãnyana, yanani malhweni Gosto · 1 · há 2 horas

Gil Giba Gbje Hi bongile (xitwa) Gosto · 1 · há 2 horas

Hanna Da Conceicao Ni khensile ngopfu swinene, mu hi tirhelile. Khamimambo swinene · há cerca de uma hora

Maria Macou pode ser, ndzi bonguile, ni khensile, ni tlangelile, khamimambo, ou mesmo.... a xifeni, hi khensile (parabens, stamos gratos) · há cerca de uma hora



Para informação desportiva de Moçambique e do mundo em tempo real siga-nos no **twitter @DesportoMZ**

Desporto d' Verdade (@DesportoMZ) Vejas as melhores imagens do

#Afrobasketwomen2013 em <http://www.flickr.com/photos/averdade/sets/72157635943483034/>



@SimaoAlfredo1: @DesportoMZ obrigado @verdade continue nos informando, es a unica meio de comunicacao que tem nos updatado sobre afrobasketbol

@eusouCarlone: @nicojmanuel fica atento aos twittes do @DesportoMz vai te dar op ponto de situacao a cada minuto...

@pajo_mz: @DesportoMZ seja como for estão de parabéns para mim...elas são campeãs!

@EvaristoDIRA: @DesportoMZ Seja qual for o resultado do jogo, as meninas estão de parabéns incluído a equipa técnica.

@felixcalimanga: @DesportoMZ ate me arrepiei... obrigado as meninas mais uma vez pela vitoria

@EvaristoDIRA: @DesportoMZ Forcaaaaaaaa aaaaaaaa Moçambique

@teveen: AfroBasket Nigéria 74 x 77 Moçambique @verdademz @desportomz <http://t.co/z2GEOWPMzl>



@Elton_LowLow: "@DesportoMZ: #afrobasketwoman2013:

terminou o primeiro período: #CostadoMarfim 8 - 18 #Moçambique <http://twitter.com/DesportoMZ/status/382556501149097984/photo/1>" Moz we on

@FredyBlaezer: @DesportoMZ xtamos nas xcuras aki em Manica, não há sinal da tvn unico canal k nos mantinha um pouco informado.

@EvaristoDIRA: @DesportoMZ @edelson_wb O patriotismo é um sentimento que ninguém tira no seu coracao. Seja de um pais pobre ou não, sou Mocambicano. VIVA

Editorial
averdademz@gmail.com

País de cobardes

A liberdade dos povos, em qualquer parte do mundo, foi conquistada com sangue, abnegação, privação e sacrifícios hercúleos. A história de Moçambique é a prova disso. Foi preciso jorrar sangue das gerações de outrora para o país ganhar a sua soberania. Houve muita traição pelo caminho e soldados que apunhalaram pelas costas a causa comum. Os que venceram criaram os seus heróis e diabolizaram os seus oponentes. Até nos países onde as mudanças tiveram um condão, diga-se, pacífico o chão continua coberto de sangue dos activistas da liberdade que tombaram pela arrogância dos que se julga(va)m donos e senhores dos direitos fundamentais dos demais.

A democracia não seria possível sem a guerra dos 16 anos. Independentemente da causa primária da Renamo foi, diga-se, um processo manchado de sangue o que corrobora que não há liberdade sem sacrifício.

A liberdade de imprensa em Moçambique, por exemplo, floresceu com o sangue de Cardoso. Portanto, a narrativa nacional sobre a luta pela determinação jorrou, regra geral, do povo e de grandes homens, esse líquido vermelho que corre nas veias do ser humano. O fiasco da cesta b(fr)ásica só foi criado depois do sangue de Hélio regar a Avenida Acordos de Lusaka. Ou seja, tudo o que conseguimos envolveu sangue. As eleições de Daviz Simango e Manuel de Araújo, em contextos diferentes, contaram com sangue e injustiças. Agressões desnecessárias e a força das armas e das bastonadas de uma Polícia não foram suficientes para impedir as revoluções na zona centro.

Portanto, tudo foi conseguido com sangue. Não há meio-termo para libertar o país da garra dos opressores fantasiados de libertadores. Eles defendem o país que acreditam ser sua pertença com armas, perseguições e sonegação da liberdade. O que vemos, nos dias que correm, é que há muito pouca gente desposta a dar o seu sangue pela liberdade. Permanecemos, todos, em cima do muro a lançar impopérios, mas ninguém sai à rua para pregar um novo caminho.

Apenas protegidos por um computador é que conseguimos gritar: “ladrões, corruptos...”. Isso todo o mundo já sabe, mas não faz nada. Será que estamos dispostos a libertar o país dos opressores com o nosso próprio sangue? Ou vamos continuar a deixar ficar recados protegidos em condomínios e no conforto dos nosso carros topo de gama? Quando é que vamos abandonar a Julius Nyerere, as Somerchield 1 e 2 para falar para as massas? Quando é que vamos apoiar com instrução os povos oprimidos da periferia da torre de marfim onde habitamos?

Jamais seremos livres. Nós só gritamos, mas não abdicamos de uma única gota do nosso sangue pelo próximo. Somos mesmo um país de cobardes...



Boqueirão da Verdade

“O Presidente da República disse no seu discurso, em plena Assembleia Geral das Nações Unidas, que Moçambique irá acolher eleições gerais em 2015. Passaram 24 horas sem que a Presidência da República emitisse um comunicado ou a dar um esclarecimento público ou a explicar que se tratou de um lapso. Só depois de a imprensa ter publicado que o Chefe do Estado anunciou a realização das eleições gerais em 2015 é que o Presidente da República veio esclarecer que, na verdade, as eleições serão em 2014 e não em 2015 conforme dissera”, **Lázaro Mabunda**

“É estranho que o Chefe do Estado cometa um lapso desta dimensão num discurso nas Nações Unidas. Pareceu-me, na verdade, um balão do ensaio do que ele pretende. No mínimo, Guebuza poderá ter exteriorizado involuntariamente as suas intenções. Ou seja, o seu coração ter-lhe-á traído, revelando que, na verdade, ainda não queria revelar. Os sinais são claros. A um ano das eleições ainda se desconhece o seu sucessor, o que deixa claro que o “lapso” nas Nações Unidas é, na verdade, mais do que um lapso, um plano”, **Idem**

“Ontem estive toda a noite ligado a Portugal a acompanhar as eleições autárquicas. (...) Vi partidos a perderem outros a ganharem, candidatos vencedores e vencidos a convidarem-se para propor ideias e a ocupar cargos de relevo nas suas autarquias”, **Matias de Jesus Júnior**

“Em nenhum momento ouvi falar da Comissão portuguesa de eleições, nem da polícia portuguesa, muito menos de chefes de bancada. Também não ouvi falar dos presidentes das assembleias de voto nem de escrutinadores. Vi um processo eleitoral que se resume em duas palavras: civismo e respeito! Pergunta: porque nós continuamos uns verdadeiros primatas??”, **Idem**

“Estou ainda a digerir parte do discurso de S. Excia. Armando Emilio Guebuza, Presidente da República e Chefe do Estado moçambicano, nas Nações Unidas, ali onde o mundo se reúne. (...) Os discursos ali proferidos levam uma carga simbólica de bradar os céus... Ora o Presidente do meu país encontrou ali um palco privilegiado para alterar a Constituição da República de Moçambique que preconiza a realização de eleições legislativas e presidenciais de cinco em cinco anos, ao convocá-las para Outubro de 2015”, **Fernando Mazanga**

“Para mim, o Chefe de Estado, ao dar um informe daquela jaez ao mundo, deve abstrair-se do seu envolvimento e fazer uma radiografia realística do país. O país não está bem, a democracia multipartidária está com problemas sérios que só um Chefe de Estado que ama o seu povo, que quer

ver os seus governados a desenvolverem individual e/ou colectivamente pode resolver. Não é com pessoas que pensam que devem mandar prender qualquer um que faz pronunciamentos políticos, ou aqueles que tudo podem resolver com recurso à força que podemos construir o país”, **Idem**

“Os relatórios e balanços do Governo do ponto de vista teórico são ágeis a proclamarem que é tudo positivo, mesmo que na prática a maioria dos cidadãos seja pobre e passe fome. É tudo positivo. Nem mesmo nos tempos da operação produção, os relatórios positivos sonegavam as mortes. Não expunham o lado trágico do triunfalismo sempre positivo. Há pouco a produção da jetropha revelou-se um fiasco e os relatórios positivos não deram conta dos fracassos”, **Adelino Timóteo**

“O Governo, que nunca deu a mão à palmatória, foi sempre alérgico a admitir falhas nos seus balanços tendencialmente positivos. Ou sempre foram ágeis a encontrar culpados, como a mão externa do “apartheid”, a senhora chuva e a madrastra seca. Nem o balanço positivo e tendencialmente tenebroso do generoso Presidente expõem os aspectos que entravam o progresso, porque o país sempre progrediu. Os balanços tendencialmente positivos do nosso Governo sempre iludiram a esperança dos pobres coitados dos cidadãos, levando-os a acreditar que o país está a prosperar, quando o índice da pobreza é o mesmo em dez anos”, **Idem**

“Nem mesmo quando jovens graduados de nível médio e superior não têm o que fazer. Nem mesmo quando nas enfermarias não há camas para doentes. Nem mesmo quando não há medicamentos. Nem mesmo quando seja evidente que entramos galopantemente no segundo ciclo de ditadura. Nem mesmo quando há escolta e colunas em Muxunguê. Vivemos num País do triunfo dos balanços positivos. Está tudo positivo. Estes balanços positivos escondem um trunfo: continuar a governar para produzir novos modelos de balanços positivos”, **Ibidem**

“Quinta à Noite” é o programa da TVM-EP que vai para o ar às quintas-feiras a noite. Nele desfilam indivíduos que ostentam títulos de doutor, é assim como se tratam, mas, dizem torrentes de asneiras. Os telespectadores pagam impostos para serem bem servidos e não para ouvirem sortilégios. O “Quinta à Noite” já foi um espaço de debate de ideias e opiniões, mas, agora, virou um covil onde rastejam pais de famílias criticando a Renamo, com os olhos postos nos dois milhões de dólares que o Presidente Armando Guebuza pôs à disposição dos analistas/comentadores da Frelimo para, de forma fraudulenta, falarem bem de si e glorificarem o seu partido”, **Edwin Hounnou**

OBITUÁRIO:

Carlos Renha
1947 – 2013
66 anos

O conceituado músico moçambicano Carlos Renha faleceu no dia 27 de Setembro, vítima de doença, na sua casa, no distrito de Rapale, na província de Nampula. As cerimónias fúnebres tiveram lugar ontem, 29 de Setembro de 2013, naquele ponto do país.

A sua carreira artística iniciou em 1963, com a fundação do Conjunto “Nimala”, composto por 6 elementos. Anos mais tarde, em 1966, gravou e publicou o seu primeiro volume de trabalhos artísticos, contendo quatro obras musicais, intituladas Reunião, Oratha, Kuvo e Kamuiru-kivurwaka.

Com o seu acordeão, instrumento com o qual cativava muitos admiradores e amantes da música popular moçambicana, Carlos Renha e o seu conjunto Nimala abordavam temáticas de intervenção pública, baseadas na convivência e harmonia social dos membros da sua comunidade.

O sucesso e a aceitação dos seus trabalhos artísticos no panorama musical nacional e de Nampula, em particular, fizeram com que, em 1990, gravasse o segundo volume com destaque para as músicas, Vizinho, Rosa, Amiravo, Amuali, Muemelenle, Okuelena omala, Muine Muine, Omualana e Hiyo noroua.

Ao longo da sua carreira de cerca de 50 anos, Renha participou em diversos eventos nacionais, com muita regularidade em festivais regionais – em Nampula, Cabo Delgado e Niassa – e nacionais da música tradicional.

Em 2006, ao artista Renha foi atribuído o Diploma de Participação no II Festival Nacional de Canção e Música Tradicional, na fase provincial. De igual modo, em 2008, foi agraciado com o Diploma de Participação, aquando da realização da fase provincial do Festival Nacional da Cultura.

Em 2012, participou no VII Festival Nacional da Cultura realizado em Nampula. Na fase final do evento, Carlos Renha foi um dos 27 artistas da cultura moçambicana homenageados pelo Governo moçambicano, em reconhecimento do seu contributo na promoção e desenvolvimento das artes e cultura moçambicanas.

A morte do artista Carlos Renha representa uma perda irreparável para o Conjunto Nimala e para a cultura moçambicana, no geral, pois Renha era um dos percursores da preservação e valorização da música tradicional moçambicana.

Paz à sua alma!

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

Aproveitamento político do Afrobasket

A presença da Primeira-Dama, Maria da Luz Guebuza, no jogo em que Moçambique perdeu com Angola, no passado fim-de-semana, acirrou os ânimos dos nossos leitores. Muitos apontam a sua presença como o factor que causou a derrota das nossas brisas meninas. “Desde quando Maria da Luz Guebuza apoiou a selecção de basquetebol feminino?”, questionam atónitos. “É realmente uma atitude digna de Xiconhocas essa. Quase perdíamos com o Senegal e os Camarões porque Vaquina decidiu vir aos jogos. E hoje que veio a Primeira-Dama realmente perdemos. É no que dá fazer um aproveitamento político de um evento desportivo”, dizem os nossos leitores. Foi mesmo um acto de cobardia e digno de Xiconhocas.

Carlos Portimão

Xiconhoca da pior espécie este senhor Carlos Portimão. Para libertar um sobrinho, como um bom Xiconhoca, pensou que o suborno seria a melhor solução, mas felizmente deu-se mal. O pior é que se trata de alguém que foi escolhido para governar uma autarquia, no caso, claro, de ser eleito nas próximas eleições municipais. “Só de pensar que este corrupto poderia dirigir os destinos de Moatize sinto um arrepio. A edilidade seria uma autêntico antro de falcatruas”, sintetiza uma leitora o alívio pelo facto de a briosa magistrada do Ministério Público ter dado mostras de que é preciso confiar na Justiça.

EMATUM

Quando os Xiconhocas se juntam surgem coisas do género. A EMATUM é resultado disso. Um negócio de 300 milhões de euros só podia fazer com que os Xiconhocas fizessem das suas. O ridículo da coisa é de proporções oceânicas. A empresa foi criada a 2 de Agosto e, volvidos 30 dias, acertou a redonda bolada de 300 milhões de euros. A data da criação da empresa revela que a decisão de compra foi tomada antes da criação da empresa, tendo em conta o intervalo entre o registo da sociedade anónima e o anúncio da encomenda. Deve-se tratar de caso único no Mundo. Viva a EMATUM. Ou seja, o crescimento rumo à prosperidade no país dos Xiconhocas

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Jovens que se aproveitaram do "Afrobasket" para fins políticos

No país das Xiconhoquices não aconteceu nada de novo, salvo as Xiconhoquices que cobrem o solo desta bela pátria de heróis. Houve o Afrobasket, mas isso também não é algo novo. Ficámos em segundo lugar, o que também não é novo. Ainda assim estamos de parabéns. Aliás, as meninas e a equipa técnica estão de parabéns. Também não nos podemos esquecer dos heróis que trabalharam no anonimato para que o sonho de um título africano fosse quase possível.

A prova não podia chegar ao fim sem que os Xiconhocas tentassem tirar partido do facto de os moçambicanos que residem em Maputo convergirem para o pavilhão do Maxaquene. Os jovens que, nesta altura, deviam abraçar a rebeldia e o inconformismo para justificarem o vigor da idade, andaram em sessões de campanha no recinto da competição. A Xiconhoquice, diga-se, foi tão violenta e cobarde que, vezes sem conta, foram apupados pelo inteligente e maravilhoso povo moçambicano. O desporto, camaradas, nunca foi uma passarela para a política pedante desfilas as suas ossadas. Há coisas mais importantes na vida do que a propaganda. Aliás, a própria propaganda deve ser feita com rigor e profissionalismo. Xiconhoquice é confundir o espaço da unidade com a particularidade. Nem a Frelimo e nem o MDM

são maiores do que a nossa moçambicanidade.

Lapso (ou não) do PR na ONU

É difícil acreditar que tenha sido um lapso. Não cabe na cabeça de qualquer indivíduo, com dois dedos de testa, que o Presidente da República, Armando Emílio Guebuza, tenha cometido um lapso na ONU. Não é possível, mas não é possível mesmo. Guebuza é famoso pelo rigor na disciplina. É extremamente metódico. Essas características da sua personalidade revelam que não é possível que um lapso, na redacção do documento, tenha traído um Presidente tão experimentado nas lides de governação.

Suponhamos, apenas isso, que tenha sido um erro de digitação. Uma vez que o cinco está ao lado do quatro no computador, é bem provável que a pessoa encarregada de redigir o texto tenha cometido, sem perceber, tal erro. Também pudemos supor que o responsável superior hierárquico tenha lido e passou pelo 2015 e não reparou. Acontece e é até normal, mas até o documento chegar ao Presidente da República deve ter passado por várias pessoas. A Xiconhoquice reside neste facto. Várias pessoas leram um documento e nenhuma compreendeu que estava lá um erro crasso. Não é possível. Talvez tenha sido sabotagem. O Presidente tem inimigos no seio da sua própria equipa

de trabalho. É uma hipótese que não pode ser descartada levianamente.

Mas também podemos estar diante da revelação de um desejo inconfessável. Porém, de todos os modos estamos diante da maior Xiconhoquice do presente quinquênio.

Cortes no subsídio para idosos

Celebrou-se, nesta terça-feira, o Dia Internacional do Idoso. Entretanto, os idosos do distrito de Bárue, na província de Manica, queixaram-se de cortes nos seus subsídios mensais atribuídos pela Delegação do Instituto Nacional de Acção Social (INAS).

João Singano, ancião residente no bairro Saibão, questionou o facto de, num período de dois meses, cada casal de idosos receber 640 meticais em vez dos 1000 meticais previstos. Aliás, há quem aufera 250 meticais/mês.

Sobre este caso, o delegado do INAS em Bárue, Armando Tangai, explicou que a atribuição do subsídio social básico é feita de acordo com a composição do agregado familiar. Qualquer coisa não foi bem contada nesta Xiconhoquice. O mesmo aconteceu em Xigubo quando @Verdade visitou o distrito. Alguém, dizemo-lo de ciência certa, anda a comprar blocos com o dinheiro dos idosos de Bárue. Não temos dúvidas. Aliás, isso até é normal no país campeão mundial das sacanices...

Polícia extorque e tortura cidadãos incautos

A relação entre a sociedade e alguns agentes da Lei e Ordem tende a dar-se de maneira assustadora. Na Polícia há elementos que recorrem ao poder conferido pelo seu ofício e a troco de alguma quantia irrisória desrespeitam o uniforme, destratam, torturam e extorquem impiedosamente cidadãos indefesos. Há inúmeros relatos deste tipo de casos em todo o nosso país, que, por diversas razões, dentre as quais o medo das vítimas de sofrer represálias, chegam a não constituir notícia. Mas cada vez que os ofendidos nos contam o sucedido, a raiva renasce. E dói mais por aquilo que se ouve constantemente na rua. “Não temos onde queixar”.

Texto: Alexandre Cháuque • Foto: Miguel Mangueza

Recentemente, um cidadão que nos falou sob anonimato telefonou para o nosso jornalista baseado em Inhambane e disse: “Tenho um assunto que me está a rebentar o coração. Enquanto não falar disso com alguém vou morrer sufocado. Estás disponível para me ouvir?”.

Na verdade o repórter estava disponível, como é sua obrigação estar de atalaia. Conhece muito bem a fonte que lhe contactava. Não duvida da sua integridade e frontalidade. E mesmo que não fosse por essas qualidades, o jornalista aceitou o encontro, porque é seu dever auscultar a todos, incluindo os criminosos, dos quais certos agentes da Polícia fazem parte.

Já dentro da viatura da fonte, os dois foram para um lugar tranquilo. Discreto. Onde estacionaram. “Sabes, meu caro, tenho por ti um grande respeito. O que te vou contar não o disse a mais a ninguém e nem vou fazê-lo. Fui puxado para muito baixo, mas por culpa da minha própria estupidez. Por favor, quero que contes esta história, entretanto sem citar o meu nome porque aqueles que me conhecem primeiro não vão acreditar que eu fiz isso, depois vão-se rir de mim. Para além dos riscos que eventualmente possa correr”.

O interlocutor do repórter tentava dessimular o nervosismo e a raiva, contudo, não o conseguiu completamente. Fumava vorazmente cigarro atrás de cigarro, pegando e largando o volante do automóvel imobilizado, e batendo constantemente na coxa do repórter sentado ao seu lado.



“Olha, eu estive em Maputo, na semana passada, para tratar de uns assuntos. Ora bem, numa das tantas voltas que dei pela cidade eis que venho a descer pela Avenida 24 de Julho. Junto ao Quartel General há uma passadeira e um semáforo, pelos quais transitei obedecendo às regras estabelecidas. Contudo, ao transpor a Avenida Guerra Popular sou interpelado por um polícia de trânsito, o qual me diz que eu passei pelo semáforo com o sinal vermelho”.

O homem ficou estupefacto mas, segundo as suas palavras, não se surpreendeu muito. “Percebi o que aquele indivíduo pretendia, e como eu não estava para aturá-lo numa discussão que poderia provavelmente reverter-se contra mim próprio, e porque também o tempo estava a tomar conta de mim, tirei duas notas de duzentos meticais e enfiei-lhe na mão”.

É aqui onde começa a estupidez da nossa fonte. O polícia recusou o valor, esgriuiu-se contra o suposto infractor recordando-lhe das consequências em que se envolve quem comete o crime de corrupção.

“Arrependi-me imediatamente do meu gesto. O sacana devolveu-me o dinheiro ao mesmo tempo que apareceram mais três “abutres” incluindo uma “fêmea”. O discurso deles incidia na pena a que eu incorreria, nas multas que haveria de pagar em caso de condenação. Mas, segundo um deles, poderíamos encontrar um meio-termo. E para meio-termo os quatrocentos meticais eram poucos”.

Metido num beco, com saída difícil, o “criminoso” remexeu a carteira, dentro da qual tinha um valor de cinco mil meticais. Mesmo assim não bastava.

“Sabes, eu ficava cada vez mais estúpido, mais ridículo perante mim próprio. E a alternativa foi pegar nos homens, dentro do meu carro e ir com eles ao banco onde levantei 15 mil meticais, porque já não estava em condições de me defender. Pegaram no dinheiro e foram-se embora, os sacanas. Mas o pior estúpido fui eu. Outro detalhe risível, e mais estúpido ainda, obrigaram-me a fazer um “u” num semáforo e quando lhes recordei que aquela manobra constituía uma contravenção, responderam-me que não havia problema. “Estás connosco””.

Perguntámos ao nosso entrevistado se tinha fixado o nome de um deles grafado na lapela. “Achas que eu tinha fígado para fazer isso? Meu caro, eu contei-te isto apenas como desabafo e também para mostrar, uma vez mais, como é que age esta Polícia que temos. Como o meu caso há muitos por aí. Eu devia



Para estar sempre actualizado sobre o que acontece no país e no globo siga-nos no [twitter @verdademz](https://twitter.com/verdademz)

aceitar a multa logo à primeira, para depois discutir em instância própria, mas tu sabes o que é que isso significa neste país”.

Já lhe tinham exigido guia para cão

“Desculpa lá, deixa-me abusar só um bocadinho da tua paciência. Não passa muito tempo que outro grupo dessas aves de rapina mandou-me parar na zona de Marracuene. Pediram-me os documentos e eu exhibi-os. Fizeram o levantamento dos faróis e travões e mais. Estava tudo no ponto”.

Todavia, os homens da Lei e Ordem deparam com um cão que ia no banco de trás da viatura. Perguntaram ao seu proprietário se o animal estava vacinado e ele respondeu que sim, mostrando a papelada. Mas não ficaram satisfeitos, “perguntaram-me se tinha guia de marcha do canino e eu respondi-lhes que esse documento, geralmente, é exigido nas viagens internacionais. Foi uma discussão forte e, estupidamente, aceitei sacar de um valor para seguir viagem”.

Depois não contou ao repórter mais nada, o que ele pediu é que não fizesse constar o seu nome e nem dissesse a ninguém que o protagonista desta história é ele. “Não quero ficar ridículo”, remata o nosso interlocutor.

Vergonha perante convidados

Uma cidadã agastada narrou-nos que, há dias, saiu, à noite, com dois amigos estrangeiros para jantar algures na cidade de Maputo. No regresso eles foram interpelados por certos elementos da PRM de frente do primeiro portão que dá acesso ao Centro de Conferências Joaquim Chissano, em direcção ao bairro da Costa do Sol.

“Fui intimada a parar por dois “cinzentinhos” com as lanternas viradas para a nossa direcção e sem nenhuma identificação, excepto a habitual farda deles. Pediram-me a carta de condução, o livrete e os documentos de identificação dos dois passageiros. Quando estavam (os elementos da PRM) em posse de toda a documentação, um deles foi agressivo ao dirigir-se a nós e disse que devia revistar a viatura”.

A condutora e os seus dois amigos foram instados a sair do carro e de seguida abertas todas as portas. “Enquanto eu abria a parte traseira do veículo apercebi-me de que mandaram o meu amigo abrir a carteira e vi um dos polícias com uma nota de 500 dólares junto aos nossos documentos. Mandaram-me também abrir cada divisória da minha carteira de documentos”.

Nada de estranho foi encontrado no veículo. Depois de uma troca de palavras, os membros da corporação abandonaram o local, todavia, a denunciante e os seus amigos aperceberam-se de que na carteira de um deles haviam desaparecido 500 dólares (pouco mais de 14.500 meticais). “Dirigimo-nos à esquadra da Julius Nyerere para informar sobre a ocorrência mas fomos aconselhados a contactar a esquadra da Mao Tse Tung”.

Chegados ao sítio, não houve intervenção imediata por parte da Polícia devido à falta de viatura para o efeito, por isso, volvidos 10 minutos de espera, os ofendidos transportaram a corporação no carro deles e foram atrás dos supostos “larápios”, dois dos quais foram identificados e recuperado o dinheiro. Contudo, não foi aplicada nenhuma punição aos agentes da Lei e Ordem.

Dias depois, novamente na companhia de amigos, a mesma cidadã que nos contou este episódio foi interpelada, no mesmo lugar, por mais de seis polícias. Do depoimento da ofendida, constam várias coisas repugnantes cometidas por quem viola o seu dever de garantir a ordem, a segurança e a tranquilidade públicas. “Onde anda a nossa Polícia de Trânsito que nos deixa à mercê de agentes de protecção sem qualquer noção das regras do Código da Estrada e sequeiros de obter dinheiro à custa dos cidadãos de Maputo e de visitantes? Que vergonha eu passei perante os meus amigos!”

Escoltado até ao banco

Outro cidadão regressava do trabalho num táxi, por volta da meia-noite. Ele foi interpelado por um grupo de agentes da PRM, na Avenida Julius Nyerere, defronte do Hotel Polana. “O taxista forneceu os documentos do veículo e a sua carta de condução. De seguida, um agente da Polícia dirigiu-se a mim e pediu para que me identificasse. Por azar, naquele dia, eu havia esquecido os meus documentos no escritório”.

O nosso interlocutor assume todo o tipo de responsabilidades que lhe forem imputadas pelo facto de ter circulado na via pública sem documentos naquela noite, apesar de que tal acto não foi propositado. Ele aprendeu que nunca deve andar sem identificação – como fez questão de anotar um dos agente da PRM – mas condenou a atitude dos que recorrem ao abuso de poder para protagonizar chantagens e extorquir dinheiro.

O cidadão ofereceu-se para se deslocar ao seu escritório na companhia dos elementos da corporação a fim de recuperar os documentos, porém, foi impedido. Sugeriu igualmente que podia telefonar para alguém da sua confiança, que pudesse ir até ao posto de trabalho buscar a identificação até onde estava retido pela Polícia, mas, outra vez, sem sucesso.

“Os polícias disseram que não era possível fazer um telefonema e eu teria que lhes acompanhar até à esquadra. Esta opção foi prontamente posta de lado por outro membro da PRM, o qual me disse que ia passar uma multa de cinco mil meticais (por não estar identificado) e depois iria levar-me à casa. Sem saber o que fazer e sem querer ir parar numa esquadra cedi. Foi-me ordenado que pagasse o táxi e depois perguntaram quanto dinheiro eu tinha”.

Após essas perguntas e já em desespero, a vítima respondeu que trazia consigo cerca 300 meticais, valor que ficou, também, na posse dos polícias em questão. Depois disso, foi escoltada numa viatura da Polícia até ao banco mais próximo donde sacou cinco mil meticais, supostamente para o pagamento da multa. “Entreguei o dinheiro aos polícias, recusei a boleia deles e apanhei outro táxi para casa”.

Sociedade

Outro cidadão, que teria sido vítima dos supostos agentes da PRM, escreveu ao @Verdade relatando o mesmo problema, que se passou, também, na Julius Nyerere. Pela sua descrição, a maneira de agir desses indivíduos é a mesma: mandam as vítimas descer da viatura, exigem-lhes a identificação e depois inventam motivos para obter algum dinheiro. Estes actos acontecem igualmente na Avenida Mao Tse Tung, para além de tantas outras artérias da urbe.

Entretanto, a Polícia quer provas concretas para agir, segundo o porta-voz da PRM a nível da cidade de Maputo, Arnaldo Chefo. Este admitiu, porém, que casos tais como os que aqui são narrados acontecem frequentemente, mas, infelizmente, ninguém apresenta factos com vista à neutralização dos elementos da corporação que protagonizam actos de corrupção. A pergunta que fica é: que cidadão irá dar a cara relativamente a este tipo de problemas num país em que há pessoas que são intimidadas só por exigir a observância escrupulosa dos seus direitos sistematicamente violados?

Perseguidos e humilhados como ladrões

Na sexta-feira passada, 27 de Setembro, por volta das 19h:30, dois cidadãos foram interpelados por três supostos agentes da Polícia não fardados que se faziam transportar numa viatura com a matrícula MMQ 78-O3, nas proximidades da 7ª esquadra, em Maputo, quase no cruzamento entre as avenidas da Zâmbia e Ahmed Sekou Touré.

“Um dos polícias mostrou-nos o seu crachá e ordenou que estacionássemos o carro. Tivemos medo e fugimos. Houve um disparo, que não nos atingiu, pois, segundo os mesmos polícias, foi para o ar. Volvidos alguns minutos de perseguição, ficámos imobilizados na Avenida Eduardo Mondlane, perto da estátua”.

De acordo com os nossos entrevistados, no lugar havia gente a vender produtos diversos, para além de transeuntes. Todavia, ninguém interveio porque os supostos polícias, com armas em punho, disseram: “ninguém se mete”.

Naquele sítio, os cidadãos a que nos referimos ficaram retidos porque o carro no qual fugiam parou, de repente, devido a um problema relacionado com o alarme. “Os agentes da PRM algemaram o meu braço direito ao do meu cunhado, deixando-nos numa posição incómoda e com as algemas bem apertadas. De seguida um dos polícias ficou no volante e pediu para que revelássemos o segredo do carro com vista a ser posto em marcha, mas recusámos”.

Nesse momento, um parente de uma das vítimas, alertado telefonicamente sobre a ocorrência durante a perseguição, fez-se ao local e a sua primeira intervenção foi tentar arrancar as chaves da viatura. “Pedimos para que nos deslocássemos à esquadra que se encontrava ali perto mas os elementos da Polícia negaram. Conduziram-nos no carro deles até a 18ª esquadra por ordem de um comandante com o qual eles falaram ao telefone. Pelo caminho apertaram ainda mais as algemas”.

Na 18ª esquadra, os supostos membros da PRM aconselharam as vítimas a desembolsarem dois mil meticais para abafar o caso, porque se ficassem presas as coisas iriam complicar-se. “Dissemos que não tínhamos dinheiro naquele momento, contudo, podíamos combinar um lugar para lhes entregar. De repente o meu irmão estava a chegar. Quando se dirigiu ao comandante os polícias desapareceram”.

Depois de uma hora na esquadra, os nossos entrevistados foram restituídos à liberdade. A Polícia afirmou que não conhecia os agentes da corporação que molestaram as vítimas nem a viatura na qual se faziam transportar. Entretanto, à saída “identificámos o carro e alertámos imediatamente a Polícia. Esta reconheceu as três pessoas e disse que eram colegas de trabalho. Uma delas pediu para fazer uma chamada telefónica e desapareceu”.

O caso foi transferido para a 7ª esquadra, na jurisdição do sítio onde o acontecimento foi registado. Todavia, um agente da Polícia de Investigação Criminal encarregue de abrir o processo-crime contra os seus colegas negou agir nesse sentido. Por insistência do comandante, o documento foi lavrado.

Sobre este caso, Arnaldo Chefo disse que os seus colegas não estavam uniformizados e usaram armas de fogo para fins alheios à corporação, uma vez que não estavam escalados para trabalhar naquele dia. Houve tentativa de roubo da viatura dos cidadãos ofendidos.

Alunos do Internato de Rapale sem água e comida

Há mais de duas semanas que 165 estudantes em regime de internato no Centro da Vila de Rapale, no distrito com o mesmo nome, na província de Nampula, vivem um momento horroroso: a instituição que eles frequentam está a enfrentar uma crise de alimentos e não tem meios para abastecer o armazém. O desespero é de tal sorte que os alunos já foram alertados no sentido de, individualmente, encontrarem alternativas até que melhores dias cheguem. Para além disso, há crise de água, que se arrasta há bastante tempo, e as condições de alojamento são deploráveis, sobretudo os balneários.

Texto: Redacção • Foto: Cristóvão Bolacha

A instituição a que nos referimos alberga 91 rapazes e 74 raparigas com idades compreendidas entre 12 e 19 anos, dos níveis primário do 2º grau, básico e médio do ensino secundário geral, que estudam em regime “fechado”.

Através do próprio director do Centro Internato de Rapale, Hermínio André, o @Verdade ficou a saber de que os maus momentos vividos por aquele grupo devem-se ao facto de os Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia de Rapale (SDEJT) estarem a alocar uma verba insignificante para cobrir as despesas internas. Segundo os formandos, no que diz respeito à alimentação, o menu principal é basicamente constituído por feijão não bem confeccionado – sem os ingredientes necessários –, e chima de farinha de milho. O arroz é consumido apenas nos dias festivos.

Hermínio André, director do Centro Internato de Rapale, reconheceu as dificuldades com que a sua instituição se debate e explicou que tudo se deve à exiguidade de fundos, uma vez que o internato desembolsa somente 60 mil meticais trimestralmente, o que, obviamente, não chega para colmatar as necessidades básicas de alimentação dos 165 alunos. Mensalmente, são necessários 50 mil meticais.

“Com os produtos que adquirimos com o dinheiro do governo distrital não levamos 90 dias, daí que sempre enfrentamos falta de comida”, reconheceu o nosso entrevistado, para quem o pouco que o executivo aloca, com atraso, só cobre uma refeição por dia. As restantes têm sido um bico-de-obra para serem asseguradas.

De acordo com Herminio André, a falta de alimentos deriva, também, do facto de alguns estudantes não terem pago a prestação do último trimestre no valor de mil meticais cada. Anualmente, eles desembolsam três mil meticais. Esse montante, se fosse pago a tempo, poderia ser usado na aquisição de comida para atenuar o problema.

O @Verdade apurou que não é a primeira vez que os educandos do Centro Internato de Rapale enfrentam a fome. Trata-se de uma situação que no ano lectivo em curso acontece pela terceira vez. E é deveras preocupante para os alunos cujos familiares residem longe do estabelecimento de ensino que frequentam, que acolhe pessoas provenientes do distrito de Rapale e outros circunvizinhos, incluindo os da cidade de Nampula.

“Quando conseguimos algo para comer, comprado com o dinheiro das nossas contribuições, formamos pequenos grupos e confeccionamos nas instalações do centro, apesar de que é proibido”, disse-nos uma aluna. E parece que as coisas caminham para uma situação em que caberá aos formandos comprar comida por conta própria, isso a avaliar pelas crises que já aconteceram.

Outra inquietação que afecta os membros do Centro Internato da Vila de Rapale é a falta do precioso líquido para todas as actividades, incluindo para consumo. Não existe nenhum sistema de abastecimento de água convencional. Os alunos percorram mais de 10 quilómetros para encontrar rios e poços tradicionais.

Sem dinheiro, a instituição a que nos referimos forma os futuros



dirigentes desta nação da forma que pode, o que faz com que se pense que está a atravessar um momento de carência cuja solução não se vislumbra. Os estudantes queixam-se igualmente da falta de vasos sanitários condignos. É que para os 165 instruendos daquele estabelecimento de ensino só estão disponíveis duas casas de banho precárias, uma para homens e outra para mulheres. No centro não há luz.

Segundo os nossos interlocutores, há focos de defecação a céu aberto nos arbustos próximos por conta da falta de latrinas em boas condições e em número suficiente para o grupo. “A direcção nunca se preocupou em criar mínimas condições de higiene”. A situação tende a atingir contornos preocupantes perante a indiferença de quem devia mover palhas com vista a evitar o pior na época chuvosa que se aproxima. Os alunos já receiam contrair doenças e isso causa-lhes insatisfação.

Aliás, o director do Centro Internato da Vila de Rapale disse-nos que há falta de transporte para evacuar os enfermos para uma unidade sanitária em caso de alguma doença, sobretudo em casos de alguma enfermidade grave. Refira-se que esta instituição se situa a cerca de cinco quilómetros da vila sede de Rapale.

Os instruendos queixam-se igualmente da ausência de segurança, sobretudo no bloco feminino, uma vez que não dispõe de vedação, iluminação, dentre outras medidas de precaução e que garantam conforto. Hermínio André reconheceu este problema e contou-nos que o estabelecimento não possui instalações próprias, por isso os estudantes do sexo masculino vivem numa residência pertencente aos padres de uma igreja Católica, enquanto as meninas se encontram (des) acomodadas numa casa de uma organização não-governamental cujo nome não nos foi revelado.

Para ultrapassar essa dificuldade, o governo distrital está a enviar esforços no sentido de mobilizar fundos para a construção de um estabelecimento de ensino com condições básicas para um ser humano se sentir confortável, de acordo com o nosso entrevistado, que não avançou datas para o efeito.

É em situações semelhantes a estas que os estudantes de vários centros de internato espalhados pelo país, principalmente nos distritos, são instruídos. Por exemplo, recentemente, os alunos do Instituto de Formação em Administração e Cartografia (INFATEC), sito no bairro da Machava, na cidade da Matola, queixaram-se, também, ao nosso jornal de estarem a viver em precárias condições de alojamento que se resumiam na degradação daquela instituição sem o devido restauro, nas dificuldades de acomodação, na falta de água e luz, na alimentação inadequada e na precariedade da higiene.

Os estudantes em causa dirigiam-se às famílias que vivem nas proximidades da sua escola para ter acesso ao precioso líquido. Eles faziam necessidades biológicas num arbusto local quando não era possível recorrer aos vizinhos.

Nenhum pai deve ser impedido de matricular o filho por falta de documentos

O processo de matrículas para a 1ª classe iniciou esta terça-feira, 01 de Outubro, em todo o território moçambicano, e vai decorrer até 31 de Dezembro próximo. O Ministério da Educação (MINED) prevê inscrever um milhão, trezentos e vinte e um mil (1.321.000) novos ingressos e adverte que nenhuma criança deve ser impedida de se matricular por falta de Cédula Pessoal ou outro documento de identificação.

O porta-voz do MINED, Eurico Banze, disse que a inscrição dos peizes que pela primeira vez se vão sentar no banco da escola irá decorrer em 11.753 estabelecimentos de ensino primário e abrange todas as crianças que completam seis anos de idade até finais de 2014.

Segundo a fonte que temos vindo a citar, o número de crianças a serem inscritas representa um aumento de mais de 300 mil alunos em relação ao ano lectivo em curso, tendo sublinhado que para o cumprimento da meta traçada é necessário que os pais e encarre-

gados de educação, as autoridades locais, religiosas e outros segmentos da sociedade intervenham para que nenhum menor em idade escolar fique sem estudar.

“Os gestores escolares devem ser capazes de criar condições para que as matrículas ocorram sem sobressaltos”, disse Banze, que alertou, de forma reiterada, que não se pode impedir os pais de matricular os seus filhos por falta de alguma identificação, pois o sector da Educação abre espaço para que o documento em causa seja entregue no decurso do ano lectivo./ **Redacção**

Universal Plástico pontapeia Lei do Trabalho

Esta história é apenas um exemplo das várias violações grosseiras das normas previstas na Lei n.º 23/2007 de 1 de Agosto, em vigor em Moçambique. Se o leitor ainda não foi vítima de uma dessas infracções protagonizadas pelos empregadores, numa situação em que certas entidades criadas para dirimir os litígios resultantes da má interpretação do mesmo dispositivo ou do desleixo agem de maneira inconveniente, pelo menos conhece alguém que já foi injustiçado.

Texto: Redacção • Foto: Coutinho Macandze

Inácio Mahumane trabalhava numa empresa chamada Universal Plástico, no bairro de Tchumene II, na cidade da Matola. Ele reside igualmente na Matola, na unidade “H”, quarteirão 36. Hoje está desemprego e deverá correr atrás de editais para o provimento de vagas de emprego porque depois de sofrer lesões devido a uma queda durante o exercício das suas funções foi despedido como um cão e sem nenhuma indemnização.

À semelhança do que acontece em várias firmas do território nacional, naquela sociedade, existe gente que está a trabalhar há mais de seis meses sem contrato, segundo narraram alguns empregados que não esconderam a sua insatisfação com o patronato.

Eles contaram-nos que, para além de outras transgressões, exercem as suas funções num ambiente de racismo, o critério de fixação de salários é penalizador na medida em que há colaboradores que diariamente só auferem 130 meticais e não sofrem nenhum desconto para o sistema de segurança social.

Em relação ao caso de Inácio Mahumane, no final de Julho passado, ele encontrava-se a manobrar uma máquina de produção de artigos plásticos no seu posto. Nesse dia, por volta das 19h:00, o aparelho avariou, de repente. O jovem pegou numa ferramenta e subiu para reparar o desarranjo porque entendeu que não devia paralisar a sua actividade por causa de um dano cuja solução estava ao seu alcance. Entretanto, por azar, ele caiu e contraiu lesões nas costelas, facto que o impossibilitou, por algum tempo, de exercer trabalhos pesados. Aliás, nunca mais voltou a trabalhar porque foi expulso.

Depois do acidente, o nosso interlocutor não teve socorro imediato, uma vez teve que aguentou até ao fim da jornada laboral dos seus colegas, com os quais devia ser transportado numa viatura da companhia até Malhampense, a partir de onde cada um iria tomar outro carro para o seu domicílio. Durante o trajecto, já num outro veículo, as dores nas costelas intensificaram-se. A vítima pediu ao motorista para que fosse levado ao Centro de Saúde da Matola “H”, onde não foi submetido a nenhum exame médico porque naquela hora da noite somente o banco de socorros é que estava a funcionar.

Antes de se dirigir àquela unidade sanitária, Inácio Mahumane contactou a Universal Plástico para informar sobre o que acabava de lhe acontecer, tendo o patronato desembolsado 200 meticais para o tratamento. Além de outras regalias a que o lesado tinha direito em virtude do acidente contraído durante o trabalho, a empresa prometeu dar uma compensação, o que não se concretizou.

Na manhã seguinte, Inácio Mahumane deslocou-se ao Centro de Saúde da Matola “H”, do qual foi transferido para o Hospital Geral José Macamo a fim de ser submetido um exame de Raios-X, que confirmou ter sofrido pequenas fracturas nas costelas.



Por conseguinte, o paciente devia ficar três semanas de repouso e sem exercer nenhuma actividade pesada.

Expulso de forma desumana

Volvidos dois dias, o nosso interlocutor dirigiu-se novamente à firma para informar ao patrão de que o hospital lhe recomendara um repouso de 21 dias. Ao invés de ser bem recebido, Inácio Mahumane foi desprezado, insultado, ameaçado e escoraçado pelo empregador como um vira-lata.

“O patrão disse-me que eu estava despedido porque não tinha nenhum compromisso comigo, não havia assinado nenhum contrato e que devia receber 130 meticais que faltavam porque o tratamento médico já havia consumido todo o meu salário”.

Inácio ficou furioso, rangeu os dentes e abandonou o local sem beneficiar dos referidos 130 meticais, uma vez que tinha direito a um salário e uma indemnização em consequência do acidente que sofreu. Aliás, o jovem admite que trabalhou dois meses sem contrato mas isso não é motivo para ser espezinado e desvalorizado.

IPAJ decide a favor do patronato

Inconformado com a injustiça a que estava sujeita, o jovem deslocou-se ao Instituto de Patrocínio e Assistência Jurídica (IPAJ) com o intuito de pedir auxílio e ver os seus direitos escrupulosamente respeitados. A instituição emitiu a primeira convocatória a solicitar a comparência da Universal Plástico mas esta não se fez presente. Foi necessária uma segunda “intimação” mas na altura da audição das partes aconteceu algo inesperado: a técnica do IPAJ, Charmila Amaral, deu razão ao patronato sem aprofundar o caso. E disse que a vítima não tinha direito a nenhuma compensação, uma vez que não havia firmado nenhum contrato de trabalho com aquela firma.

Numa atitude supostamente de caridade, ao invés de 130 meticais, a companhia entendeu que devia pagar 1.000 meticais a Inácio. “Fiquei decepcionado com o procedimento de alguns sectores da justiça moçambicana que, ao invés de garantirem o cumprimento dos nossos direitos, infringem-nos. Que país é este? Continuarei a lutar para que haja justiça”. Inácio Mahumane afirmou que o patronato lhe prometeu um ressarcimento de 40.000 meticais pelos danos contraídos durante o trabalho, porém, nada disso aconteceu.

Não há lugar a indemnização

A empresa Universal Plástico defende que não há razões nenhuma para indemnizar Inácio Mahumane alegadamente porque não tinha qualquer vínculo contratual com ele. Num outro desenvolvimento, a sociedade alegou que o visado não foi demitido porque nem sequer existe um documento que comprova essa medida.

Um dos gerentes da companhia, identificado pelo nome de Gonçalves, disse-nos, telefonicamente, que a firma custeou as despesas de assistência médica do jovem por causa do acidente durante o exercício das suas funções. Entretanto, o que está acontecer agora são calúnias e difamações somente para manchar a firma. Estes supostos crimes podem

culminar com um processo-crime contra Inácio.

Segundo Gonçalves, os 1.000 meticais desembolsados a favor do reclamante foram mediante um consenso alcançado entre as partes depois da intermediação do IPAJ. Houve, inclusive, uma acta elaborada nesse sentido. Aliás, o membro da Universal Plástico alegou ainda que Inácio ficou lesionado porque tentou fazer um trabalho que não lhe competia.

“Se tivéssemos que seguir a lei do trabalho o empregado não seria remunerado nem sequer um centavo, mas porque somos humanos tivemos a bondade de lhe ajudar com 1.000 meticais e custeamos a assistência médica”, disse Gonçalves, para quem é muita ingratidão da parte de Inácio querer receber uma compensação de 40.000 meticais depois de ter sido ajudado pela empresa.

O trabalhador tem direito a ressarcimento

O jurista moçambicano José Caldeira explicou-nos que, apesar de ser obrigatória a existência de um contrato escrito e assinado pelas partes, a ausência desse documento não impede que os litígios laborais sejam regulados recorrendo-se às mesmas regras previstas na legislação vigente no país. Relativamente ao caso de Inácio houve um vínculo verbal. Se não existirem folhas de salário, o trabalhador pode recorrer a testemunhas para efeitos de confirmação da sua ligação com a empresa.

José Caldeira sublinhou que o patronato deve assegurar assistência médica e outros encargos a todo o empregado que sofrer um acidente de trabalho, inclusive durante a fase da sua recuperação. Esta obrigatoriedade está plasmada no artigo 124 (Formas de Cessação do Contrato de Trabalho), número um e alínea d, da Lei n.º 23/2007, que aprova a Lei do Trabalho, o qual prevê que o contrato de trabalho pode ser rescindido “por qualquer das partes contratantes com justa causa”.

O nosso interlocutor explicou ainda que o artigo 135 (Efeitos da Imprudência da Rescisão) da mesma lei defende, no número dois, que “declarados judicialmente improcedentes os fundamentos invocados para a rescisão do contrato de trabalho, o trabalhador é reintegrado no posto de trabalho com direito ao pagamento do valor correspondente às remunerações vencidas entre a data da cessação do contrato e a da efectiva reintegração, até ao máximo de seis meses, deduzido o valor que houver recebido, se for o caso, a título de indemnização no momento do despedimento”.

O número três do mesmo artigo, segundo Caldeira, estabelece que “por opção expressa do trabalhador ou quando circunstâncias objectivas impossibilitem a sua reintegração, o empregador fica obrigado a pagar uma indemnização calculada nos termos do artigo 128 da presente Lei, contando-se para a antiguidade todo o tempo decorrido entre a data da cessação e a da sentença que declarou a sua nulidade, até ao máximo de seis meses”.

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

Venda de terreno no seminário menor em Nampula divide crentes

Crentes da Igreja Católica na cidade de Nampula estão preocupados com o comportamento dos seus dirigentes, devido a uma alegada venda de terra pertencente à Igreja Católica em Nampula a terceiros, sem respeitar as regras internas, que consistem na consulta dos seus crentes. O caso mais recente está ligado à venda duma parte de terra do seminário Mater Apostolorum de Nampula, localizado na zona da Nampaco, na cidade de Nampula, à empresa África Petroleum, Lda, para dar lugar à construção duma bomba de combustível, cujas obras estão em fase de acabamentos.

Texto: Redacção • Foto: Cristóvão Bolacha

De acordo com os crentes daquela congregação religiosa, a decisão da venda de parte de terra do seminário maior em Nampula não foi tomada mediante um consenso entre os sacerdotes e os fiéis. Supõe-se que o negócio envolve alguns padres, a mando do arcebispo Don Tomé Makueliha, cujo valor terá beneficiado um punhado de dirigentes daquela igreja.

Alguns anciãos que denunciaram este caso ao nosso Jornal, dizem que facto curioso é que antes do negócio ter sido consumado entre as partes, o empresário e proprietário da África Petroleum teria manifestado junto da direcção da Igreja a pretensão de comprar o local, mas depois dum encontro entre os superiores da Igreja Católica em Nampula, a proposta foi chumbada. Volvido algum tempo, viu-se o processo de limpeza e vedação do mesmo.

“Fomos ao local consultar sobre o assunto, os homens da obra negaram explicar o que estava a acontecer em relação ao negócio do espaço, mas confessaram que tudo teria sido feito entre o empresário que é proprietário da empresa e alguns padres”, contou-nos um dos fiéis daquela religião.

Aliás, o negócio da venda do referido espaço foi consumado no ano de 2010, daí que, em 2011, arrancaram as obras de construção da mencionada bomba de abastecimento de combustível. “Exigimos que os responsáveis da Igreja nos coloquem a par do que estava a acontecer, mas ninguém quer esclarecer o assunto, o que nos põe a concluir tratar-se dum negócio que foi realizado para fins pessoais, e o dinheiro não entrou nos cofres da Igreja”, disse agastado um dos anciãos.

Por outro lado, circulam informações segundo as quais o mesmo grupo que liderou a venda do espaço do seminário menor em Nampula está, igualmente, a preparar outro negócio de venda de mais um espaço da Igreja Católica. Trata-se do local onde funciona a Rádio Encontro, emissora católica de Nampula. O espaço faz parte do património da Igreja Católica a nível daquela região.

“Há uma proposta apresentada por um empresário renomado da praça em que se prevê um aproveitamento do espaço onde funciona o estúdio principal da Rádio Encontro. Será construído um prédio para o funcionamento da rádio e nos outros compartimentos estarão a funcionar lojas, escritórios a título de arrendamento, dentre outras funções. Não estamos a contestar o projecto, porém, estamos agastados com a forma como o assunto está a ser tratado porque não está a obedecer às regras pré-definidas pela nossa congregação, facto que nos leva a pensar que o valor a ser desembolsado terá um destino desconhecido pelos crentes, à semelhança do espaço do seminário menor”, disse-nos um entrevistado.

O nosso interlocutor referiu ainda que o caso está a ser tratado num fórum próprio e na devida altura todos os crentes serão esclarecidos em relação ao assunto.

Entretanto, contactado pelo @Verdade, o Padre Muluta escusou-se a avançar algum dado sobre este caso que está a ser bastante mediático,



pese embora seja considerado um problema interno. O sacerdote aconselha-nos a contactar o chefe máximo da Igreja Católica em Nampula, o arcebispo Don Tomé Makueliha, mas, pela burocracia montada internamente, não foi possível este contacto, tendo redundado em fracasso.

Aliás, o Padre Muluta, um dos responsáveis máximos da Arquidiocese de Nampula, mesmo sem confirmar algo em torno da venda de espaços daquela congregação religiosa, disse não ver algum mal no negócio, porque se trata de um terreno da Igreja Católica. Esta dispõe de muitos talhões e uma da forma de inverter este cenário é o seu aproveitamento cedendo-os a indivíduos que tenham planos para desenvolver projectos na cidade de Nampula. “Mas qual é o vosso interesse nisso?” concluiu.

Refira-se que as obras de construção das bombas de petróleo da empresa África Petroleum, Lda, uma autoconstrução, sob licença de construção 25824, com o processo 16440/DCU/20, no terreno em causa, iniciaram em Agosto de 2001 e o término estava previsto para Agosto de 2013.



Caros leitores

Pergunta à Tina... Posso denunciar que a namorada do meu amigo é seropositiva?

Meus queridos leitores, há um tópico que eu pensei que a nossa sociedade já tivesse ultrapassado, mas que claramente ainda temos muito caminho por andar. É o tópico do sigilo sobre o estado de saúde das pessoas. Por um lado, eu acredito que quanto mais pessoas revelarem o seu estado como pessoas que vivem com o VIH e iniciarem o tratamento atempadamente, melhor é para eles próprios e para os que estão à sua volta. Mas, outro lado, é importante que aquelas pessoas que sabem sobre o seu estado não osem divulgá-lo sem pedir a sua autorização porque isso pode trazer danos sociais irreparáveis. Se quiserem saber mais sobre esta questão e sobre saúde sexual e reprodutiva, por favor

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Bom dia mana Tina. Onde é que posso colocar o implante? Gostaria de saber se é prejudicial à saúde. Beijos.

Olá minha linda. Qualquer mulher em idade fértil pode usar o implante. O implante é um pequeno bastonete que se insere no braço, mesmo sob a pele da mulher. Este bastonete contém lá dentro uma hormona que, ao ser liberta, evita que a ovulação, e dessa forma não é possível a mulher engravidar. Este método tem uma duração de cerca de três anos, acredito, após os quais ele deixa de ser eficaz. O implante contraceptivo só deverá ser inserido ou removido apenas por profissionais de saúde com conhecimentos no procedimento; por isso, por favor não tentes fazer este processo em casa sozinha. Pelo que li e aprendi, o implante é como qualquer outro contraceptivo, que ao mesmo tempo que é saudável pode ter efeitos secundários. Mas, sobre isto, os profissionais de saúde irão explicar-te melhor na Unidade Sanitária onde te fores submeter à aplicação do implante. Boa saúde.

Olá Tina. Sou o Dr. Vito. Tenho um amigo seropositivo e ele namora com alguém que não está infectada e, um dia numa conversa ele falou-me em fazer um filho, e isso preocupa-me; às vezes penso em denunciá-lo para evitar o pior. O que faço? Por favor, ajuda-me.

Olá Vito. Pelo teu tom, percebo que estás preocupado com o teu amigo. O que não percebi é se o teu amigo sabe ou não que a sua parceira é seropositiva. Mas isso não importa agora. A primeira coisa que gostaria de te dizer é que, na minha opinião, o estado de saúde de uma pessoa, a não ser que ela nos dê permissão, é seu assunto pessoal. Eu não creio que seja correcto que sejas tu a divulgar ao teu amigo. O meu conselho seria que tu conversasses com a namorada dele, se vocês forem amigos, e saber dela se ela já contou ao teu amigo sobre o seu estado, e talvez possas ajudá-la a abrir-se, se ela não tiver feito isso. Em segundo, que cada vez nos apercebamos de que não há nada de especial ou de assombroso em ser seropositiva. O VIH é um vírus que ainda não tem cura, e quanto mais pudermos evitar melhor, mas isso não significa que as pessoas deixam de ser o que elas sempre foram, no que diz respeito à sua personalidade. As pessoas com o vírus do VIH concebem e parem filhos saudáveis. Para isso acontecer pede-se opinião e ajuda de um/a médico/a ginecologista para realizar uma reprodução assistida. Este/a irá aconselhá-los sobre o melhor método de prevenção para evitar a contaminação e do bebé. A isto chama-se Prevenção da Transmissão Vertical ou de mãe para filho. Sugiro, em resumo que: a) converses com a parceira do teu amigo, e não com ele; b) que proponhas que, se quiserem fazer o teste juntos, que se desloquem a uma Unidade de Aconselhamento e Testagem de Saúde; c) se quiserem engravidar, procurem visitar um ginecologista-obstetra, e d) enquanto aguardam recomendação médica, não deixem de usar o preservativo em todas as suas relações sexuais. Fazes muito bem em ajudar, mas tenta não prejudicar a relação dos dois.

ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Fetos e cadáveres são depositados na Lixeira do Hulene

O abandono de fetos e corpos nas lixeiras tem sido notícia recorrente nos órgãos de informação moçambicanos. A insensibilidade das pessoas que cometem esse tipo de actos tem sido de tal sorte que elas chegam a deixar fetos ou recém-nascidos envoltos em lençóis, plásticos e sacos à sua sorte nas valas de drenagem, nas latrinas, talvez para dificultar a descoberta dos casos. Todavia, isso configura um acto deliberado de assassinato, que se pode equiparar a um infanticídio. Trata-se ainda de uma acção que viola o princípio segundo o qual “todo o ser humano tem direito à vida”.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguzeu

Estes problemas repetem-se um pouco por todas a cidade de Maputo, sobretudo na periferia. Sita a sete quilómetros da capital moçambicana, a Lixeira do Hulene, que, neste momento, é o único destino para todo o tipo de lixo produzido na urbe, é também um depósito de fetos e cadáveres. As famílias que se instalaram nas proximidades do local queixam-se do problema e o desespero é maior porque, para além da falta de meios para estancar o mal, a lixeira continua a receber toneladas de resíduos sólidos atrás de resíduos sólidos, apesar de já não reunir condições nenhuma para o efeito.

Julião é “catador” de lixo para vender nos mercados da capital do país e vive perto da Lixeira do Hulene. Tal como os seus vizinhos, ele sabe o que significa, em termos de saúde, ser constantemente apouentado por moscas e mosquitos, principalmente no Verão. Ele confirmou ao @Verdade que há gente de má-fé que deposita fetos no espaço em alusão. É um problema que acontecia ocasionalmente há anos, porém, para além de corpos abandonados, de há tempos para cá, tem sido frequente. Não bastava o facto de alguns moradores estarem a viver, quase, sobre o lixo.

Há uma suspeita generalizada de que os fetos abandonados na Lixeira do Hulene sejam arrastado dos contentores, algures na cidade de Maputo, para aquele sítio, uma vez que os mesmos são encontrados no meio de lixo que se alega ser produzido longe daquela zona residencial.

Segundo o nosso entrevistado, isso deve-se à falta de controlo do local e do próprio lixo que é ali depositado. Não são só as pessoas que usam o sítio para obter meios de sobrevivência que correm o risco de contrair doenças, mas, também, os habitantes das redondezas. Aquele é um lugar igualmente frequentado por crianças e estas ficam chocadas quando deparam com fetos e cadáveres. Esta situação pode causar-lhes problemas psicológicos ou traumas de difícil superação.

Aliás, no passado, várias tentativas falhadas foram encetadas pelos residentes das imediações da lixeira e por ambientalistas com vista a obrigarem o município a encerrar aquele depósito de resíduos sólidos, todavia, eles só receberam promessas da edilidade. Volvidos anos, nem água vai nem água vem, e o local vai continuar a funcionar apesar do descontentamento de todos, até o dia em que, quiçá, a nova lixeira de Matlemele, no município de Matola, saia do papel para a realidade.

Para Julião, neste momento, o que preocupa, sobremaneira, os residentes é a ausência de medidas por parte das autoridades municipais para evitar que o lixo seja depositado indiscriminadamente. Este cidadão indica ainda que os fetos podem ser transportados de alguns contentores de resíduos sólidos de diferentes bairros da capital moçambicana. Ou alguns moradores das proximidades da Lixeira do Hulene é que são responsáveis por essas acções.

“Os cadáveres e fetos exalam um cheiro asqueroso quando permanecem no sítio onde são depositados por muito tempo, decompõem-se e só mais tarde é que são descobertos. Parece que ninguém se preocupa com a nossa saúde”, concluiu o município.

Lizete Mondlane também fixou o seu domicílio nas imediações da Lixeira do Hulene. Ela faz parte das pessoas que sobrevivem recorrendo a latas, plásticos, caixas de papelão, sucatas, dentre outros objectos extraídos daquele lugar para comercialização em alguns bazares e companhias que se dedicam à reciclagem



do lixo. Os cadáveres e fetos deixaram de ser casos anormais porque não passa muito tempo sem que isso aconteça.

À semelhança de Julião, a nossa interlocutora mostra-se preocupada com os petizes que se fazem à lixeira para seleccionar objectos ou produtos descartados – na sua óptica reaproveitáveis – uma vez que podem ter um desenvolvimento psíquico perturbado quando confrontados com essas situações.

Por sua vez, Rabeca Siteo sublinhou que o abandono de fetos e cadáveres é frequente na Lixeira do Hulene e ao certo não se sabe quem são os protagonistas desses actos que ela considera indignos. Entretanto, ela suspeita que alguns jovens e adolescentes tenham alguma culpa nisso, pois quando engravidam de forma indesejada abortam para que os pais não descubram. Existem mulheres que, igualmente, sem o conhecimento dos maridos, interrompem gravidezes por vários motivos. Isso demonstra que a nossa sociedade sofre de crise de valores.

“Muitos fetos são deixados em avançado estado de decomposição, o que significa que não são daqui. Isso constitui uma grande ameaça à saúde pública. Por isso, gostaríamos que o município interviesse para que a Lixeira do Hulene não se transformasse num local poluído e coloque em risco a vida de centenas de seleccionadores de lixo e moradores do bairro de Hulene”, desabafou Rabeca.

Glória frequenta regularmente aquela lixeira para procurar objectos recicláveis e através deles obtém meios de sobrevivência. Contou-nos, por seu turno, que a última vez que deparou com uma situação idêntica à que é narrada pelos seus vizinhos ficou bastante chocada porque se tratava do corpo de um recém-nascido em avançado estado de decomposição. “Sofro de tensão arterial e quando presencio situações como essas fico indisposta e o meu quadro clínico agrava-se”.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 04 de Outubro	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas locais na província de Inhambane. Vento de nordeste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado com períodos de miuto nublado. Períodos de ocorrência de chuvas fracas locais prncipalmente na faixa costeira. Vento de nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu geralmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência chuvas locais principalmente na faixa costeira. Vento de sueste fraco a moderado.

Sábado 05 de Outubro	
Zona SUL	
	Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de chuvas fracas no extremo norte de Inhambane. Vento de nordeste fraco a moderado
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas dispersas principalmente na faixa costeira e nas terras altas do interior. Vento de nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muitonublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas dispersas na faixa. Vento de sueste fraco a moderado.

Domingo 06 de Outubro	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado localmente, muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas no extremo norte de Inhambane. Vento de nordeste rodando para suestefraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Períodos de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de nordeste rodando para sueste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu predominantemente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas dispersas em Cabo Delgado e Nampula. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o

XICONHOCA

Envie-nos um SMS para 90440 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores do Supermercado Recheio Cash & Carry, sito na Rua Gago Coutinho, nº 594, no município de Maputo. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação relacionada com os maus-tratos e injustiças laborais a que estamos sujeitos.

A nossa reclamação tem a ver com os seguintes pontos: trabalhamos mal e somos forçados a executar tarefas que não têm nada a ver com as nossas funções.

Trabalhamos durante vários meses sem contrato e quando os tivemos ficámos decepcionados porque não correspondiam às promessas feitas pelo patronato.

Em todos os contratos consta que os mesmos foram assinados no primeiro dia em que começámos as nossas actividades, o que não corresponde à verdade. Não sabemos em que momento aceitámos esses documentos e o pior é que os contratos de alguns colegas já estão caducados.

Nos nossos contratos está estabelecido que o horário de trabalho é das 08h:00 às 18h:00, todavia, há dias em que saímos tarde. Quando nos queixamos da inobservância desta norma

Resposta

Em relação a este assunto, o @Verdade contactou o supermercado Recheio Cash & Carry, por intermédio do assessor dos Recursos Humanos, Augusto Muzamane. Este negou todas as acusações feitas pelos nossos reclamantes.

O responsável disse-nos que em nenhum momento os trabalhadores daquele estabelecimento comercial se queixaram de maus-tratos, insultos nem de quaisquer outras irregularidades. Para Augusto Muzamane, as informações segundo as quais o patronato não respeita os direitos dos seus funcionários e infringe as normas previstas na Lei n.º 23/2007 de 1 de Agosto, em vigor em Moçambique, constituem novidade. De acordo com o nosso interlocutor, os

somos destratados, insultados e atribuem-nos cognomes tais como “macacos, marginais e burros”.

A hora do almoço é também uma inquietação para nós porque não é cumprida. Tomamos as refeições na altura em que os gerentes acham certa. Em caso de reclamação eles perguntam se nos dirigimos aos postos para comer ou trabalhar.

E dizem, constantemente, que a partir do momento que entramos na empresa somos proibidos de reclamar, falar, opinar e até de pensar porque quem manda são eles. E se quisermos podemos queixar onde entendermos que teremos ajuda.

Os gerentes dizem que trabalhamos de segunda-feira a sábado mas isso não acontece, pois aos domingos temos estado nos nossos postos. Somente temos direito a um domingo por mês para descanso. O nosso privilégio de um dia de folga durante a semana nunca foi posto em prática desde que estamos na empresa.

Cada funcionário só tem um par de uniforme, sem o qual a ninguém é permitido estar no seu posto de trabalho. Pedimos a vossa ajuda e do Governo, principalmente do Ministério do Trabalho porque alguns colegas já foram expulsos.

reclamantes estão a fazer especulações de barriga cheia, uma vez que aquela instituição paga mais do que deveria em termos de salários, refeições, horas extras, inclusive pelas tarefas executadas aos fins-de-semana. Parte dessas regalias não está prevista nos contratos do trabalho, o que significa que é uma oferta da firma.

Aliás, Augusto Muzamane fez questão de mencionar o seguinte: todos os colaboradores têm direito a 40 meticais por dia para o almoço, 100 meticais pelo trabalho feito aos sábados, 200 meticais aos domingos, para além de um salário mensal de 3.900 meticais. Portanto, é – na óptica do nosso entrevistado – tudo mentira.

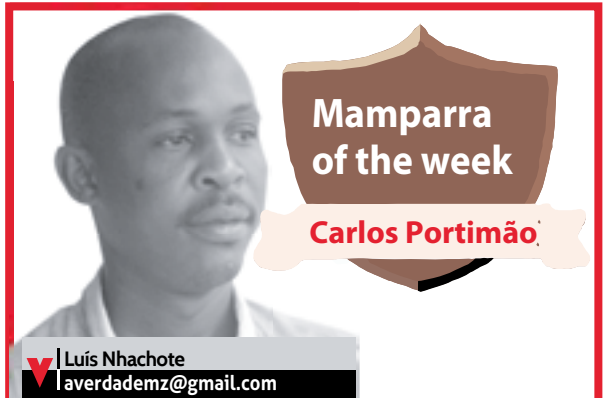


As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para o número 90440.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O mamparra desta semana é um senhor chamado Carlos Portimão, candidato a edil de Moatize, na província de Tete, pelo partido no poder desde a independência nacional, a Frelimo, por razões de fazer bradar os céus: um corruptor.

Este senhor sobe a esta galeria que tem clientes assíduos pela primeira vez por conseguir a proeza de ter ido à Sede Distrital da Procuradoria-Geral da República em Moatize para “oferecer” cinco mil meticais (5.000,00) à procuradora local, Ivânia Mussagy, para soltar o seu irmão ou primo ou raio que o parta!! Na hora, como se tratava de um acto praticado a olhos vistos de um flagrante delito, o senhor Portimão foi detido.

Mas porque a escola dele é forte e influente, chamadas para aqui e para acolá, de centro a norte, de centro a sul, nem se sabe se terão ligado para Marte ou a Lua, o homem foi julgado poucas horas depois, tendo sido condenado por corrupção activa a três meses de prisão que foram convertidos em multa.

A questão de fundo é: porque os seus pares partidários ainda não se pronunciaram e estão relegados a este silêncio sepulcral? A quem interessa este tipo de candidatos na nossa perene democracia?

Será que o seu líder partidário, o tal “guia incontestável de todos nós”, o iluminado Presidente Armando Guebuza já foi informado? Se sim, o que acha o Papá Armando Emílio Guebuza deste tipo de brincadeiras no seio dos seus camaradas? Estará ele feliz? Ou triste? Vá lá o diabo tecê-las.

É este tipo de candidato que a partir do dia 20 de Novembro próximo poderá guiar os destinos do sofrido e humilhado povo de Moatize?

Que raio de brincadeira é esta afinal?

É que alguém tem de pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana.

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Magistrados e agentes da PIC não podem efectuar prisões fora do flagrante delito

Em resposta a uma petição submetida pela Liga Moçambicana dos Direitos Humanos, o Conselho Constitucional declarou inconstitucionais quatro artigos do Código do Processo Penal, dentre os quais os que atribuíam competências para ordenar a prisão preventiva fora de flagrante delito não só ao juiz, mas também aos magistrados do Ministério Público, agentes da Polícia de Investigação Criminal, directores, inspectores e subinspectores da Polícia da República de Moçambique.

Texto: Redacção • Foto: Istockphoto

Trata-se dos números 1, 2 e 3 do artigo 293, na redacção constante na Lei nº 2/93, de 24 de Junho, e do número 1 do artigo 311 do Código Penal. Na opinião do requerente, a Liga dos Direitos Humanos, estes artigos violavam a Constituição da República, para além de serem permissivos a arbitrariedades e ilegalidades.

O Acórdão nº 04/CC/2013 do CC veio anunciar a inconstitucionalidade dos números um, dois e três do artigo 293 do Código do Processo Penal por violar o disposto no número quatro da Constituição da República. Este artigo determina que apenas o juiz deve ordenar a prisão preventiva, não abrindo espaço para que tal ordem seja dada por autoridades administrativas do Ministério Público – Polícia ou procuradores – salvo em situações de flagrante delito.

“Esta decisão é importantíssima para o funcionamento correcto do nosso sistema de justiça penal, dado que havíamos chegado a um nível em que era a Polícia que controlava todo o processo de captura dos arguidos, deixando o poder judicial numa posição secundária de confirmação das suas decisões”, considera a Liga dos Direitos Humanos.

E acrescenta: “A excepção havia-se tornado regra e muitas vezes a Polícia usou esse poder de detenção para extorquir, chantagear, forjar provas falsas contra cidadãos, enfim, capturando cidadãos sem observar os pressupostos processuais exigidos, às vezes para os investigar e noutros casos com fins meramente ilícitos e até criminais”.

Aliás, neste capítulo a LDH levantou casos não remotos



de cidadãos que foram presos indiscriminadamente em cumprimento da norma declarada inconstitucional pelo Conselho Constitucional. São eles o presidente da Associação Médica de Moçambique, Jorge Arroz, e Hermínio dos Santos e Jossias Matsena, ambos do Fórum dos Desmobilizados de Guerra, entre outros.

O acusado tem o direito de se comunicar com o seu defensor

A LDH pediu ainda ao Conselho Constitucional que apreciasse a inconstitucionalidade da alínea um do artigo 311 do Código do Processo Penal que se refere à incomunicabilidade do acusado antes do primeiro interrogatório, o que violava o estabelecido no número quatro do artigo 63 de Constituição da República, pois este determina o direito de o arguido comunicar com o seu defensor em qualquer estabelecimento prisional e a qualquer momento.

Nalguns casos, senão a maioria, os acusados são impedidos de se comunicar com o seu defensor pela Polícia, porém, esta medida tem como fim último a obtenção de confissões com recurso à tortura física e/ou psicológica.

Sobre a prisão preventiva

O número dois do artigo 291 daquele instrumento legal também foi declarado inconstitucional pois contrariava a Lei Mãe no seu número 2 artigo 59 que determina a presunção de inocência dos arguidos, ou seja, que não se pode decretar prisão preventiva apenas pela apreciação abstracta do crime de que o arguido é acusado.

“Não se pode aplicar a prisão preventiva apenas porque o arguido é acusado da prática de um crime que é punido com uma pena de prisão maior. É preciso avaliar se em concreto a acusação tem fundamento e se há necessidade de se decretar esta medida, porque o arguido pode colocar-se em fuga, perturbar a instrução do processo ou continuar a praticar crimes”, refere a LDH.

Prazos da prisão preventiva

Ainda no que diz respeito à prisão preventiva, o Conselho Constitucional declarou inconstitucionais os números 3 e 1 dos artigos 308 e 311, ambos do Código do Processo Penal, respectivamente, por violarem o disposto no número 1 do artigo 21 da Constituição da República, que proíbe penas e medidas restritivas de liberdade indeterminadas. Assim, a prisão preventiva passa a respeitar o prazo de sete meses, findos os quais o acusado deve ser restituído à liberdade.



Esteja sempre actualizado sobre actualidade política do país e no globo seguindo-nos no [twitter @democraciamz](https://twitter.com/democraciamz)

Para a Liga dos Direitos Humanos, esta decisão “constitui um avanço na medida em que a problemática dos prazos de prisão preventiva prolongados é bastante acentuada no nosso sistema penal, sendo que a norma ora declarada inconstitucional permitia que a justiça pudesse manter arguidos detidos de forma indeterminada em prisão preventiva”.

Segundo a LDH, “perante a incapacidade do sistema de realizar investigações céleres e eficientes, a anterior norma servia de suporte para que os órgãos da justiça penal determinassem o cumprimento de penas a cidadãos sem que estes estivessem condenados, o que denota que no país existe um sistema de antecipação da pena de prisão”.

Para esta situação, a instituição liderada por Alice Mabota trouxe como exemplo o caso “Albano Silva”, em que cidadãos ficaram em prisão preventiva durante sete anos, para depois serem absolvidos em sede do tribunal.

De referir que esta petição foi apresentada pela Liga Moçambicana dos Direitos Humanos em Março de 2011 e foi suportada por duas mil assinaturas. A mesma tinha como objectivo obter por parte do Conselho Constitucional uma declaração formal de inconstitucionalidade de alguns artigos do Código do Processo Penal, contrários à Constituição da República.

Governo cria gabinete para reabilitar infra-estruturas danificadas pelas cheias

Dez meses após a ocorrência das últimas inundações, o Governo moçambicano, reunido em Conselho de Ministros, aprovou na última terça-feira a criação de um gabinete que deverá implementar os programas de emergência para a reconstrução e reabilitação de estradas e pontes no período pós-cheias, e assegurar a execução dos projectos de engenharia, preparar os processos para o arranque das obras, bem como a sua monitoria e supervisão.

A reabilitação destas infra-estruturas deverá começar a partir do próximo mês (Novembro), com destaque para as regiões centro e norte da província de Gaza, sendo que a prioridade será dada à ponte de Chicumbana, localizada ao longo da Estrada Nacional Número Um, pois desde a sua destruição a circulação de pessoas e bens tem sido feita de forma condicionada.

As estradas Chókwe-Guijá e Guijá-Chibuto são outras vias que também serão reconstruídas e reabilitadas depois da sua danificação na sequência das inundações registadas no princípio do ano.

Segundo o vice-ministro das Obras Públicas e Habitação, Francisco Pereira, o gabinete será constituído por oito técnicos experientes, provenientes de diversas instituições da área de estradas, e deverá funcionar por um período de três anos, findo o qual o mesmo será extinto. Entretanto, as obras deverão ser realizadas num espaço de dois anos e meio.

“Nos próximos dias, o Gabinete vai lançar os correspondentes concursos de empreitada que, neste caso, terão de ser aligeirados no que diz respeito às exigências, mantendo-se, no entanto, aqueles aspectos essenciais para garantir transparência e qualidade. Os procedimentos administrativos já estão em curso e pensamos que a partir de Novembro alguns empreiteiros já estarão no terreno”, disse.

Em relação aos fundos para a execução destas obras, Pereira fez saber que existem 180 milhões de dólares norte-americanos, resultantes maioritariamente de uma contribuição externa, sendo que o Estado moçambicano participa com apenas 40 milhões.

Refira-se que este gabinete foi criado justamente no dia do início da nova época chuvosa, que começa em Outubro e termina no mês de Março.

E mais, as obras, a julgar pelo cronograma apresentado pelo Conselho de Ministros, deverão ser efectuadas durante este período, o que pode deitar este “esforço” por água abaixo.

Inspeção-geral de Finanças

Na mesma sessão, o Executivo aprova a criação da Inspeção-geral de Finanças e o respectivo regime de actividades. Esta medida visa aperfeiçoar o serviço central de controlo, auditoria e fiscalização da administração financeira do Estado.

Esta instituição será dotada de uma estrutura organizacional, material e de recursos humanos que lhe permitam, com eficácia, a prossecução da sua função determinante, no âmbito do controlo interno, para contribuir para uma boa gestão dos recursos públicos, em coordenação com outros planos públicos.

Segundo Alberto Nkutumula, porta-voz do Governo, a Inspeção-Geral de Finanças é uma instituição pública dotada de personalidade jurídica e com autonomia administrativa, sendo tutelada pelo ministro que superintende a área das finanças e tem como principais atribuições o controlo interno da administração financeira do Estado, e

os recursos financeiros e patrimoniais.

Nkutumula disse ainda que o órgão exercerá as suas funções dentro e fora do país, nas empresas públicas ou maioritariamente participadas pelo Estado, nas autarquias locais, bem como nos institutos e fundos públicos.

O porta-voz do Conselho de Ministros referiu ainda que o organismo será dirigido por um inspector-geral, coadjuvado por um inspector-geral adjunto, ambos nomeados pelo Primeiro-Ministro sob proposta do Ministro das Finanças.

Mais obras na Presidência

Para além da criação destas duas instituições, o Conselho de Ministros aprovou a resolução que ratifica o acordo de crédito celebrado entre o Governo de Moçambique e o EXIM BANK da China, no valor de 71.851.152.00 dólares norte-americanos.

Este valor destina-se ao financiamento da construção do edifício para escritórios da Presidência da República, na cidade de Maputo. Esta infra-estrutura será a segunda a ser erguida, uma vez que as obras da primeira já estão em fase de acabamentos. / Redacção

Partidos políticos adoptam Código de Conduta Eleitoral

Mais de 20 partidos políticos em Moçambique assinaram nesta segunda-feira (30), em Maputo, um Código de Conduta Eleitoral (CCE) que estabelece os princípios comportamentais que devem ser observados durante os pleitos eleitorais.

Texto: Redacção

Trata-se, na verdade, de uma versão actualizada do instrumento, introduzido inicialmente em 2004, ano em que foram realizadas as terceiras eleições gerais, tendo sido usado também em 2009. O Código de Conduta Eleitoral é um dispositivo com carácter não jurídico, mas que resulta da convergência de vontades por parte dos seus subscritores.

Dentre os mais de 20 partidos assinantes, constam dois com assento no Parlamento, nomeadamente a Frelimo, partido no poder, e o MDM, segunda maior força da oposição, tendo ficado de fora a Renamo, que nem sequer participou no encontro de recolha de subsídios para o melhoramento do código, alegadamente por questões de agenda.

Entretanto, com vista a permitir que mais partidos, coligações de partidos ou grupos de pessoas com interesse em concorrer nas eleições possam subscrever este instrumento, o mesmo será depositado na Comissão Nacional de Eleições e no Conselho Constitucional, segundo se ficou a saber durante o evento.

CNE promete aplicar o instrumento

A Comissão Nacional de Eleições, responsável pela supervisão dos pleitos eleitorais no país, comprometeu-se a cumprir o Código de Conduta Eleitoral. De acordo com presidente deste órgão, Abdul Carimo, “constatámos que todos os aspectos aqui levantados são razoáveis, adequados e propícios ao momento que estamos a viver no nosso país”.

Num outro desenvolvimento, Abdul Carimo louvou a adopção do CCE pelas diferentes forças políticas e disse que, para além do compromisso dos partidos com a paz, com o respeito pelo direito de livre concorrência e dignidade de todos os concorrentes às eleições, aquele acto revela que a democracia em Moçambique está em franco desenvolvimento.

“Na verdade, se todos cumpríssemos os princípios estabelecidos neste Código de Conduta Eleitoral, de certeza que não precisaríamos da Polícia ou de outra autoridade para garantir que as eleições sejam justas, livres e transparentes”, considerou.

O presidente da CNE referiu ainda ser necessário que a fiscalização dos pleitos eleitorais seja feita por todos os intervenientes. “Nós somos o órgão fiscalizador dos actos eleitorais, mas os partidos políticos também têm essa missão. O que nós fazemos neste momento é pedir o apoio de todos os partidos políticos para essa missão”.

Eis o Código de Conduta Eleitoral, na íntegra:

CÓDIGO DE CONDUTA E ÉTICA ELEITORAL
Por forma a que as eleições autárquicas de 2013, legislativas, presidenciais e para as assembleias provinciais de 2014 decorram num ambiente de Paz, Estabilidade, Democrático e Transparente, os Partidos, Coligações de Partidos e Candidatos concorrentes, abaixo assinados acordam e adoptam os seguintes princípios democráticos que serão observados e implementados por todos.
Princípios Gerais 1. O processo eleitoral deve ser conduzido de forma pacífica, justa, democrática e transparente; 2. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes, nos mesmos termos, gozam do direito de liberdade de reunião e de manifestação, ou outras formas de contacto com o eleitorado sem serem importunados por outras forças políticas ou por agentes enviados por grupos adversários; 3. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes têm, em igualdade de circunstâncias, o direito a tempos de antena nos serviços públicos de radiofusão e televisão, de acordo com os critérios fixados na lei e com o sorteio; 4. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes devem trabalhar no sentido de evitar a violência política no decurso das campanhas eleitorais, quer ela venha dos adversários, quer venha dos próprios partidos; 5. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes comprometem-se a capacitar os seus mandatários e delegados de candidaturas em legislação eleitoral, designadamente sobre o seu papel e função nas mesas de recenseamento eleitoral e de votação.
Administração Eleitoral 6. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes comprometem-se a resolver os conflitos eleitorais através do diálogo justo, transparente e com urbanidade em tempo útil; 7. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes comprometem-se a cooperar com os órgãos eleitorais com vista a que o processo seja livre, transparente, justo e credível; 8. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes recomendam que os órgãos eleitorais adoptem e divulguem amplamente no âmbito da educação cívica eleitoral o Código de Conduta e Ética Eleitoral; 9. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes recomendam que deve haver diálogo permanente com os órgãos eleitorais; 10. Nenhum Partido, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes deve oferecer qualquer tipo de suborno ou incentivo material a alguém com vista a levá-lo a: a) juntar-se a um partido político; b) participar ou não participar a uma reunião pública, marcha, manifestação, comício ou outro evento público; c) votar ou não votar de uma certa maneira; d) candidatar-se ou retirar a candidatura a uma certa posição.
Campanha Eleitoral 11. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes comprometem-se a respeitar os resultados eleitorais ou a contestá-los em instância competente, em tempo útil, devendo ser considerados pelos órgãos eleitorais; 12. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes devem gozar das mesmas oportunidades no que diz respeito ao acesso a espaços e recintos públicos para a promoção de campanhas políticas; 13. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes devem gozar de igual oportunidade de acesso à cobertura de imprensa por parte dos órgãos do sector público; 14. Durante o período de campanha eleitoral, os órgãos de comunicação social, quer públicos, quer privados, devem comprometer-se a reportar os factos atinentes à campanha eleitoral de forma imparcial; 15. Os bens do Estado, nomeadamente transportes, combustíveis, pessoal e outros materiais não devem ser usados para o serviço de qualquer das forças políticas concorrentes às eleições; 16. Nenhum Partido, Coligação de Partidos ou candidato concorrente deve plagiar símbolos, cores ou siglas de outros partidos políticos registados; 17. Nenhum Partido, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes deve incentivar o voto étnico ou regional; 18. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes comprometem-se a providenciar aos seus membros e apoiantes a educação cívica eleitoral, particularmente sobre a campanha eleitoral e votação, em conformidade com a legislação eleitoral e o manual dos órgãos eleitorais.
Forças de Defesa e Segurança 19. As Forças de Defesa e Segurança devem garantir a segurança pública de todos os intervenientes eleitorais, sem discriminação partidária, e devem actuar no sentido de combater a violência eleitoral, seja qual for o seu promotor; 20. Os agentes das Forças de Defesa e Segurança seleccionados para a cobertura eleitoral devem receber formação cívica eleitoral.
Contencioso Eleitoral 21. Nenhum Partido, Coligação de Partidos ou candidatos concorrentes deve usar linguagem susceptível de provocar violência durante o processo eleitoral ou a intimidação de outros partidos, candidatos e eleitores; 22. Nenhum Partido, Coligação de Partidos ou candidatos concorrentes deve publicar ou disseminar alegações falsas ou difamatórias em relação a outros partidos, seus candidatos, representantes ou membros; 23. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes comprometem-se a denunciar quaisquer comportamento que ponha em causa a observância dos princípios enunciados neste código.
Disposições Finais 24. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes comprometem-se a vincular a sua actuação eleitoral aos princípios deste código; 25. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes comprometem-se a, junto dos seus membros e apoiantes, publicitar largamente este código antes e durante as campanhas eleitorais; 26. Todos os Partidos, Coligações de Partidos e candidatos concorrentes comprometem-se a cumprir escrupulosamente a legislação eleitoral em concordância com o presente código de conduta eleitoral e demais legislação aplicável nesta matéria; 27. O presente Código de Conduta e Ética Eleitoral será depositado na Comissão Nacional de Eleições e Conselho Constitucional, para permitir que outros concorrentes o possam subscrever.

Adoptado em Conferência dos Partidos Políticos e Coligações de Partidos
Maputo, aos 30 de Setembro de 2013

Democracia

Candidato da Frelimo em Moatize detido e condenado por corrupção

O candidato da Frelimo à presidência do Conselho Municipal da Moatize, na província de Tete, Carlos Portimão, surpreendeu meio mundo ao ser preso em flagrante delito a tentar subornar uma magistrada do Ministério Público, de nome Ivânia Mussagy, com cinco mil meticais.

Texto: Redacção

A prisão de Carlos Portimão, ocorrida na manhã da passada quinta-feira, 26 de Setembro, teve um tratamento evidentemente incomum, a medir pela forma como é tratada a maioria dos casos de cidadãos nacionais que, não poucas vezes, aguardam meses a fio à espera do seu julgamento. O candidato da Frelimo foi preso, julgado e condenado no mesmo dia. Cumpriu a pena e está novamente em liberdade.

No referido dia, o candidato do “partidão”, que até há pouco dias era um homem com a ficha de cadastro limpa, a mesma que usou para se inscrever na Comissão Nacional de Eleições (CNE), deslocou-se até ao gabinete da procuradora da República, Ivânia Mussagy, com a intenção de negociar a libertação de um sobrinho que se encontrava preso numa cadeia distrital.

Sucedeu, porém, que a meio de negociação, Portimão, vendo-se na falta de argumentos para convencer a procuradora a soltar o seu parente, tirou cinco mil meticais para suborná-la. Na ocasião, a procuradora chegou mesmo a receber o valor, mas para desgosto de Portimão, ela depois solicitou aos agentes da Polícia que recolhessem à cela o candidato da Frelimo, uma vez que se tratava de um flagrante delito.

O facto foi rapidamente posto a circular tendo originado um movimento desusado na zona com os membros do partido Frelimo a tentar a todo o gás empreender acções com vista à libertação do seu membro, que, coincidentemente, é candidato às autárquicas.

Na tentativa de convencer a magistrada a libertar Portimão, informações postas a circular dão conta de um suposto envolvimento do governo daquela província na pessoa do governador, Rachide Gogo. Contudo, Mussagy mostrava-se incorruptível.

A postura de magistrada levou a que outras figuras de proa do partido do “bataque e maçaroca”, tal é o caso do membro do Comité Central da Frelimo, José Pacheco, também intervissem no caso tentado salvar a pele do seu candidato. Entretanto, a “solução” só surgiu com a acção do Procurador-Geral da República (PGR), Augusto Paulino, que, não querendo “bater-se de frente” com a magistrada, propôs que o caso seguisse os seus trâmites legais, mas com a rapidez que o caso impunha, afinal tratava-se do candidato a edil daquela vila.

Julgamento em tempo recorde

Depois dessa ordem, decidiu-se pela resolução rápida do caso. Assim, o arguido foi, no mesmo dia, julgado e condenado a três meses de prisão convertidos em multa. O julgamento, que teria durado cerca de seis horas, foi dirigido pelo juiz Arnaldo Calisto e no mesmo dia Portimão foi restituído à liberdade, mantendo, assim, a sua aspiração de ser o futuro presidente do município de Moatize.

O crime que pesava sobre Portimão leva uma moldura penal que varia entre três meses e três anos. O candidato em causa apanhou pela medida pequena, ao abrigo do número 2 do artigo 22 da Lei 19-/91, de 16 de Agosto.

A rapidez com que se solucionou o caso do candidato da Frelimo leva a crer que quando há interesses a serem salvaguardados a justiça consegue ser célere.

Entretanto, mesmo depois de soltura, o candidato já com a ficha suja tornou-se motivo de conversa em todos os cantos de Moatize.

A prisão não vai afectar a candidatura

Numa entrevista cedida ao semanário Canal de Moçambique, Carlos Portimão assume a autoria do crime e justifica a tentativa de suborno afirmando que apenas queria que a procuradora parasse de incomodar a sua família, uma vez que o seu sobrinho ora em prisão já havia pago caução. Na tal entrevista ele acusa a procuradora de “vigarista.”

O candidato da Frelimo diz ainda que houve um mal-entendido por parte das pessoas que correram para divulgar o assunto na imprensa sem ter os pormenores do que aconteceu, pois a sua intenção era agradecer a procuradora pelos serviços prestados no encaminhamento do caso do seu sobrinho.

“Fui (ao gabinete da procuradora) agradecer porque alguém me ligou a dizer que a procuradora fez um trabalho favorável” cita o semanário. O actual candidato da Frelimo na Vila de Moatize acredita, mesmo depois deste escândalo envolvendo a sua figura, que a sua imagem não será afectada.

Afinal quem é Carlos Portimão

O candidato da Frelimo em Moatize, que de dia para noite se tornou capa de jornais pelos piores motivos, arrastando consigo o nome do partido que o elegeu, é um agente da polícia de Trânsito, afecto naquele distrito. Na vila municipal ele é tido como amante incondicional de festas entre outros eventos sociais, os quais está sempre disposto a patrocinar.

Esta é, pelo menos, a segunda vez que Carlos Portimão entra na corrida eleitoral, sendo que nas últimas eleições autárquicas, em 2008, a pretensão de Portimão terminou nas eleições internas do partido, nas quais perdeu para o seu concorrente e correligionário, Carlos Colarinho.

Publicidade

KPMG

cutting through complexity

Cursos
Moçambique

AUDITORIA INTERNA DE PROCUREMENT



A evolução do processo de aquisição leva a demanda de aumento de conhecimentos dos auditores na área de *procurement*. Aquisição de bens e serviços é uma componente importante do orçamento empresarial e, portanto, manter a transparência, prestação de contas e imparcialidade no processo de aquisição é imperativo.

Este curso irá melhorar o seu conhecimento em o todo ciclo de vida do processo de *procurement* e os riscos envolvidos. Irá desenvolver as suas habilidades práticas no processo de auditoria de *procurement*, desde o planeamento até a execução, elaboração de relatórios e monitoria das recomendações.

O que você vai aprender:

Noções básicas sobre o processo de *procurement*/compras (entendimento do fluxo de processo de compras).

Conteúdo:

- **Procurement:**
 - Público vs. Privado
 - Centralizado vs. Descentralizado
- **Principais riscos da área de compras.**
- **Como auditar o ciclo de vida do *Procurement*, nomeadamente:**
 - Seleção de fornecedores (por cotações e por concursos);
 - Monitoria do desempenho dos fornecedores.
 - Devolução e registo da mercadoria; e
 - Requisição;
 - Emissão da ordem de compra;
 - Monitoria da encomenda;
 - Recepção de mercadorias,

29 a 31 de Outubro 2013

Local: Escritórios da KPMG em Maputo

Custo por Pessoa: **40 000,00 MT** (IVA incluído)

10% de Desconto para grupo empresarial (mais de cinco participantes)

N.B.: Trazer o seu computador dar-lhe-á vantagens nos exercícios práticos

Quem Deve Participar

- Auditores internos que pretendam aprofundar seus conhecimentos de auditorias a processos de compras;
- Gestores e funcionários de empresas que queiram melhorar a eficácia dos seus processos de compras; e
- Qualquer outra parte interessada.

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n.º 72C, Edifício Hollard, Maputo

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snahchale@kpmg.com

Voz da Sociedade Civil

REDD: o bom, o mau e o feio

Muito se deve rir o Governo à custa das organizações da sociedade civil... Aposto que de tanto sermos motivo de troça, um novo género de comédia rico em anedotas e adivinhas parvas deve estar em voga em certas instituições públicas nacionais. Mas falemos primeiro das coisas sérias e boas, que embora escassas merecem gozar de prioridade, e deixemos as tristezas e a ironia que gostamos de reservar aos hipócritas para último.

Texto: Justiça Ambiental

Foram dois dias intensos e riquíssimos em troca de experiências e saberes os que vivemos entre 26 e 27 de Agosto em Maputo. Todos aqueles que tiveram a oportunidade de participar no workshop internacional sobre mecanismos REDD que promovemos aqui na capital, e que foi aberto ao público, poderão certamente dizer que saíram dele muito mais conhecedores do que é o REDD e das razões que nos levam a não aceitar a implementação de mais projectos do género em África.

Os representantes das associações camponesas de vários pontos do país que estiveram presentes manifestaram em várias ocasiões o seu apreço pelo conhecimento que lhes foi passado, o que nos deixa extremamente orgulhosos, pois é com base na pouca informação de que estes dispõem que muitas vezes os proponentes destes e outros projectos lhes aliciam e ludibriam. Os convidados internacionais e os depoimentos com que nos brindaram enriqueceram o workshop e deram peso e volume à mensagem que nós e

algumas outras organizações da sociedade civil há muito tentámos passar.

Terminado o workshop, na nossa avaliação preliminar, apesar da teimosia e relutância em aceitarem os factos que lhes apresentámos, concluímos que era de enaltecer a presença dos diversos funcionários de distintos ministérios e direcções nacionais do nosso Governo, bem como a forma participativa e despretensiosa como a maioria se fez representar.

Mas independentemente de quão “no escuro” algumas destas pessoas poderiam estar em relação à agenda do dia do Governo para quem trabalham, hoje, sabendo que enquanto na Malhangalene discutíamos de forma bastante aberta o REDD, e que a alguns quarteirões abaixo (em Conselho de Ministros) o Executivo aprovava sorrateiramente o Regulamento dos Procedimentos para a Aprovação de projectos REDD+, a mensagem é outra: vocês e/ou aqueles para quem vocês trabalham, mais uma vez, foram profundamente infelizes. Vocês são hipócritas e esta é a prova cabal disso.

E ainda têm a coragem de vir insinuar que incidentes como o que aconteceu em Palma o mês passado com a directora do Centro Terra Viva são fruto da falta de diálogo entre as OSCs e o Governo (como se nós fôssemos os culpados)! Mas que grande “lata”! Podiam ao menos nos terem dito... Havia directores nacionais de vários ministérios na sala. Custa-nos crer que ninguém sabia que o REDD estava na agenda do dia do Conselho de Ministros.

Uma triste coincidência e certamente tópico para mais uma ou duas piadas que por esta hora já devem estar “batidas” nos gabinetes de alguns ministérios. Gostaríamos de poder dizer que quem ri por último ri melhor, mas sabemos que infelizmente tal não acontecerá. Ninguém mais vai rir. O que acontecerá é triste. Enquanto vocês se riem agora, mais tarde chorarão aqueles em nome de quem vocês tomaram essa decisão. Aqueles para quem vocês deviam trabalhar.

Será que então vos pesará a consciência? Mas há mais e pior...

Avaliando atentamente o workshop e o que nele se debateu, não podemos deixar de colocar na mesa uma pergunta que pode parecer absurda mas que fazemos questão de fundamentar as razões de estarmos a colocá-la:

Será que os nossos ilustres ministros têm uma ideia real do que é o REDD e do papel que Moçambique desempenhará neste mecanismo? É que, a julgar pelo que disse a directora nacional de Gestão Ambiental do MICOA no primeiro dia do workshop, não nos parece que o Governo saiba muito bem onde nos está a meter.

Quando o MICOA foi convidado a pronunciar-se sobre um ponto do debate, Paula Panguene recusou-se a fazê-lo afirmando humildemente que estava lá para aprender e que lamentava que este encontro não tivesse tido lugar mais cedo (agora entendemos o porquê do “mais cedo”...). Ora, se a directora nacional de Gestão Ambiental não está à vontade para tecer comentários sobre o REDD, pensamos que é justo assumirmos que o MICOA não fez bem o seu trabalho de casa. O que por sua vez nos conduz a uma pergunta óbvia:

Se o MICOA não sabe bem o que é o REDD, quem informou e aconselhou o Conselho de Ministros? Com que base este decreto-lei foi aprovado? Nem precisam de responder.

A Rede Contra o REDD em África (NRAN) passou os dois dias do workshop a explicar aos presentes as razões da necessidade de dizer não ao REDD e a ouvir dos membros do Governo presentes a mesma questão recorrentemente:

“Mas quais são os aspectos positivos do REDD? Certamente haverá alguns...” Uma vez aprovado o decreto, a coisa muda de figura. Agora perguntamos: Então quais são os aspectos positivos do REDD?

Declaração de Maputo da NRAN (No REDD In Africa Network) sobre o REDD

O NO REDD em África, reunido em Maputo, Moçambique, nos dias 26 e 27 de Agosto de 2013 durante um seminário internacional sobre o REDD com participantes de Moçambique e outros países de África, América do Norte e América do Sul, deliberou sobre as implicações da Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação florestal (REDD) em África e, por extensão, no Hemisfério Sul.

Reconhecemos a decisão da reunião realizada na Tunísia em Março de 2013, em que se decidiu sobre a necessidade de uma Plataforma Não REDD para educar e informar as comunidades e os governos dos países em desenvolvimento sobre os impactos negativos do REDD em todas as suas formas.

Reconhecemos que governos africanos foram emboscados por ofertas e promessas de financiamento do desenvolvimento que adviriam do REDD e que, por conseguinte, adoptaram esta sem a aplicação de pensamento crítico e sem efectuar as consultas necessárias.

Agradecemos a participação de membros do Governo e representantes de vários departamentos governamentais e a sua contribuição para o diálogo sobre o REDD. No entanto, notamos a infeliz posição por estes expressa de se manterem inflexíveis na adopção do REDD, apesar das provas que existem e que aconselham a sua não implementação.

No abaixo assinado, notamos e expressamos o seguinte:

1. O REDD foi basicamente concebido como um escape para os poluidores de países industrializados poderem continuar a poluir enquanto assumem que a poluição é compensada com florestas noutros lugares?
2. O REDD não reduz as emissões e é apenas um projecto de comércio de carbono?
3. O REDD não detém o desmatamento, mas adia, desloca ou efectivamente incentiva a conversão de florestas em plantações de monoculturas de árvores?
4. O REDD e projectos do tipo REDD levam ao deslocamento de comunidades dependentes da floresta, e à servidão, ao assasínio, à repressão e a outras violações dos

Direitos Humanos?

5. Grande parte das terras e florestas africanas foram já vendidas no âmbito de projectos REDD ou estão em vias de serem leiloadas a interesses privados?

6. O REDD recompensa empresas madeireiras e agro-negócios?

7. Projectos de REDD foram rapidamente implementados pelos governos de países em desenvolvimento com pouca oportunidade para consulta interna e local, com a promessa de financiar o desenvolvimento?

8. O REDD representa uma grande ameaça para a segurança da terra, água e alimentação em África, pois é um plano de usurpação de terra à escala continental.

Com base no acima disposto e outras considerações, no Workshop declarou-se o seguinte:

1. Os governos devem tomar medidas para proteger as nossas florestas do desmatamento e da degradação, e fazê-lo sem esperar créditos de carbono?
2. Indústrias e países poluidores devem parar as emissões nos seus países, e não des-

viar a carga para outros?

3. A procura e o excesso de consumo são as principais causas de desmatamento e devem ser reduzidas para níveis sustentáveis?

4. Os governos devem melhorar a fraca e ineficaz governação do sector florestal e garantir que as comunidades que dependem de florestas são devidamente consultadas, e que foi obtido o seu consentimento em relação a acções que envolvem as suas florestas e os seus recursos florestais?

5. Os governos devem facilitar e apoiar uma nova via de desenvolvimento que não tenha a conversão florestal como premissa?

6. Os governos devem considerar alternativas de desenvolvimento baseadas nas capacidades históricas das comunidades locais, e apenas colaborar com os investidores em projectos elaborados pelos próprios governos, ao invés de aceitar projectos de desenvolvimento concebidos por outras entidades em benefício dos seus próprios interesses?

7. Os governos africanos têm o dever de proteger os recursos das suas nações e os seus cidadãos do perigo da recolonização.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

A verdade em cada palavra.



BONS MOMENTOS DE FUTEBOL COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Afrobasket 2013: Cumprimos com o nosso objectivo

A selecção nacional de basquetebol sénior feminino fez história ao qualificar-se, pela primeira vez na história do país, para o Campeonato Mundial de Basquetebol do escalão. O triunfo foi alcançado na noite de glória de último sábado (28), no pavilhão do Maxaquene, durante a 23ª edição do Afro-basket, Maputo-2013.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Qualificadas para os quartos-de-final na primeira posição do grupo A, as “Samurais” tinham pela frente a Nigéria, a rival que se apurou para esta segunda fase como quarta classificada do grupo B. Apesar dessa diferença de posicionamento nos respectivos grupos, o dia de descanso, verificado na quinta-feira (26), serviu para que as duas equipas se pudessem preparar afincadamente para o embate.

No arranque as nigerianas fizeram com que Moçambique cometesse muitos erros, sobretudo os de entrosamento. As pupilas de Nazir Salé revelaram-se pouco certas na tabela, diante de um adversário que recorreu ao contacto físico para conseguir uma vantagem de cinco pontos terminados os primeiros dez minutos (18 a 13).

No segundo período, a equipa moçambicana, ainda ressentida de uma etapa inicial pouco conseguida, registou muitas falhas na tabela mas foi bastante inteligente no aproveitamento do contacto físico privilegiado pela equipa adversária. A seis minutos do fim desta etapa, Leia Dongue, na zona de lançamento livre, restaurou a igualdade em 22 pontos.

“Quando os processos defensivos são claros e a 25 metros da nossa própria tabela, ou seja, a três da do adversário, Deolinda consegue ser, realmente, uma verdadeira maestra. Uma líder de uma orquestra que sabe, num estalar de dedos, permitir que Leia Dongue seja uma finalizadora com toques de perfeição”

Não decorreu muito para que o espírito de combate “Samurai” deixasse a sua marca registada no pavilhão do Maxaquene, levando o nosso conjunto para a dianteira do marcador pela primeira vez na partida. Já nos minutos finais, as nigerianas sentiram-se pressionadas a partir do seu próprio campo e não conseguiram evitar a desvantagem de sete pontos no marcador.

A defesa como arma do ataque

Quando os processos defensivos são claros e a 25 metros da nossa própria tabela, ou seja, a três da do adversário,



rio, Deolinda consegue ser, realmente, uma verdadeira maestra. Uma líder de uma orquestra que sabe, num estalar de dedos, permitir que Leia Dongue seja uma finalizadora com toques de perfeição.

À equipa que veio apenas para jogar ao erro do adversário, para aproveitar do porte físico de algumas das suas jogadoras como Ukato e Sadiq para perturbar Clarisse Machanguana, nada mais podia sobrar senão explorar a velocidade de Atosu e a ousadia de Ogoke para atacar. As “Samurais” continuaram em vantagem no marcador, que registava 52 a 46.

Uma recta final de sonho



“Veio a crença que se apoderou das mágicas mãos de Anabela Cossa que, a trinta segundos do fim, empatou a partida. Houve, nesse curto período, tempo para Leia Dongue marcar o triplo que colocou o país em euforia. O pavilhão explodiu de emoção numa mescla entre o gáudio e as lágrimas. Houve, ainda, quem desmaiou de tanto não se aguentar”

O susto voltou a abalar o pavilhão do Maxaquene quando, a um minuto do fim do encontro, a nossa equipa perdia por cinco pontos. Incrivelmente, o desalento tomou conta do público, em que alguns moçambicanos já se conformavam com uma suposta derrota.

E à moda inglesa, diga-se de passagem, a nossa selecção acreditou e foi até ao fim. À entrada dos últimos 50 segundos reduziu a desvantagem para apenas dois pontos, por intermédio de Deolinda Ngulela.

Veio a crença que se apoderou das mágicas mãos de Anabela Cossa que, a trinta segundos do fim, empatou a partida. Houve, nesse curto período, tempo para Leia Dongue marcar o triplo que colocou o país em euforia.

O pavilhão explodiu de emoção numa mescla entre o gáudio e as lágrimas. O público chegou a invadir o pavilhão e houve, ainda, quem desmaiou de tanto não se aguentar. Moçambique estava apurado para a verdadeira final, visto que precisava de mais uma vitória para cumprir com o seu principal objectivo: chegar ao “Mundial” da Turquia.

“Cometemos muitos erros”



Para o seleccionador nacional de Moçambique, Nazir Salé, a partida diante da Nigéria “foi bastante complicada. Sabíamos de antemão que teríamos um adversário muito difícil apesar de se ter qualificado na quarta posição do grupo B”.

“A Nigéria é uma selecção de renome e não será esta derrota que vai retirar dela esse mérito” disse ainda o técnico, numa clara demonstração de respeito.

Questionado sobre as dificuldades tidas pelas “Samurais”, Salé não escondeu que elas não exibiram a clarividência ofensiva e “estiveram muito nervosas nos lançamentos livres. Não soubemos manter a vantagem que tínhamos. Pagámos muito caro por isso”.

Para o triunfo emotivo de Moçambique, na óptica daquele técnico, predominaram a dinâmica, a perseverança, a atitude e o espírito de grupo. “Acreditamos até ao fim e fomos felizes porque soubemos converter as oportunidades que tivemos” segredou.

Desporto

O objectivo foi alcançado com mérito



Depois de apurada para as meias-finais, a selecção nacional cruzou o caminho dos Camarões, a considerada sensação deste Afrobasket, que decorreu na cidade de Maputo entre os dias 20 e 28 de Setembro últimos. Em jogo estava o apuramento para o “Mundial” da Turquia, aliás, o objectivo traçado por Moçambique nesta prova.

Por esse factor vencer os Camarões era mais do que uma obrigação, a realização de um sonho. Se calhar seja esse o detalhe que contribuiu para uma entrada muito nervosa e desconcentrada da nossa equipa e que deu a vantagem de oito pontos ao adversário, transcorridos apenas dois minutos e meio.

A sete do fim do primeiro período, Clarisse Machanguana marcou os primeiros pontos para Moçambique, surgindo Anabela Cossa a fazer um triplo que levantou o público moçambicano.



Porém, a selecção camaronesa não se deixou levar e manteve a sua calma, a sua paciência nas jogadas ofensivas, depondo as aspirações da nossa selecção que saiu a perder por uma diferença de 14 pontos até ao fim do primeiro quarto.

No segundo a turma moçambicana entrou emotiva e tentou, a todo o custo, recuperar a desvantagem. Mas não acusou agressividade suficiente para contrariar o adversário, tendo perdido muitas bolas no ataque.



A adversária cresceu ainda mais e potenciou o seu jogo ofensivo “cintilante”. Deolinda Ngulela, a quem Nazir Salé incumbiu a estruturação do ataque moçambicano, teve imensas dificuldades para encontrar a dupla perfeita, diga-se, para dar sequência aos seus lances. Por esse factor fomos ao intervalo a perder por 24 a 37.

Lutar até às últimas consequências

Os sinais de haver alguma vontade de discutir o resultado até ao fim sobressaíram no terceiro período, em que a equipa moçambicana soube introduzir melhorias na sua prestação. Conseguiu, à entrada do último quarto, reduzir a desvantagem para apenas oito pontos. Mas tudo acontecia de forma esporádica e sem nenhuma técnica, detalhes muito bem aproveitados pelos Camarões que a cada ataque silenciava o pavilhão do Maxaquene.

“Motivada pelo público, a nossa selecção colocou todas as suas armas em jogo e, a dois minutos do fim da partida, chegou pela primeira vez à vantagem no marcador. Leia Dongue, a camisola 11, foi quem marcou os dois pontos da “esperança”

Veio o quarto período. Motivada pelo público, a nossa selecção colocou todas as suas armas em jogo e, a dois minutos do fim da partida, chegou pela primeira vez à vantagem no marcador. Leia Dongue, a camisola 11, foi quem marcou os dois pontos da “esperança”.

“Moçambique havia-se qualificado pela primeira para um Campeonato Mundial de Basquetebol, prova em que só participam os países com as melhores escolas desta modalidade”

Contaram-se os segundos e as “Samurais” tiveram de batalhar para segurar a vantagem de seis pontos quando faltavam apenas vinte segundos para o “Mundial”. No ataque, as camaronesas ainda tentaram silenciar o pavilhão do Maxaquene quando reduziram a desvantagem para quatro pontos.

O apito final foi um autêntico balão de oxigénio, com os Camarões no ataque, em que mais uma vez o povo moçambicano festejou euforicamente não só pelo apuramento ao “Mundial”, como também pela final da prova diante da selecção angolana.

As artérias da cidade de Maputo naquela noite, sobretudo a avenida 25 de Setembro, foram pequenas para tamanha moldura humana que não deixou a “história” terminar apenas no Maxaquene.

Moçambique havia-se qualificado pela primeira para um Campeonato Mundial de Basquetebol, prova em que só participam os países com as melhores escolas desta modalidade, diga-se em abono da verdade. 61 a 57 foi o resultado final.

Leia Dongue: a salvadora da pátria

A extremo da selecção nacional, Leia Dongue, ou simplesmente Tanucha, voltou a ser a figura de destaque. Desta vez, aquela jogadora tornou-se a melhor marca-dora com 15 pontos e seis ressaltos, os maiores números nesta partida.

Ademais, Tanucha carregou a selecção nacional nas costas, sobretudo no aspecto da finalização. Foi deveras

ousada no jogo interior com recurso à “profundidade”, nalgumas vezes para ganhar faltas que lhe levassem aos lançamentos livres nos momentos cruciais do jogo.

“Nunca tive dois objectivos nesta prova”



Terminado o triunfo de Moçambique sobre os Camarões e que coloca as “Samurais” no “Mundial” da Turquia, Nazir Salé era verdadeiramente um homem muito feliz. Para o técnico, vencer a partida das meias-finais foi um sonho realizado.

“Nunca tive dois objectivos. Repito: a selecção treinada por mim nunca teve dois objectivos para esta prova, que fique bem claro”. Foi assim que respondeu quando foi confrontado pelos jornalistas sobre o significado de chegar à final da prova e garantir o apuramento para o “Mundial”.

Para o treinador, mais do que pensar na final, o mais importante era apenas a qualificação para o Campeonato Mundial da Turquia, prova que terá lugar em Setembro do próximo ano.

E disse mais: “estas são umas verdadeiras ‘Samurais’. Esta equipa vai marcar uma geração de basquetebol deste país. Soube lutar até ao fim, acreditou na vitória e fomos felizes. Estamos todos de parabéns”.

“Obrigado povo moçambicano. Estamos na Turquia”

Deolinda Ngulela não escondeu a sua satisfação pelo apuramento ao Campeonato Mundial de Basquetebol, ainda que Moçambique não se tenha sagrado campeão africano.

“Temos de agradecer a todos aqueles que estiveram do nosso lado desde o primeiro dia até ao fim deste campeonato. Cumprimos com o que prometemos ao povo moçambicano. Estamos na Turquia e estamos muito felizes por isso. Mas isto teria mais graça se tivéssemos vencido o troféu na final” afirmou a capitã da selecção nacional, Deolinda Ngulela.

A selecção ganhou também fora do campo

O triunfo das “Samurais” diante dos Camarões, por 61 a 57, e que coloca Moçambique no “Mundial” do próximo ano na Turquia, estimulou o empresariado moçambicano a prestar o seu apoio.

Ainda na noite daquele sábado (28), minutos após a vitória, a empresa de produção e de fornecimento de material desportivo, a Sidat Sport, que aliás vestiu a selecção nesta competição, procedeu à entrega de um cheque no valor de 50 mil meticais para as jogadoras.

Ahmad Shafee Sidat, director-geral daquela firma, revelou também que, caso as “Samurais” vencessem a prova teriam direito a mais 100 meticais como prémio.

“Aquele gesto não só serviu de incentivo para a nossa selecção por tudo o que fez nesta prova, como também foi um gesto patriótico de quem quer ver o empresariado nacional a apoiar a quem realmente trabalha neste país. A Sidat Sport não espera nada em troca. Pelo contrário. Quer apenas ajudar a elevar o nome de Moçambique” disse Shafee Sidat ao @Verdade.

As nossas campeãs do AfroBasket 2013

@Verdade
www.verdade.co.mz



De pé, da esquerda para direita: Alberto Júnior (massagista); Dinis Siteo (roupeiro); Bernardo Matsinhe (treinador-adjunto); Odélia Mafanela, Ana Flávia de Azinheira, Clarisse Machanguana (jogadoras); Nazir Salé (treinador principal); Deolinda Gimo, Cecília Henriques, Leia Dongue (jogadoras), Marta Monjane (Coordenadora da selecção)

Agachadas, da esquerda para direita: Rute Muianga, Odélia Mafanela, Anabela Cossa, Cátia Halar, Deolinda Ngulela, Valerdina Manhonga (Jogadoras), Renata Ramos (preparadora física) e Dilar Monjane (treinadora-adjunta)

Desporto

Moçambique perde na final



A selecção angolana de basquetebol sénior feminino sagrou-se vencedora da edição 2013 do Afrobasket. No último domingo (29), as “Palancas Negras” tiveram que suportar o prolongamento para derrotarem as guerreiras de Moçambique, por uma diferença de três pontos.

As “Samurais” entraram neste jogo dispostas a vencer e a conquistar o continente africano. Revelaram, logo no princípio, uma boa organização ofensiva e tiraram muito proveito da ansiedade do adversário.

A um dado instante, o técnico angolano pediu um desconto tempo para acordar a sua equipa, o que acabou por abrandar o ritmo ofensivo da selecção nacional. As angolanas voltaram diferentes e estiveram na mó de cima, pressionando fortemente até ao fim do primeiro tempo.

Com o marcador a registar 15 pontos a favor de Moçambique e 14 para Angola, veio o último período da primeira parte em que, para além da pressão alta que exerceram, as angolanas souberam tirar proveito da distracção e dos erros cometidos pelas moçambicanas, sobretudo nas investidas ofensivas.

“Para Moçambique ficou o sentimento de “missão cumprida” em virtude de ter garantido uma vaga no próximo Campeonato Mundial de Basquetebol, Turquia-2014”

Apesar de ser uma etapa pouco conseguida por parte do nosso conjunto, o empate a 29 pontos vingou.

A crença desta vez não foi amiga de Moçambique

O triplo de Anabela Cossa no arranque do terceiro período anteviu uma etapa sombria para as “Palancas Negras”. Pareceu, a muitos, que a falta de acerto do lado moçambicano estava resolvido. Debalde. As “Samurais” perdiam muitas bolas e as angolanas não perdavam debaixo da tabela.

As nossas meninas entraram no terceiro período a perder por uma diferença pontual de quatro, ou seja, 40 a 44. Nesta etapa souberam contrariar o poderio das angolanas mas não o suficiente a ponto de evitarem a ida ao prolongamento em virtude do empate a 54 pontos.

Nos cinco minutos de desempate, a sorte abraçou as angolanas que ruíram o desejo das jogadoras moçambicanas de conquistar o título da prova. 61 a 64 foi o resultado com que Angola se sagrou bicampeã

africana de basquetebol.

Para Moçambique ficou o sentimento de “missão cumprida” em virtude de ter garantido uma vaga no próximo Campeonato Mundial de Basquetebol, Turquia-2014.

Deolinda Ngulela e Leia Dongue no “cinco ideal”

A capitã da selecção nacional, Deolinda Ngulela, e a extremo Leia Dongue foram nomeadas para a equipa ideal deste Afrobasket que decorreu na cidade de Maputo de 20 a 28 de Setembro. A par destas duas “Samurais”, Nacissela Maurício, de Angola, Astou Touré, do Senegal, e Ramses Lonack, dos Camarões, figuram também na lista das cinco jogadoras que mais se destacaram nas respectivas posições.

A poste angolana Nacissela Maurício foi eleita, igualmente, a Basquetebolista Mais Valiosa desta competição.

Nota negativa para a organização

Se dentro do campo a prestação de Moçambique foi cinco estrelas, como se diz na gíria popular, o mesmo não se pode afirmar da organização deste Afrobasket.

Aliás, a apresentação do Comité Local de Organização, liderado pelo presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol, Francisco Mabjaia, a uma semana desta prova, anteviu muitos problemas neste aspecto.

No primeiro dia da prova, a 20 de Setembro, enquanto se disputavam os jogos de arranque deste Afrobasket, antes da cerimónia oficial de abertura, decorriam obras de acabamento no pavilhão, como são os casos da pintura do seu interior.

Para além da imundice nas bancadas e da pintura do rectângulo de jogo feita à última hora, a questão de segurança foi um autêntico fiasco, ou seja, uma vergonha para quem acolheu a maior prova africana de basquetebol a nível de países.

Por dia eram vendidos 4.000 bilhetes para um pavilhão com capacidade para cerca de 3.000, o que fez com que boa parte do público ficasse de fora mesmo com os bilhetes de ingresso na mão. Aliás, o Comité Local de Organização não teve em conta que para esta prova estavam credenciadas cerca de 500 pessoas entre elas jornalistas, pessoal de apoio, de segurança, delegações de outros países, etc.

Ainda neste capítulo, o mais grave foi o que sucedeu na manhã de domingo (29) em que, depois de se venderem cerca de 2.500 bilhetes no pavilhão do Desportivo, 500 foram oferecidos a instituições e algumas personalidades influentes, cerca de 1.000 reservados ao público angolano que se encontrava numa estância hoteleira do país, tendo sido negociados a um preço especulativo de 1.000 meticais.

Hóquei: Moçambique não conseguiu atingir o objectivo

A selecção nacional de hóquei em patins não conseguiu manter a quarta posição alcançada em 2011 na Argentina. No “Mundial” de Angola, prova que decorreu entre os dias 20 e 28 de Setembro últimos, Moçambique terminou no sétimo lugar.

Texto: Redacção

Depois da qualificação para a fase seguinte, Moçambique partiu de Cabinda a Luanda na companhia de outras selecções como a Itália, a Argentina e a França, que também garantiram a passagem aos quartos-de-final.

A nossa selecção, que teve como adversária a sua congénere de Portugal, perdeu nessa partida por 6 a 0. No confronto, o conjunto liderado por Luís Cénica entrou com a lição estudada e foi claramente superior em todos os aspectos.

Até ao fim da primeira parte a selecção das “Quinas” estava em vantagem de 4 a 0, tendo dilatado o marcador na etapa complementar. Neste jogo, diga-se, o luso-moçambicano e guarda-redes das balizas moçambicanas, Igor Alves, foi o grande herói ao impedir que os rivais pudessem sair daquele pavilhão com mais golos.

Com este resultado, Moçambique viu gorada a possibilidade de repetir a proeza de 2011, restando-lhe apenas a luta pela quinta posição diante do Brasil.

Moçambique perdeu com o Brasil e vingou-se da França

Depois da goleada sofrida nos quartos-de-final, ao combinado nacional restou apenas lutar pela segunda melhor classificação de sempre. Contudo, contra o Brasil, a arbitragem não deixou que José Querido alcançasse a quinta posição.

Depois de terem estado a perder por 2 a 0, os brasileiros aplicaram-se e conseguiram, até ao intervalo, reduzir a desvantagem para apenas um golo, ou seja, 3 a 2 a favor de Moçambique.

Na segunda metade a nossa selecção entrou com a mesma atitude que a da primeira e conseguiu, por isso, marcar dois golos. O Brasil não desarmou e chegou ao quarto golo.

Perto do fim, a juíza da partida, Patrícia Costa, expulsou, injustamente, o guarda-redes luso-moçambicano Igor Alves, o que beneficiou a selecção brasileira que marcou

dois golos, vencendo a partida por 5 a 6.

Já diante da França, no jogo que decidiu o sétimo e o oitavo lugar da prova, a nossa selecção venceu por 7 a 5, apesar das dificuldades que teve. Assim, Moçambique ocupou a segunda melhor posição de sempre num “Mundial”, depois do quarto lugar alcançado em 2011 na Argentina.

Para o seleccionador nacional, José Querido, a prestação de Moçambique nesta prova espelhou a realidade do hóquei no país em comparação com os restantes países que fizeram parte do certame.

“Defender o quarto lugar era muito difícil. Nós tivemos de incutir sempre a necessidade de os jogadores quererem mais. Tivemos a consciência, pelo menos eu como responsável técnico, de que era muito difícil cumprir com o nosso objectivo. Por isso quero dar os parabéns ao meu grupo de trabalho por este lugar” disse Querido.

De lembrar que a Espanha sagrou-se campeã do mundo após derrotar, na final, a Argentina por 4 a 3. Portugal ocupou a terceira posição depois de humilhar o Chile por 10 a 3. O próximo “Mundial” será disputado na cidade francesa de Le Roux, em 2015.

Desporto

Moçambola:
Maxaquene rendido à
Liga Muçulmana

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo derrotou o Maxaquene, por 3 a 0, em partida de acerto de calendário da 18ª jornada do Moçambola, edição 2013. Em Vilanculos o Costa do Sol continua sem vencer, enquanto o Chingale se afunda cada vez mais na zona da despromoção.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Foi uma partida muito bem disputada no início, tal como se antevia. Nos primeiros instantes os dois conjuntos tentaram violar as redes. Mas a Liga Muçulmana, no seu habitual e infalível sistema táctico baseado no 4 – 3 – 3, conseguiu dominar o meio-campo, assentando o seu ofegante jogo ofensivo contra a equipa tricolor.

O Maxaquene, por sua vez, após uma entrada fulminante, limitou-se a jogar no contra-ataque assente num futebol directo e objectivo. Alinhou neste embate com o seu 4 – 2 – 3 – 1.

Findos os primeiros 45 minutos contabilizaram-se nove remates, seis dos quais dos muçulmanos e os restantes dos tricolores. E a melhor oportunidade de golo nesta etapa pertenceu a Sonito que, depois de um cruzamento magistral de Josimar, cabeceou para o poste de Acácio.

Com o nulo no marcador foi-se ao intervalo. Nada estava decidido neste derby da cidade de Maputo.

No reatamento, os dois conjuntos protagonizaram uma partida morna em que, nos primeiros 15 minutos, não foram capazes de protagonizar um lance digno de realce. O Maxaquene manteve o seu futebol directo diante de uma Liga astuta que se socorria da construção e da organização das jogadas ofensivas.

Sem pernas, a partir do segundo quarto de hora, o Maxaquene desistiu tecnicamente do jogo, o que obrigou a Liga a ter de ampliar o seu caudal ofensivo para violar as balizas contrárias. Acácio, ao minuto 63, sofreu o primeiro golo da partida num lance em que Sonito se revelou um ponta de lança que já ultrapassa, em nível, a maioria dos jogadores moçambicanos.

Aquele atleta recebeu o esférico de Josimar na zona da meia-lua, fez um rasgo vertical passando pelo meio de dois centrais, aguentou a carga de Campira que lhe pu-



xou pela camisola para originar uma grande penalidade mas, em queda, rematou para o fundo das malhas.

Um golo que não entristeceu os adeptos do Maxaquene que aplaudiram a beleza e a perfeição com que foi apontado.

Depois do tento começou o baile, ou seja, como se diz na linguagem desportiva, um puro “banho de táctica”. Se até ao minuto 70 o Maxaquene não resistia perante a potência dos muçulmanos, imagine-se a partir do minuto 72 quando o defesa central Campira foi expulso do jogo após uma entrada brutal sobre o seu colega de profissão Momed Hagi.

O público, que já antevia uma goleada histórica, ainda tentou disfarçar essa previsão ao invadir o rectângulo do jogo para pedir esclarecimentos ao árbitro António Mas-sango. Debalde. As forças de segurança souberam manter a ordem e permitiram que o espectáculo muçulmano prosseguisse normalmente no Zimpeto.

Depois de várias tentativas, ao minuto 77 a equipa muçulmana chegou ao 2 a 0 numa jogada que lembrou, a muitos, o Barcelona da Espanha que faz circular a bola por quase todos os seus jogadores, desde os centrais aos avançados. Os tricolores não passaram de meros espectadores neste lance.

O médio-ala Josimar, do lado direito do ataque, depois de um rodopio que tirou de forma humilhante dois adversários, centrou o esférico para Reginaldo que cabeceou para o fundo das malhas.

Porque no futebol quem se limita a defender corre o risco de sofrer, Momed Hagi, um médio-defensivo que, longe de se imaginar, estava no coração da grande área de um adversário, sobretudo tendo em conta que se envolveu numa jogada que não parte de um lance de bola parada, revelou a as fraquezas do Maxaquene quando tem de defrontar abertamente uma equipa com procesos de jogo organizados.

Porque, ainda, se tratou de uma vingança do jogo da primeira volta em que, mesmo depois de um baile sem

medidas que deram ao Maxaquene que acabou ganhando na secretaria do Conselho de Disciplina da Liga Moçambicana de Futebol, os jogadores da Liga, qual adeptos de si mesmos, entoaram o cântico “salanine” para desfalecimento total do adversário.

Com este triunfo, os muçulmanos aumentaram para cinco pontos a diferença em relação ao segundo classificado, o Ferroviário da Beira, que tem 34. A Liga tem um jogo em atraso relativa à 16ª jornada.

Nas outras partidas disputadas neste fim-de-semana (29 e 30), o Vilankulo FC derrotou o Costa do Sol, por 2 a 1, enquanto o Chingale perdeu diante do Estrela Vermelha da Beira, por 2 a 0.

Quadro de resultados

Vilankulo FC	2	x	1	Costa do Sol
Maxaquene	0	x	3	Liga Muçulmana
Chingale de Tete	0	x	2	Estrela Vermelha

Próxima Jornada

Vilankulo FC	x	Liga Muçulmana
Fer. da Beira	x	Têxtil de Púnguè
Estrela Vermelha	x	Costa do Sol
Maxaquene	x	Matchedje
Fer. Maputo	x	HCB de Songo
Chingale de Tete	x	Desp. de Nacala
Fer. de Nampula	x	Chibuto FC

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Liga Muculmana	18	12	3	3	31	12	22	39
2º	Fer. da Beira	19	10	4	5	27	22	5	34
3º	HCB de Songo	19	8	7	4	24	13	11	31
4º	Maxaquene	19	9	4	6	22	17	5	31
5º	Clube de Chibuto	19	9	4	6	19	19	0	31
6º	Fer. de Maputo	19	8	5	6	19	15	5	29
7º	Desp. Nacala	19	7	8	4	16	12	4	29
8º	Costa do Sol	18	7	6	5	24	18	6	27
9º	Estrela Vermelha	19	5	7	7	14	18	-4	22
10º	Vilankulo FC	19	6	3	10	14	20	-6	21
11º	Fer. Nampula	18	5	5	8	16	22	-6	20
12º	Têxtil de Púnguè	19	5	5	9	13	26	-13	20
13º	Chingale de Tete	18	4	5	9	9	15	-6	17
14º	Matchedje	19	1	4	14	11	33	-22	7

Taça de Moçambique:
Ferroviário da Beira
humilha homónimo de
Maputo

O Ferroviário da Beira goleou o Ferroviário de Maputo, por 4 a 0, em partida da segunda “mão” dos quartos-de-final da Taça de Moçambique. Em Nampula, a locomotiva local derrotou o Têxtil, enquanto o Desportivo de Maputo suou bastante para eliminar o Incomáti.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Depois do empate a um golo no jogo da primeira “mão” que teve lugar no estádio da Machava, e tal como havia prometido Victor Matine, treinador-adjunto da equipa do Chiveve, o Ferroviário da Beira simplesmente esmagou, de forma copiosa, o seu homónimo de Maputo, por 4 a 0. Os tentos deste triunfo foram apontados por Nelito, Carlitos, Caló, de grande penalidade, e Mupoga.



Em Gaza, o Clube de Chibuto derrotou o Desportivo de Tete, por 3 a 0, e invalidou, diga-se, o nulo registado no marcador na primeira partida entre as duas colectividades. Os “guerreiros” vão agora defrontar o Desportivo de Maputo, nas meias-finais, equipa que recorreu à marcação de grandes penalidades para eliminar o Inco-

máti de Xinavane, depois de perder por 1 a 0 na etapa regular.

Na primeira “mão”, disputada no campo do Primeiro de Maio, os alvinegros derrotaram os açucareiros, também por 1 a 0.

A outra equipa que garantiu o apuramento para a fase seguinte e que vai enfrentar a locomotiva da Beira é a do Ferroviário de Nampula que derrotou o Têxtil de Púnguè, por 3 a 0. Nesta partida, a arbitragem de Arão Júnior foi bastante contestada pelos fabris da Manga.

De referir que as partidas das meias-finais da segunda maior prova futebolística do país serão disputados também no sistema de duas “mãos”.

Quadro completo de resultados dos quartos-de-final					
Incomáti	1	x	0	Desp. de Maputo	(agregado 3 – 4 g.p.)
Clube de Chibuto	3	x	0	Desp. de Tete	(agrd: 3 – 0)
Fer. da Beira	4	x	0	Fer. de Maputo	(agrd: 5 – 1)
Fer. de Nampula	3	x	0	Têxtil de Púnguè	(agrd: 3 – 2)
Meias-finais					
Desp. de Maputo		x		Clube de Chibuto	
Fer. da Beira		x		Fer. de Nampula	

Doar sangue é um acto supremo de humanidade

Doar sangue será mais do que salvar uma vida. É um acto de valorização humana. Ultrapassa todas as sensibilidades materiais por ser uma acção suprema. Da mesma forma que é elevado tudo aquilo que coloca acima de todas as coisas a vida. Ou seja, em todas as ocasiões é preciso repetir, mesmo sendo óbvio, que o sangue não pode faltar nos hospitais. E você é uma fonte fundamental para que este líquido precioso e imprescindível nunca falte nas unidades sanitárias. De si pode depender uma vida.

Texto: Redacção

Foto: Associação de Sangue/Centro de Saúde de Mangunde

A sua solidariedade, manifestada na doação de sangue, pode recuperar o entusiasmo de um desconhecido que precisa de si. Do seu gesto. Porque, mais do que um facto, doar sangue é um gesto de amor para com o próximo.

É pensando em tudo isto que dá sentido à própria vida que as instituições da saúde se têm desdobrado em acções de sensibilização, no sentido de, os que estando em condições de doar sangue, o façam para salvar aqueles que podem perder a vida por falta de sangue nos hospitais. Como dizia Dora Loforte Pequenin, dadora regular desde 1994 “os cientistas ainda não criaram uma fábrica de sangue, por isso, a doação é a única forma de garantir a sua disponibilidade.” Dar sangue assume uma importância incalculável. Existem relatos inúmeros de pessoas acidentadas e outras, como as acometidas por lesões provenientes de queimaduras, e não só, que precisam de sangue.

Para melhor elucidação, basta recordar que os bancos de sangue dos nossos hospitais trabalham sempre no limite, ou seja, nunca estão totalmente abastecidos para as necessidades diárias.

Se cada indivíduo saudável doasse sangue pelo menos duas vezes por ano, provavelmente não houvesse necessidade de campanhas constantes de emergência para colectas e reposição de stocks, principalmente nos períodos festivos, tais como o



Natal e a passagem de ano para fazer face aos acidentes de viação causados por excessos, por exemplo. São 500 mililitros no máximo, que se dão em cada operação. E esta quantidade pode acender a esperança de voltar à vida de uma pessoa ou várias.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que o número de dadores por país deve estar entre 3,5 e 05 por cento da sua população. Entretanto, Moçambique está muito abaixo dessa meta, pois colecta-se, anualmente, cerca de 100 mil unidades, o que significa que menos de um por cento faz a doação de sangue.

Por diversas razões, no nosso país há muitas pessoas que precisam de sangue, mas, infelizmente, nem sempre está disponível nas unidades sanitárias porque os dadores são poucos. Algumas famílias que tiverem um parente que, por qualquer motivo precise de receber esse líquido vital, não encontram outras alternativas senão comprá-lo, muitas vezes com dinheiro que não têm.

Mas o leitor pode mudar este cenário, dirigindo-se aos centros de doação ou às brigadas móveis criadas para o efeito. A doação de sangue é um acto solidário e de amor ao próximo. Mas, infelizmente, em muitos casos, torna-se um negócio, em desprezo do valor da vida dos outros.

“os cientistas ainda não criaram uma fábrica de sangue, por isso, a doação é a única forma de garantir a sua disponibilidade.”

Segundo o preceituado, pode-se dar sangue até quatro vezes por ano com intervalos de 60 dias no que diz respeito a homens e 90 dias no tocante a mulheres. E para tal é necessário que se esteja em boas condições de saúde, pesar no mínimo 50 quilos, estar-se descansado, ou seja, ter-se dormido pelo menos seis horas nas últimas 24 horas. Não se

pode estar a jejuar nem doente ou com febre, tão-pouco ter hepatite B ou C, malária, dentre outras doenças cuja lista é extensa. É preciso ainda estar-se devidamente alimentado e evitar-se comidas gordurosas nas quatro horas que antecedem a doação.

Fazem a transfusão de sangue mulheres com idades compreendidas entre 16 e 60 anos e homens entre 16 e 65 anos, bastando para o efeito ter uma hemoglobina igual ou superior a 2.5 hematócrito.

Estes e outros procedimentos são infalivelmente observados pelos técnicos de transfusão nos centros criados para o efeito. Qualquer incompatibilidade detectada na triagem levará à rejeição temporária ou definitiva do doador para preservar a sua saúde.

Entretanto, para ser doador há alguns impedimentos temporários, tais como esperar até decorrerem 90 dias após um parto normal e 180 dias após uma cesariana. É igualmente desaconselhável doar sangue depois de ter ingerido alguma bebida alcoólica nas 12 horas que antecedem a doação, e 12 meses depois de uma tatuagem.

Doar sangue é simples, rápido e não tem riscos. Os especialistas de saúde asseguram que depois da primeira transfusão o organismo compensa a quantidade doada com a mesma consistência de antes.

Doe sangue, mostre que é solidário

Um pouco por todo o país, as unidades sanitárias debatem-se com problemas relacionados com a insuficiência de reservas de sangue para salvar a vida dos pacientes que necessitam deste líquido vital. A falta é imputada à inexistência de espírito solidário, humanismo e do desconhecimento da importância de salvar vidas.



O primeiro vogal da Associação dos Doadores de Sangue de Moçambique, Artur Cherime, apela para que a sociedade moçambicana esteja consciente de que doar san-

Destaque

que é mais que do que salvar vidas, é um acto de valorização do próximo. São poucas as pessoas que percebem isso porque o sector da saúde não incute nas pessoas o valor da transfusão do líquido vital.

Segundo o entrevistado, a população deve deixar de ser egoísta. O sangue faz parte dos medicamentos essenciais para muitos doentes, tais como mulheres grávidas que dão à luz por via da cesariana, dentre outras cirurgias.

Para Artur Cherrime, o acto de doar sangue deve partir da comunidade, de casa, da escola, da igreja, porém, é necessário que se faça um trabalho nesse sentido. Urge incutir nos jovens, sobretudo, a importância de doar sangue em prol do outro e evitar as mortes originadas pela falta deste precioso líquido. “As pessoas podem salvar vidas sem exigir nenhum incentivo em troca, como acontece actualmente”.

O membro da Associação dos Doadores de Sangue de Moçambique explica ainda que, presentemente, os doadores variam de 30 a 50 por dia, um número muito aquém das necessidades dos utentes das unidades sanitárias, estimadas em 150 unidades.

Cherrime considera que não doar sangue quando se está em condições de fazê-lo é egoísmo. E a redução das quantidades desse líquido vital nos estabelecimentos hospitalares é um problema que tende a agravar-se, mas não existem medidas para contê-lo.

Os doadores na primeira pessoa

Sérgio Macheque, de 51 anos de idade, residente na cidade da Matola, é dador de sangue desde 1989. Volvidos 24 anos, o entrevistado estima que já realizou 60 doações. A primeira vez que ofereceu o líquido vital ficou deveras satisfeito porque serviu para uma família que estava a precisar dum que fosse compatível com o seu grupo sanguíneo.

Se cada indivíduo saudável doasse sangue pelo menos duas vezes por ano, provavelmente não houvesse necessidade de campanhas constantes de emergência para colectas e reposição de stocks, principalmente nos períodos festivos, tais como o Natal e a passagem de ano para fazer face aos acidentes de viação causados por excessos, por exemplo.

A partir dessa altura, Sérgio Macheque percebeu que doar sangue é um acto incondicional de amor ao próximo e de cidadania, e, por essa via, estava a fazer a sua parte para colmatar a carência com que se debatem os hospitais. “Uma doação pode salvar cerca de quatro vidas humanas. Por isso, sempre que dou sangue estou a cumprir o meu dever de cidadão, a ajudar os que necessitam ou irão precisar”.

Elton Jopela, de 23 anos de idade, residente no bairro do Alto Maé, na capital moçambicana, é doador desde 2011. A sua primeira vez foi marcada pelo medo e

nervosismo, todavia, apesar de ter tido vontade de desistir, entendeu que o seu receio não podia vencer o espírito de solidariedade.

Desde esse momento, Elton enche-se de orgulho por estar a contribuir para o restabelecimento da saúde de quem precisa e sente-se “herói” quando imagina que o seu sangue assegura a vida de pessoas na sociedade. “É preciso que cada indivíduo saiba dar



valor ao outro e cultivemos o amor ao próximo, independentemente da cor, raça, do sexo e da etnia”.

Dinis Langa, de 27 anos de idade, é morador do bairro do Infulene, no município da Matola. Ele é doador desde 2010 e considera que não é possível medir a importância de salvar a vida de alguém com recurso à transfusão de sangue.

“A doação deve ser um acto voluntário. Não existe dinheiro que pague o sangue ou uma vida. Há necessidade de as pessoas serem mais altruístas e estarem em condições de auxiliar o próximo sem a intenção de ganhar algo em troca”.

Sangue colhido no Hospital Geral de Mavalane é insuficiente

O sangue colectado no Hospital Geral de Mavalane, um dos hospitais de referência em Maputo, não cobre as necessidades dos utentes, uma vez que só se doa 17 unidades por dia, contra mais de 19 necessárias.

“É preciso que cada indivíduo saiba dar valor ao outro e cultivemos o amor ao próximo, independentemente da cor, raça, do sexo e da etnia.”

O técnico de laboratório daquela unidade sanitária, Horácio Macandja, disse ao @Verdade que o facto deriva da falta de humanismo e da crise de valores que abalam a sociedade moçambicana. “Anualmente conseguimos colher cerca de 4.500 unidades de sangue, contra as 6.000 unidades necessárias para suprir a demanda”.

Para colmatar o défice do líquido vital seriam precisos 20 a 25 unidades diárias, o que está longe de acontecer porque as pessoas somente doam quando um familiar está doente, lamenta Macandja, para quem não há dúvidas de que as pessoas perderam o espírito humanitário e os dirigentes não estão a encontrar medidas para incentivar os jovens e adolescentes a doarem sangue. Há casos de cidadãos que até exigem recompensa para o efeito.

Sonho vira realidade em Sofala

Há dias, o Centro de Saúde da Missão de Mangunde, na província de Sofala, realizou a primeira transfusão de sangue desde que foi construído. E foi igualmente criado o primeiro banco de sangue na mesma unidade sanitária.

Nunca houve transfusão em Mangunde e todos os casos de anemia grave eram transferidos para o Hospital Rural de Muxunguê, que se localiza a cerca de 46 quilómetros daquele centro. O doador inicial chama-se Manuel. Segundo os dirigentes daquele hospital, o desafio é aliciar mais doadores de sangue e repositores para futuras transfusões.



Inhambane sensibiliza

Realizou-se, na última quinta-feira, na cidade de Inhambane, um encontro de sensibilização, cuja bandeira era “Qualidade e Humanização”. Para Dora Loforte Pequeno, dadora desde 1994, foi muito importante participar neste evento, “porque noutras realizações têm-se esquecido dos principais actores, que são os dadores. Desta vez fomos convidados para contarmos as nossas experiências”.

A nossa interlocutora queixa-se do facto de – como dadora – não ter vindo a merecer consideração nos hospitais fora de Inhambane. “Nós temos um cartão que nos identifica como dadoras de sangue e gozamos de alguns privilégios nas unidades sanitárias, como, por exemplo, a assistência médica e medicamentosa para nós e familiares directos, mas esse cartão não é valorizado quando estamos fora de Inhambane. Apresentámos essa questão e os responsáveis da saúde ficaram por analisar.”

“A doação deve ser um acto voluntário. Não existe dinheiro que pague o sangue ou uma vida. Há necessidade de as pessoas serem mais altruístas e estarem em condições de auxiliar o próximo sem a intenção de ganhar algo em troca.”

Dora apela aos seus compatriotas que estejam em condições de o fazer para que doem sangue, “porque é uma grande atitude, acima de tudo”.

Aumentam as divisões entre rebeldes sírios

A população da localidade de Ad Dana cresceu em “dezenas de milhares” de habitantes nos últimos dois anos, disse à IPS um combatente do ELS da região, já que muitos fugiram para mais perto da fronteira desde áreas que eram alvo de ataques cada vez mais frequentes. Esta colina estava coberta por árvores antes do último inverno boreal, quando os moradores e os refugiados foram obrigados a cortá-las para obter lenha para se aquecerem. Agora, este lugar, onde só há pedras e restos de troncos, também é um dos poucos da área onde há recepção dos sinais de telefonia celular.

Texto: Shelly Kittleson/Agência IPS • Foto: Reuters

Um comerciante da região, que pertence às Brigadas Farouq, uma das maiores unidades do ELS, disse que quando o Exército Islâmico do Iraque, grupo activo no Iraque e na Síria, e a Al-Sham (Isis), organização vinculada à rede Al Qaeda, instalaram postos de controlo no povoado e assumiram o domínio da área, todos os estabelecimentos comerciais foram obrigados a fechar à hora das orações. Os castigos para os crimes ficaram mais severos, assegurou. Porém, ressaltou, “neste momento temos problemas maiores”.

Outro habitante do lugar contou que os grupos fundamentalistas que lutam contra o regime de Bashar al Assad tendem a ocupar áreas já tomadas por outras brigadas da oposição, insinuando que deixavam para essas últimas as batalhas mais duras. Muitos combatentes do ELS, com os quais a IPS conversou nos últimos dias nas regiões de Aleppo e Idlib, disseram que o seu plano era, depois que caísse o regime de Assad, que se abordasse o assunto dos grupos mais fundamentalistas.

Uns poucos, inclusive, afirmaram que depois começou uma guerra aberta contra eles. Um sinal desta tensão foi registado no dia 18, quando houve fortes confrontos na localidade de Azaz, norte do país, entre uma brigada ELS e o Isis, depois de combatentes de uma das organizações filiadas à Al Qaeda terem sido filmados numa clínica por um trabalhador humanitário alemão.



Dias antes, quando esta correspondente atravessou a cidade, ao norte de Aleppo, os escombros de mais de dois anos de bombardeios e ataques eram visíveis nas ruas. Vários combatentes estrangeiros armados, conhecidos localmente como “muhajiroun”, estavam claramente nos arredores. Porém, esta repórter – que viajava num veículo com o comandante de uma pequena unidade de combate – atravessou facilmente um posto de controlo do Isis, bem nos arredores da cidade.

Enquanto os ataques aéreos e os bombardeios por parte do regime continuam, os confrontos entre facções da oposição consomem cada vez mais tempo, atenção e recursos humanos das forças do ELS. Após as lutas em Azaz, a Turquia fechou indefinidamente a fronteira de Oncupinar, que fica próxima, dessa forma cortando a linha de salvação que antes permitia a entrada de ajuda humanitária, e deixando os refugiados perdidos.

Em Ad Dana, um combatente contou que até há quatro meses continuava a ir à cidade de Idlib, controlada pelo regime, usando uma falsa identidade para passar pelos postos de controlo oficiais, a fim de receber o seu cheque do governo como professor de inglês numa escola secundária. Ainda exerce a profissão em tempo parcial, mas agora ficou muito perigoso cruzar linhas inimigas para obter o muito necessário dinheiro, enquanto os produtos básicos são cada vez mais escassos.

Apesar dos preços terem disparado, dos bombardeamentos serem incessantes e das mais de cem mil mortes ocorridas em dois anos e meio de lutas, os rebeldes do ELS reunidos expressaram um cauteloso optimismo. “Estamos a voltar”, ressaltou Aref Najjar, ex-funcionário do governo. Ele passou cinco anos na prisão sob acusações falsas, contou à IPS, após negar-se a viajar para participar do funeral do ex-presidente Hafez al Assad, pai do actual mandatário. “Mantiveram-nos debaixo da mesa por muito tempo, mas tão logo um vê o que há sobre ela, vai para a luta”, afirmou.

Devido ao perigo, muitos combatentes, especialmente do sul da província, levaram as suas mulheres e crianças das suas famílias para a Turquia. A mulher de Mohammad, um especialista em material anti-aviões de 25 anos, inicialmente ficou com ele na casa da sua família original, semidestruída pelos bom-

bardeamentos do regime. Mas depois uniu-se aos parentes do marido, que haviam cruzado a fronteira para a Turquia, depois de soldados do governo terem violado mulheres em aldeias vizinhas e as incursões das milícias shabiha, de Assad, se tornaram mais frequentes.

Mohammad culpou os rebeldes por não aproveitar a experiência dos oficiais desertores, e de muitos erros em razão disso. Também afirmou que dos 80 homens que tinha sob seu comando, apenas 40 tinham Kalashnikovs, e que somente os grupos fundamentalistas podiam atrair financiamento. Poucos meses antes, decidira deixar crescer a barba de modo salafista, numa tentativa de arrecadar fundos, mas continua a fumar e apressa-se a mostrar uma foto sua do começo deste ano: barba feita e sorrindo, com óculos de sol, calça jeans e camiseta de cor vermelho-brilhante.

Mohammad disse à IPS que admira os grupos fundamentalistas pela sua “valentia”, citando uma quantidade importante de êxitos obtidos por eles, como ocupar a estratégica base aérea de Menagh em Agosto, depois de o sítio de um ano imposto pelas brigadas ELS ter demonstrado não dar resultados.

Um jornalista sírio disse que “o lugar mais seguro durante um ataque aéreo contra as ‘áreas libertadas’ é a sede do Isis. As pessoas correm para lá porque sabem que o regime não a atacará”, insinuando que os grupos mais fundamentalistas, na realidade, colaboram com o governo. No entanto, os combatentes na frente de batalha são mais cuidadosos. “Se combatentes estrangeiros vêm ajudar os sírios, fico agradecido”, disse um deles.

China enfrenta resistência na extracção de petróleo em África

No Níger, as autoridades estão a combater uma companhia chinesa passo a passo, desmanchando partes de um contrato que definem como nefasto. No vizinho Chade, o governo foi mais enérgico e bloqueou as actividades dos chineses, acusando-os de negligência ambiental. No Gabão, o governo confiscou grandes lotes petrolíferos concedidos à China.

Como no passado, Pequim quer o petróleo africano. Mas, em vez de aceitar os termos anteriores, que muitos dirigentes definem como rendição incondicional, alguns países de África estão a reagir, sugerindo que os dias de influência ilimitada do maior investidor no continente estão a chegar ao fim.

Durante anos, a China encontrou parceiros ávidos em África, com governos que recebiam positivamente a sua grande disponibilidade de capital e o seu distanciamento em relação à política local, como alternativa ao Ocidente.

Agora, as petroleiras chinesas são contestadas por governos que aprenderam duras lições sobre o controlo de recursos por estrangeiros e decidiram rever os contratos já assinados. Nos casos em que as empresas são vistas como exploratórias, poluentes ou acumuladoras de terras preciosas, as autoridades começam a resistir.

“Isso é tudo o que temos”, diz Fourmakoye Gado, ministro do Petróleo do Níger. “Se entregarmos os nossos recursos naturais, jamais sairemos da situação em que vivemos”.

A produção começou há quase dois anos no Ní-

ger, mas ainda não melhorou a qualidade de vida. Abaixo do gabinete do ministro, que fica num sétimo andar ao qual se chega de escada porque os elevadores não funcionam, os seus concidadãos vivem em casas de barro sem electricidade, e lavam roupa nos rios.

“Temos de lutar para extrair o pleno valor desses recursos”, disse Gado. “Se forem avaliados correctamente, podemos ter a esperança de propiciar algo ao nosso povo”.

Segundo o ministro, uma auditoria privada feita a pedido do Níger identificou sobrefacturação nos custos da China National Petroleum Corporation. Após as revisões, os chineses tiveram que devolver dezenas de milhões de dólares.

No Chade, as autoridades adoptaram uma linha mais dura com a empresa, apesar da confiança crescente depois de dez anos de presença no país.

Em meados de Agosto, o ministro do Petróleo suspendeu as operações chinesas depois de descobrir que a companhia despejava excedentes de petróleo cru em valas ao sul da capital Ndjamena, e forçava operários a remover os resíduos

sem trajes de protecção.

“Simplesmente atiram o petróleo a céu aberto”, disse Antoine Doudjidingao, economista que comanda uma organização de fiscalização em Ndjamena. “É um caso sério, o primeiro desse tipo. Não podemos ficar de olhos fechados diante dele”.

Em Agosto, o ministro do Petróleo do Chade negou a retomada das operações dos chineses até que fossem construídas instalações de tratamento. O governo local chegou a expulsar o director da companhia e o seu assistente.

“O governo do Chade normalmente não se incomodaria muito com o derramamento. Mas isso parece ser um aviso de que mesmo os Estados africanos considerados fracos podem exercer influência e que as relações com os chineses não são tão desequilibradas como às vezes se argumenta”, diz Ricardo Soares de Oliveira, professor da Universidade Oxford e especialista em petróleo.

No Gabão, o governo surpreendeu o sector petrolífero ao retirar a licença de outra empresa estatal chinesa, a Sinopec, para a exploração de um campo de petróleo importante. As actividades

foram transferidas para uma companhia estatal gabonesa criada recentemente.

Em Agosto, membros do governo ameaçaram cancelar as licenças para a exploração de outros campos, também por acusações de crimes ambientais e de gestão. Alguns analistas afirmam que a intenção gabonesa é facturar mais com esses campos.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês nega que o papel do país na região seja outra coisa que não frutífero. O país asiático afirma que contratou moradores locais e construiu escolas, perfurou poços e executou outras acções de bem-estar social no Níger.

Segundo o governo chinês, Pequim exigiu que as companhias protegessem o meio ambiente e tentassem resolver a disputa no Chade por meio de “negociações amistosas”. A respeito do Gabão, diz que apoia a plena cooperação “com base na igualdade, amizade e no benefício mútuo”, assim como noutros países.

Mas os governos africanos, embora gratos pelas estradas e edifícios construídos pelos chineses, deixaram de ser parceiros passivos.

“Creio que esse seja o começo de uma mudança entre os países africanos e os chineses. Estamos a ganhar consciência”, diz Doudjidingao.

Texto: Adam Nossiter/jornal The New York Times

Mundo

Alemanha: Mais incontornável do que nunca

Vencedora incontestada das eleições de 22 de Setembro, Angela Merkel tem de encontrar parceiros para formar governo. Seja qual for a coligação, vai ter de assumir o poder que agora cabe ao país.

Texto: Klaus-Dieter/jornal Frankfurter • Foto: Reuters

Os alemães votaram. Os seus parceiros europeus podem respirar de alívio: o escrutínio já passou, apesar de tanto os intervenientes como os observadores aguardarem ainda a fase mais apaixonante: a constituição de um novo governo em Berlim.

As tensões decorrentes da questão de saber quem irá tomar as rédeas da política no centro da Europa não são injustificadas. São fruto dos acontecimentos e das experiências de quatro anos, marcados pela crise das dívidas públicas europeias, por um clima de preocupação quanto à sobrevivência da união monetária e pelo debate sobre as medidas a aplicar para garantir a continuidade do euro. A Alemanha desempenhou um papel fundamental nesses acontecimentos e experiências; um papel que muitos qualificam de “decisivo” e de “dominante”.

O mínimo que se pode dizer é que isso não deixou propriamente encantados os países do Sul. A Alemanha insistia na necessidade de consolidar as políticas orçamentais e colocava a adesão às suas próprias preferências políticas como condição para o desbloqueamento dos fundos de ajuda – que era igualmente um condição indispensável para que a maior parte dos alemães, que já se encontrava mentalmente numa posição defensiva, não se desviasse politicamente da Europa. O lugar central de Berlim é hoje mais flagrante que nunca, desde a queda do Muro.

Cultura de contenção

Apesar de já ser claro, o domínio económico da Alemanha



tornou-se ainda mais evidente na sequência da crise. As tensões decorrentes dessas diferenças de desempenhos económicos e tecnológicos não irão atenuar-se, ou quase não irão atenuar-se, mesmo quando os países em dificuldades perseveram na via das reformas. Nesse período de gestão da crise e de destabilização da União, o seu peso económico, a sua posição geopolítica central e a política que aplica valeram à Alemanha dois rótulos: o primeiro é o de “país indispensável no seio da UE”, o segundo é o de “potência hegemónica hesitante”.

Teve de ser o ministro dos Negócios Estrangeiros polaco a proclamar que a Alemanha era “indispensável” e a apelar, aludindo ao estilo do governo federal, a uma governação dinâmica. Considerado por alguns como uma censura e por outros como um convite premente ao salvamento da Europa – de maneira desinteressada, ou quase – o qualificativo de “potência hegemónica” resulta sobretudo do domínio económico do país. Acontece que os alemães não podem nem querem ser uma potência económica internacional como foram os Estados Unidos, no século XX.

É óbvio que a classe política alemã não ignora que o país deve assumir mais responsabilidades políticas, tanto a nível europeu como a nível internacional.

É óbvio que a classe política alemã não ignora que o país deve assumir mais responsabilidades políticas, tanto a nível europeu como a nível internacional. Contudo, uma parte dessa classe política continua presa a uma “cultura de contenção”, originária da Alemanha Ocidental, no que se refere às questões militares e de segurança. E, diga-se de

passagem que, nesse aspecto, está em perfeita sintonia – como aconteceu no caso da Líbia – com uma grande maioria da população, que evoca de bom grado o modelo de uma “Suíça alargada” em matéria de política de segurança. O slogan “Germans to the front” (alemães para a frente) é bom apenas para os filmes históricos.

Responsabilidade política

O desequilíbrio entre os desempenhos económicos alemães (e a verticalidade que deles resulta nas questões que lhe estão associadas) e o discurso em matéria de segurança, que destaca frequentemente todas as operações em que a Alemanha não participará, não pode ser perturbado. A responsabilidade política da Alemanha na Europa decorre da sua situação no centro da União.

Contudo, essa responsabilidade não deve continuar a resumir-se apenas através da palavra de ordem “mais Europa”. As instituições europeias já não beneficiam à partida da confiança “apolítica” de todos os alemães. E, tal como a maioria dos seus parceiros, estes não sentem desejo de rever os tratados. No entanto, esses mesmos parceiros podem ter a certeza de uma coisa: no futuro, a Alemanha recordar-lhes-á que, no mundo *hipercompetitivo* de amanhã, a prosperidade da Europa dependerá do seu dinamismo, da sua capacidade de inovação e da sua competitividade.

Barcos da esperança encalham na Austrália

Ananda (nome fictício), de 28 anos, oriundo do sul do Sri Lanka, tomou a sua decisão diante de uma simples equação económica: como nunca tinha dinheiro, atirou tudo para o ar e embarcou no ano passado para a Austrália. “Trabalhava como motorista de táxi de três rodas de outra pessoa e ganhava cerca de 25 mil rupias (cerca de 5.400 Mt) nos meses bons. Estava farto”, contou à IPS. Ele pagou 300 mil rupias (cerca de 65.000 Mt), que conseguiu das economias da sua mãe, e uniu-se a um grupo com cerca de 50 homens para percorrer 6.800 quilómetros num mês.

Texto: Amantha Perera/Agência IPS • Foto: LUSA

Porém, a sua viagem não durou muito. Por volta da meia-noite abordou uma embarcação pesqueira a três quilómetros da costa, à qual chegou de bote. Ao meio-dia seguinte já estava de volta em terra firme. “Alguém passou a informação, e a marinha esperava-nos logo no começo da viagem”, disse Ananda, nascido em Weligma, parte do distrito de Matara. Ele foi um dos dez mil cingaleses que no ano passado tentaram a perigosa viagem ao destino australiano.

Aproximadamente mil cingaleses chegaram à Austrália deste modo no ano passado. A maior parte pertence à minoria tamil do nordeste do Sri Lanka, devastado por três décadas de guerra. Segundo o Departamento de Cidadania da Austrália, 6.428 pessoas conseguiram entrar nas suas águas. As autoridades cingalesas dizem ter frustrado mais de três mil tentativas no ano passado. E presume-se que uma quantidade desconhecida de pessoas morreu no mar.

Kanan é um jovem de Kilinochchi, vibrante centro nevrálgico da região de Vanni, norte do país, mas arrasado pelo conflito que terminou em Maio de 2009 e pela lenta recuperação. Para este e muitos outros jovens, a melhoria é muito lenta. “Aqui não há trabalho”, afirmou. O desemprego da região é o maior do país. Segundo estatísticas do governo, fica entre 5% e 8%, mas estudos independentes multiplicam por três essas percentagens.

Kanan viajou em Agosto para a costa leste e um intermediário de Kilinochchi conseguiu lugar para ele numa embarcação lotada. “Paguei cem mil rupias, o resto a minha família pagaria tão logo



eu chegasse”, explicou. O custo total era de um milhão de rupias (cerca 216.000 Mt). Mas o barco naufragou seis dias depois de partir, e navios militares do Sri Lanka rebocaram-no até a costa.

Kanan voltou para a sua aldeia natal. Continua desempregado e a sonhar com uma vida mais próspera noutro lugar. Além do emprego, decidiu viajar num barco avariado e sem outros instrumentos além de um GPS manual, em grande parte devido ao clima de pós-guerra que continua a imperar no norte. “Para os militares e a Polícia, sou sempre suspeito”, afirmou.

Canberra impôs leis mais duras para dissuadir os “balseiros” do Sri Lanka. Desde meados desse ano, todo o cingalês detido em águas da Austrália perde o direito de optar pela cidadania australiana, embora consiga o status de refugiado, e é obrigado a seguir para as ilhas Nauru ou Papua Nova Guiné. O governo australiano também lançou uma importante campanha de publicidade para desestimular esse tráfego migratório.

A linha dura parece estar a funcionar. No último ano chegaram à Austrália menos barcos provenientes do Sri Lanka. Até o final de Agosto, 1.957 cingaleses haviam chegado a terras australianas por essa via, menos de um terço em relação a 2012. O novo governo de direita, que tomou posse no dia 18, pode adoptar medidas mais rígidas, como a deportação directa das embarcações, eliminar a possibilidade de revisão de solicitações de refúgio e reduzir as quotas de admissão de refugiados.

A acção das autoridades australianas baseia-se na conclusão de que a maioria dos que abordam esses barcos não é de refugiados, mas de imigrantes “económicos”. A situação económica tem papel crucial, mas a decisão de abordar uma embarcação para semelhante viagem deve-se a muitos outros factores, disse à IPS a directora de investigações da

Human Rights Law Centre de Melbourne, Emily Howie. “Os cingaleses viajam para a Austrália por uma complexa combinação de assuntos económicos, políticos e de segurança”, afirmou.

Na investigação Migração Cingalesa por Barco para a Austrália: Motivações e Dilemas, Howie afirma que deportar as embarcações não é a solução. Cerca de 90% dos pedidos de refúgio de cingaleses na Austrália eram genuínos, ressaltou a especialista. “Em lugar de reduzir opções, a Austrália deveria trabalhar com outros países da região para garantir formas seguras e viáveis de proteger” os que precisam de protecção, ressaltou.

Outros analistas acreditam que a maior motivação deste fluxo migratório continua a ser a pobreza. “A desolação económica é a causa fundamental para emigrar, inclusive entre os ex-combatentes”, disse à IPS o economista Muttukrishna Sarvananthan, que dirige o Instituto de Desenvolvimento Point Pedro, que se dedica às pesquisas económicas em Jaffna, norte do país.

No final de 2010, Sarvananthan realizou uma pesquisa no norte da ilha especificamente dirigida a ex-combatentes, jovens e mulheres sós. Mais de 70% dos entrevistados disseram que as más condições de vida eram o seu principal motivo para desejar abandonar Sri Lanka. Outros 41% também mencionaram a falta de oportunidades. Apenas 14% dos consultados responderam que a questão da segurança era a principal razão para quererem deixar o país.

Mundo

Modelos negras são excluídas de desfiles da alta costura

Há cinco anos, a indústria da moda teve que enfrentar um acerto de contas a respeito da notável ausência de diversidade de modelos nas principais passarelas. Reagindo a queixas, a "Vogue", na sua edição de Julho de 2008, apresentou um artigo cujo título era: "A moda é racista?".

Texto: Eric Wilson/jornal The New York Times • Foto: ISTOCKPHOTO

Isso aconteceu pouco antes de Franca Sozzani, editora da "Vogue" italiana, publicar uma edição provocativa usando apenas modelos negras. A ex-modelo Bethann Hardison, que agora é agente, também promoveu debates sobre o tema na época.

Por fim, Diane von Furstenberg, presidente do Conselho de Estilistas de Moda dos EUA, pediu mais consciência aos filiados para que diversificassem a escolha de profissionais. Desde então, quase nada mudou.

Os desfiles em Nova York continuam tão dominados por modelos brancas como eram no final da década de 1990, no declínio da era das supermodelos. Depois de um notável aumento em 2009, a representação das modelos negras manteve-se praticamente a mesma até este ano.

O blog Jezebel, que monitora a participação de minorias nos desfiles, disse que modelos negras vestiram apenas 6% dos figurinos da New York Fashion Week de Fevereiro (menos que os 8,1% dos desfiles de Setembro de 2012); 82,7% das peças eram vestidas por modelos brancas.

Na Europa, onde Phebe Cilo, da Céline, Raf Simons, da Dior, e outros têm apresentado colecções inteiras sem usar nenhuma modelo negra, as oportunidades têm sido ainda menos favoráveis.

"Há algo de terrivelmente errado", disse Iman, uma das



mais famosas modelos negras do mundo, que mais tarde criou uma empresa de cosméticos. A sua experiência nas décadas de 1980 e 1990, quando estilistas como Calvin Klein, Gianni Versace e Yves Saint Laurent rotineiramente escalavam negras, foi diferente da de jovens modelos não brancas da actualidade, quando o preconceito racial é declarado de forma quase explícita.

"Temos (nos EUA) um Presidente e uma Primeira-Dama que são negros", disse Iman. "Você pode achar que as coisas mudaram, mas depois percebe que não. Na verdade, retrocederam."

Para Hardison, o aspecto mais chocante da persistente falta de diversidade é a ausência de repercussão. "Ninguém com poder enfrenta esses estilistas", disse.

Na New York Fashion Week deste mês, Hardison organizou uma campanha nas redes sociais para promover a reprovação pública de estilistas que não usam modelos negras.

James Scully, director de casting cujos clientes incluem Tom Ford, Derek Lam e Stella McCartney, veio a público em Março com uma crítica mordaz aos desfiles sem diversidade. "Eu sinto que a Dior é tão incisivamente branca que parece deliberado", disse ele num artigo no BuzzFeed.

Em Julho, quando Simons apresentou a sua colecção para a Dior, o desfile incluiu seis modelos negras, levando a especulações de que a mudança teria decorrido dos comentários de Scully. Naquela semana, a Prada lançou uma campanha com Malaika Firth, primeira modelo negra em quase 20 anos a aparecer na publicidade da marca. Representantes das duas grifes não quiseram comentar o assunto.

A Calvin Klein, que costumava diversificar, tem sido recriminada por usar muitas modelos brancas. No desfile deste mês em Nova York, houve sinais

de que a pressão poderia motivar algumas mudanças.

Havia cinco modelos negras entre as 35 entradas no desfile da Calvin Klein no último dia. Mas, no geral, as mudanças foram pequenas: mais de metade dos estilistas criticados na temporada passada usou duas ou mais modelos negras nesta temporada, mas a maioria ficou mesmo só com duas. Muita gente observou que não havia modelos asiáticas no desfile.

Francisco Costa, director de criação de moda feminina da Calvin Klein, disse que a empresa procura rostos diversos, mas escreveu:

"Actualmente, há poucas modelos de cor de alto nível, treinadas profissionalmente. Elas acabam por ser contratadas por outras grifes e podem ser vistas sobre dúzias de passarelas a cada temporada, o que é contra aquilo de que estamos à procura".

Riccardo Tisci, estilista da Givenchy conhecido por usar grande variedade de raças, idades e géneros, diz que quem escolhe só modelos brancas é "preguiçoso". "Não há só gente branca no mundo", disse ele.

Veronica Webb, que enfrentou desculpas variadas durante a sua carreira, na década de 1990, disse que a questão é importante para as jovens.

"Quando você vê alguém na passarela que se parece consigo, você sente-se mais bonita. Isso cria uma sensação de posse".

Ataque islamista a residência universitária faz 40 mortos na Nigéria

Homens armados mataram, na madrugada do passado domingo, pelo menos 40 estudantes, num ataque a uma residência universitária, no nordeste da Nigéria.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

O ataque foi atribuído pelo porta-voz militar do Estado de Yobe, Lazarus Eli, "aos terroristas do Boko Haram". Estabelecimentos de ensino e outros alvos civis têm sido visados por acções do grupo islamista Boko Haram, em resposta a uma ofensiva militar.

O ataque à Faculdade de Agricultura de Gubja, cidade de uma zona rural, 50 quilómetros a sul de Damaturu, a capital do estado de Yobe, ocorreu enquanto os estudantes dormiam. Uma testemunha quantificou à Reuters em 40 o número de cadáveres – na maior parte de jovens – transportados para o principal hospital de Yobe.

O nordeste da Nigéria tem sido, nos últimos meses, palco de violentos ataques contra estudantes, todos imputados ao Boko Haram. O mais mortífero ocorreu em Julho, na cidade de Mamudo, quando atacantes lançaram granadas e dispararam em dormitórios, matando pelo menos 41 pessoas, principalmente estudantes.

Há pouco mais de uma semana, elementos do grupo islamista disfarçados de soldados mataram pelo menos 142 pessoas (159, noutras versões) na cidade de Benisheik, Estado de Borno.

Milhares de pessoas – 3600, segundo a organização não-governamental Human Rights Watch – foram mortas



desde que o Boko Haram entrou em guerra com o Estado, em 2009, transformando-se de movimento religioso opositor da cultura ocidental em milícia armada associada à rede Al Qaeda.

O Boko Haram e outros grupos islamistas, como o Ansaru, igualmente associado à Al-Qaeda, tornaram-se a maior ameaça à estabilidade da Nigéria – segunda maior economia de África e principal produtor de petróleo do continente.

O Presidente Goodluck Jonathan declarou em Maio a situação de emergência em três Estados do noroeste, incluindo Yobe, e ordenou uma ofensiva militar contra o Boko Haram. Depois de uma aparente falta de reacção inicial, com os islamistas a abandonarem algumas das suas bases, começaram os ataques a escolas, que vêem como veículo da educação e cultura ocidental, e contra as forças de segurança e civis que as apoiam.

FALENCIA

A verdade em cada palavra.
Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
WhatsApp: 84 399 8634
/JornalVerdade
Email: averdademz@gmail.com
@Verdade Online: www.verdade.co.mz

“O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons.”

– Martin Luther King

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Human Rights Watch pede a Angola “investigação imparcial” a actos de violência policial

Relatório sobre “Violência policial cometida contra vendedores ambulantes em Angola” denuncia as agressões e espancamentos “frequentes” contra vendedores de rua, “incluindo grávidas e mulheres com bebés às costas”.

Texto: Ana Dias Cordeiro/jornal Público • Foto: Reuters

Mercados de Luanda, como o célebre Roque Santeiro em 2010, foram encerrados ou transferidos nos últimos anos. Em 2012, o governo provincial decretou o fim das vendas de rua. A polícia intensificou a pressão sobre os vendedores ambulantes. E os episódios de violência tornaram-se mais frequentes. A organização de direitos humanos Human Rights Watch (HRW) dedica o seu mais recente relatório sobre Angola, publicado esta segunda-feira, a este universo dos vendedores de rua – constituem uma parte importante da população de Luanda e da população mais pobre.

A violência das autoridades é denunciada e descrita no contexto mais vasto de uma violência social contra pessoas em situação vulnerável, sob a ameaça de figuras da autoridade do Estado, sem conhecimento dos seus direitos e sem alternativa de sustento que não seja a zunga. Zunga, é como se chama a venda ambulante em Angola. A ela se dedicam essencialmente mulheres, conhecidas como zungueiras. Muitas vivem na “pobreza extrema”.

As vendas de rua são o seu principal – se não único – sustento. Mesmo grávidas ou carregando os filhos pequenos às costas, são agredidas pela Polícia, denuncia a HRW no relatório de 38 páginas. Desde que, em Outubro de 2012, o governador provincial de Luanda anunciou novas medidas para acabar com a venda informal nas ruas da capital, a Polícia intensificou a repressão, conclui o documento publicado esta segunda-feira e que reproduz testemunhos.

“Onde eu vendo, há muitas zungueiras com bebés às costas”, contou uma vendedora de 22 anos, numa das dezenas de testemunhos recolhidos entre Janeiro e Abril de 2013. “Os polícias e os fiscais vêm de moto. Dão-nos pontapés e atiram as nossas coisas para o chão. Alguns levam as nossas coisas. Só não levam se pagarmos. Dizem: “Tira estas porcarias daqui. Aqui não é sítio para vender.”



Operações de Polícia e fiscais

O relatório “‘Tira essas porcarias daqui’: Violência policial cometida contra vendedores ambulantes em Angola” denuncia as agressões e espancamentos “frequentes” contra as zungueiras, “incluindo grávidas e mulheres com bebés às costas”. As operações são conjuntas entre a Polícia e os fiscais do Governo que, além de agredirem e intimidarem os vendedores ambulantes, “frequentemente confiscam bens, extorquem dinheiro, ameaçam com detenções e, nalguns casos, detêm os vendedores de rua”. A HRW denuncia ainda a detenção de testemunhas e jornalistas, como meio de “intimidação” para impedir denúncias, para deixar incompleto o quadro sobre os episódios de violência contra as vendedoras de rua, sugere.

A estas dificuldades acrescem as barreiras com que as vendedoras deparam na tentativa de obtenção de licenças de venda em mercados formais, longe das ruas, e a falta de alternativas à venda informal como meio de sustento para viver. “O processo na administração municipal” é “burocrático, opaco e inacessível”, queixou-se uma das pessoas entrevistadas pela HRW. E, nos mercados, há queixas de serem exigidas “somas elevadas”, entre 30.000 e 40.000 kwanzas (cerca de 300 euros), para a atribuição de um espaço ou licença.

O Público tentou obter uma reacção junto da Direcção Provincial de Luanda às várias denúncias feitas. Os pedidos, feitos por telefone, não foram encaminhados.

Milhões na pobreza

A intenção, anunciada em Outubro do ano passado, pelo governo provincial de pôr fim ao comércio informal foi acompanhada da promessa de “transferir os comerciantes para mercados formais que as autoridades diziam estar a ser renovados ou construídos”, especifica o relatório, que nota que tal ainda não aconteceu.

O caso ganha expressão. Os vendedores informais constituem uma importante parte da população de Luanda – os números multiplicaram-se com a vinda dos deslocados das províncias durante a guerra civil que terminou em 2002. Estes “milhões de cidadãos”

na pobreza “não beneficiaram do boom económico do pós-guerra e lutam para sobreviver num ambiente de custos de vida astronómicos”, refere ainda a HRW que recomenda ao Governo e à Procuradoria-Geral da República que investiguem de forma “imparcial” e “imediata” os “abusos contra vendedores” e que os responsáveis pela violência sejam condenados.

Nos últimos anos antes do fim da guerra, cerca de dois terços da população activa de Angola trabalhava no sector informal, e este empregava uma pessoa em pelo menos cerca de 78% de lares da cidade de Luanda. Este retrato, feito há mais de dez anos, não voltou a ser actualizado. Os resultados de um novo estudo conduzido pelo Ministério da Economia em 2012 (quando a população total era de 20 milhões, segundo estatísticas oficiais) ainda não foram publicados, nota o relatório.

“O Governo afirma que a satisfação dos direitos económicos e sociais é uma prioridade, mas, se assim é, deveria garantir que as comunidades mais pobres de Angola são protegidas e não alvo de abusos”, afirma Leslie Lefkow, directora-adjunta para África da HRW no comunicado de imprensa publicado. “Ajudar os vendedores ambulantes a ter acesso a bilhetes de identidade e a serviços públicos seria um primeiro passo muito positivo.”

O relatório refere que estas pessoas se “incluem nos mais de 50% de angolanos que, segundo o Programa para o Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), sobrevivem com menos de 1,2 dólares (cerca de um euro) por dia” em Angola. A sua situação, mais de dez anos depois do fim do conflito, reflecte o “fracasso” do Governo em proteger os “direitos dos seus cidadãos, apesar do crescimento significativo dos rendimentos do petróleo”, conclui a HRW.

Apesar dos progressos, uma em cada oito pessoas no mundo passa fome

Há 842 milhões de pessoas no mundo em situação de fome crónica. Tendência global é para uma descida, mas não o suficiente para cumprir os Objectivos do Milénio em 2015.

Texto: Ana Dias Cordeiro/jornal Público • Foto: Reuters

Notaram-se melhorias. Há mesmo exemplos de sucesso, como o Gana ou Bangladesh, mas uma em cada oito pessoas no mundo padece de fome crónica. Em África, onde a tendência continua a ser para um aumento da fome, um em cada quatro habitantes está nessa situação, mostra o relatório anual da FAO (Agência das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), publicado nesta terça-feira em Roma.

As conclusões confirmam a tendência para a descida nos últimos anos. A fome está a ser combatida no mundo, mas não a um ritmo que permita cumprir os prazos e as metas definidos nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), que em 2001 colocaram como meta reduzir em metade o número de pessoas com fome no mundo a partir de 1990, quando se contava um pouco mais de mil milhões de pessoas nessa situação. Entre 2010 e 2012 eram 868 milhões. Hoje são 842 milhões. Para cumprir a meta, seria preciso reduzir em mui-

to os níveis actuais para os 498 milhões – um objectivo globalmente inatingível em 2015, assume a FAO.

África e Ásia continuam a ter os mais altos níveis de carência alimentar, mas enquanto na Ásia a tendência tem sido para uma descida, em África o número de pessoas malnutridas aumentou de 177 milhões (1990-1992) para 226,4 milhões (entre 2011 e as previsões para este ano). O Gana é um exemplo de sucesso nessa mancha que define a estatística global.

Mesmo assim, salienta o documento, com dois anos apenas até ao fim do prazo, dezenas de países cumpriram o objectivo de reduzir para metade o número de pessoas que sofrem de fome em relação ao total ou estão em condições de cumprir nos próximos dois anos.

A Ásia, num todo, progrediu, quase cumprindo os objectivos. Mas, divididas, as regiões con-



trastam muito entre si. O bom desempenho de países como Tailândia, Indonésia, Vietname ou Camboja colocou a região do Sudeste da Ásia na lista dos cumpridores. Na América Latina, Argentina, Nicarágua, Panamá ou Brasil, entre outros, conseguiram alcançar o objectivo ou estão em condições de o alcançar até 2015.

Na Nicarágua, a taxa de prevalência ainda é alta – 22% do total da população passa fome –, muito acima da média da América Latina, que ronda os 14%. Mas em 1990 era mais de metade. Aqui, os progressos potenciados pela estabilidade económica e política, depois de uma década de 1980 conturbada e logo seguida de uma série de desastres naturais, são bem visíveis.

A tendência tem sido irregular e desigual por todo o mundo, entre regiões, países e, por vezes, entre zonas do mesmo país. As condições climáticas e ambientais podem ajudar. Um

contexto em que a economia cresce também, nota o relatório. Mas nenhuma destas condições garante por si só menos fome num país. O crescimento económico não basta. É preciso enquadrar resultados – com políticas dirigidas aos pobres e de maior partilha dos ganhos, diz o documento de 56 páginas. O crescimento económico é um primeiro passo, mas pode não atingir toda a gente.

Nos países pobres, a redução da fome e da pobreza apenas será alcançada com “crescimento sustentável, mas também globalmente partilhado”, conclui o relatório antes de acrescentar que a existência de compromissos de longo prazo é “crucial” para o objectivo de reduzir a fome. Num quadro geral de pobreza extrema, pode haver zonas de resistência à fome, desde que haja políticas para reforçar a produtividade agrícola e aumentar os alimentos disponíveis, acrescenta o documento.

“Aprecio a bondade mas não resisto à rebeldia”

Numa cavaqueira que se travou consigo, a propósito da sua participação na Residência de Outono 2013, que decorre na Espanha durante este Outubro, o autor da obra “Carlos Cardoso: Um Poeta de Consciência Profética”, Cremildo Bahule considera-se um escriba entre o bem e a rebeldia. No entanto, sente-se atraído pela subversão...

Texto & Foto: Redacção

Neste Outubro, Cremildo Bahule está em voga. Ele não muda – anda cheio de ideologias – e algumas das suas atitudes, típicas de um escritor que persegue causas, além dos seus livros, são os debates em que participa e promove nas redes sociais: muitos são sérios e, por isso, têm muito interesse e outras são para fazer troças a quem – na sua compreensão – merece, mesmo que isso seja por puro gozo. No Facebook há espaço, e grande, para isso.

A escrita de Cremildo Bahule – plasmada em obras originais e noutras em que participa como convidado – não influencia as pessoas que as lêem simplesmente porque foram publicadas. Lá há argumentos. Há história. Há terapia. Há uma intensa procura pela verdade. Se calhar seja por essa razão que, invariavelmente, se associa a homens que perseguem causas, alguns dos quais se tornam mártires. O poeta Carlo Cardoso – já falecido e mais conhecido como jornalista – o sociólogo Carlos Serra e o rapper Azagaia são alguns exemplos.

Por essa razão, Bahule não tem dificuldade nenhuma em assumir que também influencia as consciências humanas. E não lhe faltam argumentos. “A partir do momento em que seguimos a estrada literária deixamo-nos mover por alguma causa. Acreditamos que as palavras nos conferem todas as possibilidades para serem usadas – bem ou mal – e conotadas”.

Na verdade, a sua relação com a literatura existe há mais de 10 anos. E começou lá, na Escola Secundária Francisco Manyanga, onde ele e um grupo de colegas criaram o Grupo dos Poetas Mortos. Já decorreram 13 anos, mas o escritor recorda-se como se tivesse sido ontem.

“Éramos jovens negligentes que imitavam os escritos de Luís Vaz de Camões, até que, com o passar do tempo, acabámos por perceber que a literatura pode salvar vidas e/ou destruí-las. Escolhemos a primeira opção. Sabemos que não podemos fazer uma cirurgia – usando palavras – mas por meio delas podemos criar um encanto nos receptores, retratando a nossa realidade”.

E foi assim que se moldou a sua personalidade de tal sorte que nos dias que correm a sua função – que se incorpora nas várias tarefas que realiza no contexto editorial – é produzir conhecimento, reflectindo, recorrentes vezes, nas obras de quem fala sobre Moçambique na literatura, na música e noutras forma de arte.

No percurso da cultura Hip Hop em Moçambique (em relação à qual afirma que falta produção de obras literárias e científicas para narrar a história) escreveu, durante três anos, as crónicas sobre o Sem Sentido que lia no programa ‘Hip Hop Time’ conduzido por Hélder Lionel na Rádio Cidade, aos domingos. “O Hip Hop não somente é Rap, a parte musical, mas inclui outros elementos como a grafite. No entanto, percebemos que no ‘Hip Hop Time’ faltava a parte da consciencialização”.

Há uma crítica favorável sobre essa experiência da par-



te do autor – não se sabe, porém, como é que os rappers recebiam as críticas. “Há uma literatura subjacente ao Rap e eu acho que em Moçambique – sem querer ofender ninguém – estamos atrasados porque já devíamos estar a desenhar a história do Hip Hop nacional. Temos grupos, artistas e obras de referência e com qualidade”.

Entretanto, a grande questão é: como é que essa relação com a cultura Hip Hop – muitas vezes conotada com a subversão – moldou a sua consciência participativa como moçambicano?

Para Babule (que também participou na obra “A Construção Social do Outro – Perspectivas Cruzadas Sobre Estrangeiros em Moçambique” dirigida por Carlos Serra) “o Rap é considerado uma cultura rebelde. No entanto, para se ser rebelde deve-se ter algum posicionamento. E eu tenho a sorte de fazer parte daqueles que querem discutir os assuntos a fim de gerar alguma lição ou ilação. Ou seja, pertencço ao movimento dos rappers que constata e cantam que a estrada está esburacada e propõem alguma solução”.

Buscando alguma inspiração em personalidades como os rappres Gabriel – O Pensador e Valet para escrever as suas crónica sobre o Sem Sentido, Cremildo Bahule – este apreciador do Rap e do Jazz – acabou por permitir que a sua literatura fosse influenciada também pelos pensamentos que se propalam nestes géneros, sobretudo os que são o seu apanágio. É um fenómeno, essa influência, de difícil percepção para quem lê as suas obras.

Entretanto, em entrevista cedida em directo à Rádio Cidade, este autor disse ao jornalista cultural David Bamo – e por extensão ao público – que “a minha literatura não é rebelde, mas também não é tão bonita. Ela oscila entre a rebeldia e a bondade, tendendo mais para a rebelião, não obstante o facto de que gostaria de ser mais bondoso”.

É verdade que admira os rappers Gabriel – O Pensador e Valet, mas “ama” o moçambicano Duas Caras. E sobre ele afirma que “ele não sabe, mas, confesso, aprecio Duas Caras que é um daqueles rappers com o mesmo perfil de Jay-Z. É um ‘gala-gala azul’ e consegue estar no mato, no mar e no céu”.

Entretanto, se as reppers Fat Lara e Deusa Poética, a primeira falecida, iniciaram o movimento de desmistificação do machismo do Rap moçambicano, para Cremildo Bahule, neste momento quem está na vanguarda é a rapper Ivete Mafundza. “Ela é uma referência que, neste campo, quebrou várias fronteiras. Por exemplo, rompeu com o lado machista do Rap. Temos de ter em consideração que esta é uma música machista”.

Mas há na cultura Hip Hop moçambicano artistas que, infelizmente, na linguagem de Bahule, se aposentaram muito cedo. Zito Doggy Style e Eduardo PM são alguns exemplos, incluindo o próprio Hélder Lionel. É verdade que este último se envolve de outra forma no movimento. Como locutor.

Estão mais frustrados do que eu

Existem inúmeras referências sobre Cremildo Bahule – muitas das quais, por economia de espaço, excluimos. No entanto, as apresentadas justificam a ambição do facto de certo jornalista querer perceber de si as prováveis razões que podem frustrar um (potencial) escritor no país.

Segundo o escriba, é difícil editar livros em Moçambique. No entanto, havendo escritores talentosos que não conseguem publicar as suas obras – fazer literatura num país em que ela não funciona acaba por ser desmoralizante.

Na música, por exemplo, “não temos bons estúdios para se produzir um trabalho discográfico com boa qualidade. Qualquer artista que prima pela qualidade desloca-se à África do Sul a fim de realizar o seu trabalho – o que é muito oneroso. Nós temos grupos culturais que não têm espaço para realizar os seus ensaios e apresentar as suas obras. No entanto, no meio disso, a exemplo de muitos complexos culturais, o Cinema Império está encerrado. O Cinema Moçambique tornou-se uma casa de venda de acessórios de viaturas. E há muitos outros cinemas que não estão a funcionar. O Cine Charlot foi vítima de incêndio recentemente”.

É em virtude de tudo isso que Bahule considera que “as minhas frustrações – quando comparadas com as dos artistas moçambicanos – são muito pequenas. Mas são as mesmas”.

O contra-senso

Ora, porque, em contra-senso, deste país cheio de dificuldades surgem estrelas de cinema e teatro, escritores de nomeada, verdadeiras pepitas humanas que se formam à base no esforço individual, os criadores moçambicanos merecem o adjectivo “bons navegadores”.

“Lutamos contra a maré e, por causa disso, somos bem-sucedidos. Há pouco tempo ganhámos o Prémio Camões – o maior da literatura portuguesa, com destaque para Mia Couto. Essa é a prova viva de que os nossos artistas superam as adversidades com que se debatem. Temos os melhores instrumentistas e bailarinos da África Austral que brilham por causa do seu empenho”.

“Vou interagir com escritores de diversas partes do mundo – incluindo espanhóis – a fim de falar sobre a literatura moçambicana, focalizando os aspectos positivos e negativos, o que é bom para que possamos superar as nossas dificuldades”, explica o escritor que durante 30 dias que permanecerá na Espanha, também irá concluir a peça de teatro Nação Laranja que será apresentada, pela primeira vez.

Uma história inspiradora em La Source!

Quando em 2010, duzentas mil pessoas morreram no Haiti, em resultado de um terramoto devastador, as comunidades da pequena vila de La Source já enfrentavam, há anos, várias doenças por consumo de água imprópria. No entanto, desde a sua infância, esta realidade preocupava Josué Lajeunesse, o protagonista – que se tornou herói – do filme-documentário com o nome dessa aldeia. A boa-nova é que não foi necessária a intervenção do Governo de Haiti para se levar água pura à La Source. A vontade e acção do povo é que fizeram a mudança...

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Para as comunidades de La Source, dizer Josué Lajeunesse pouco difere de afirmar Martin Luther King Jr. Ele é um verdadeiro herói – felizmente vivo – do povo. Como o pensamento de um simples zelador da Universidade de Princeton pôde reverter-se numa acção que modificou a história da vida de 5 mil pessoas e das comunidades em torno de La Source?

Narrada num meio de informação muito ‘frio’ – como o jornal – a história é verosímil. Mas é verdadeira. O cinema tem a imagem viva. Em movimento. E quando se trata de um filme-documentário, ninguém duvida, porque se vê a mudança acontecer. O povo, movido pelo amor puro e sincero de Josué e pela concórdia, levou água até La Source. Está-se diante daquelas histórias verídicas que que pouco se repetem.

“Josué está preocupado com uma questão que carrega desde a infância. A população de La Source tem dependido de uma nascente de água nas montanhas, como sua única fonte de abastecimento de água potável”.

“Alcançá-la implica uma caminhada diária tortuosa, e uma viagem de regresso ainda mais perigosa, montanhas abaixo, carregando vários galões de água. As pessoas caem, machucam-se e sofrem amputações das pernas e dos braços”, narra-se no documentário.

Dessa realidade – dura – fundou-se uma das questões fundamentais da vida de Josué. “Desde a infância, eu sempre me perguntava. Porque é que eu tinha de transpor todas aquelas montanhas em busca de água? Porquê?”

O protagonista de La Source emigrou de Haiti, em 1989, para os Estados Unidos, onde trabalha como zelador da Universidade de Princeton e taxista. Ele teve de aprender tudo do zero. A língua, os códigos culturais, incluindo adaptar-se ao clima local – tudo para garantir o bem-estar dos seus familiares em Haiti. Ele é um pai solteiro com quatro filhos.

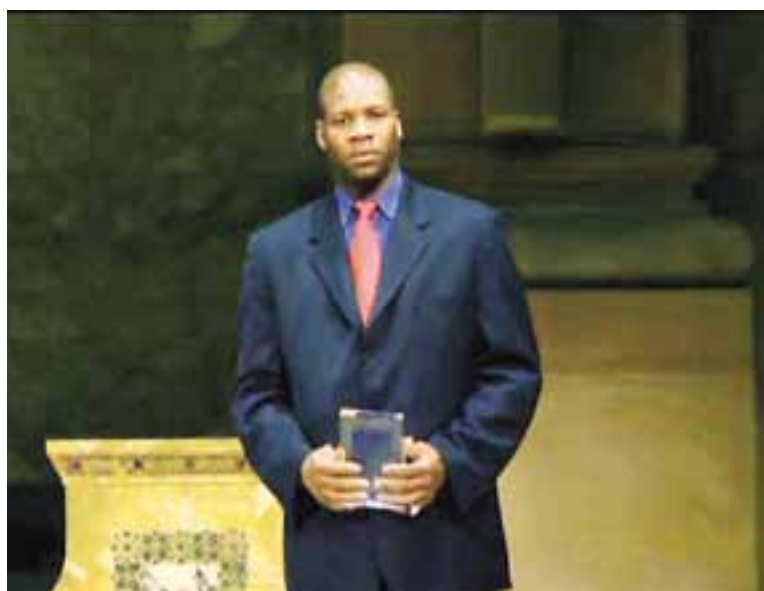
Na verdade, “Josué é uma pessoa que leva uma vida muito intensa. Ele está constantemente focalizado nas preocupações dos outros do que nos seus próprios problemas. É como se ele carregasse o peso do mundo. Por isso dá a impressão de estar cansado”, afirma Patrick Shen, o realizador de La Source.

E era necessário que assim fosse. A sua causa é sublime. Afinal, para muitas pessoas que, em La Source, são incapazes de, diariamente, caminhar até à fonte, o Rio Grosseline, que corre perto da vila, é a sua única opção para ter a água.

No riacho – tido como uma salvação – as pessoas tomam banho, lavam tudo, desde a roupa, peças domésticas, até o gado. É também o local onde se extrai água para preparar as refeições. A água não é potável porque – nela – as pessoas e os animais fazem todas as suas necessidades. Já se viram ali cadáveres a boiar.

Recentemente, o Governo dos Estados Unidos, através do Centro Cultural Americano – Martin Luther King Jr., criou condições para que se projectasse o filme em diversos lugares de Maputo, incluindo alguns bairros suburbanos.

Evidentemente que Moçambique e Haiti são países diferentes, mas há um aspecto que se aprende da história de Josué Lajeunesse que se aplica em todo o mundo. “É que quando uma pessoa pretende alcançar um objectivo e tem a perse-



verança de se empenhar por ele – dia e noite – no fim o mesmo concretiza-se”, refere Patrick Shen.

O realizador afirma também que uma das perguntas recorrente sempre que se apresenta o filme é “porque é que não se envolveu o Governo de Haiti para levar água potável às comunidades de La Source? A resposta é simples: é que o processo levaria muito mais tempo e, se calhar, nunca se iria materializar”.

A construção do fontanário que há mais de um ano jorra água pura em La Source é o resultado de doações de pessoas singulares e de diversas organizações envolvidas. Foram precisos 25 mil dólares americanos para a materialização do projecto que só foi possível graças à solidariedade popular. Até as crianças prestaram oferendas à iniciativa.

Tal como acontece em Os Reis Filósofos – o outro filme de Patrick Shen – La Source retrata “a sabedoria que pode ser encontrada nos lugares mais improváveis e inimagináveis. Foram visitadas várias universidades nas quais se entrevistava pessoas de classe social muito baixa – como, por exemplo, os zeladores de limpeza”.

A história de Josué Lajeunesse é muito inspiradora de tal sorte que o personagem acabou por merecer uma distinção na Universidade de Princeton.

E não faltam argumentos. “Ele optou por fazer dos problemas alheios os seus próprios problemas. E ele, como Martin Luther King Jr., inspirou tantos de nós com o poder do que pode realizar um Homem empenhado. O que o torna um merecido vencedor do Prémio Journey 2011 para a categoria Special Achievement”.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

A realidade é pior que a imaginação, segundo Mel Gibson

Criticaram o realizador Mel Gibson pelo seu filme Apocalipse, por ter explorado até a náusea a dor, e trucidado, segundo eles, a sensibilidade das pessoas. Mas Gibson disse-lhes que a realidade é pior que a violência e a crueldade presentes na sua obra. E hoje trago-vos a entrevista imaginária que fiz a um compatriota, com a indicação de que, como em todas as entrevistas fictícias que já fiz, qualquer coincidência com a realidade é pura coincidência. E se acharem algum exagero, adianto-vos que a realidade pode ser bem mais trágica.

- Tem acompanhado os desenvolvimentos políticos do nosso país?

- Assim-assim!

- Qual é o seu partido?

- Não tenho partido.

- Porquê?

- Quem te disse que para se viver em paz neste país é necessário que se esteja filiado a alguma agremiação política?

- Não tem sofrido por causa dessa sua abstenção?

- Não acho que seja uma abstenção não pertencer a um partido político. Tenho o meu trabalho, oriento a família com o meu suor, pago os impostos, respeito as pessoas e nunca entrei em confronto com a Lei. Por isso não vejo que haja alguma abstenção porque os impostos que pago ajudam a construir o meu país. Tu devias estar preocupado com essa gente que não paga os impostos e está na proa deste barco que está prestes a naufragar. E o que me admira sabes o que é? É o general Khálau vir cá fora dizer que a situação da segurança no nosso país está sob controlo. Todavia, quando lhe perguntei se estava sob controlo de quem, enervou-se ostensivamente.

- Onde é que o senhor trabalha?

- O que importa não é onde trabalho. Mais do que isso, é a honestidade que está à frente de tudo o que faço. Trabalho é trabalho. Limpar fossas também é trabalho. Os que vivem da gandaia também são trabalhadores. O que eu quero é voltar para casa, com as poucas migalhas que consigo amealhar, e dormir em paz com a minha consciência. Nunca roubei. Nunca burlei. Nunca enganei. Nunca pisei ninguém. Ou seja, faço toda a minha vida à luz do dia, respeitando as pessoas. Isso é que é de grande valor para mim.

- Como é que tem sido a sua vida no bairro onde vive?

- Na verdade há pessoas que tentam colocar-me obstáculos. Um deles é o próprio secretário, que chega a tentar imiscuir-se na minha privacidade. Tenho pago muito caro por não ter cartão da Frelimo, mas eu não fui educado para servir os caprichos das pessoas. A minha formação ensina-me a respeitar a Lei e é o que tenho feito. Não consta em nenhuma alínea da Constituição da República que para se viver neste país é necessário que se seja da Frelimo. Eu sou cidadão, conheço os meus direitos e não venha aqui um secretário qualquer tentar ameaçar-me.

- Já se recenseou?

- Esse é o meu dever cívico. Vou exercer o meu dever de voto mesmo que não faça parte de nenhum partido. Há pessoas que ainda pensam, infelizmente, que só se pode viver bem em Moçambique quando se pertence à Frelimo.

- Aparentemente, é isso que está a acontecer!

- Sim, é isso que está a acontecer, meu irmão! Mas tudo isso vai acabar um dia.

- Acredita?

- A esperança é a última coisa a morrer.

Plateia

Quando o som do batuque toca a mente...

Quando Dovel Custódio nasceu, a sua mãe morreu. Em resultado disso, o artista não experimentou o carinho materno. Mas também teve outras dificuldades. Nos dias actuais, em Nampula, ele é um dos bailarinos que se podem considerar bem-sucedidos. Deixou-se amparar pelas danças tradicionais.

Texto & Foto: **Redacção/Sebastião Paulino**

A morte da mãe de Dovel Custódio ocorreu dois meses depois do seu nascimento. A partir daí várias complicações – que se agravaram com a morte do seu pai, em 1998, quando ele frequentava a 6a classe – começaram a marcar os seus dias.

Com este segundo acontecimento consumava-se a equação para que, uma vez desamparado, Dovel se tornasse mais um menino da rua. A boa-nova é que isso não aconteceu. A verdade, porém, é que “quando o meu pai perdeu a vida, enfrentei muitas dificuldades visto que, nesse momento, o meu irmão mais velho não trabalhava”, lembra-se o bailarino.

Talvez, o sonho do seu pai em relação à necessidade de que Dovel tivesse alguma formação técnica que lhe servisse de base para o seu sustento tinha razão de ser. Os seus progenitores – que o sustentavam – muito cedo partiram. Por isso, o bailarino passou a viver com o seu irmão mais velho, o que suavizou os embaraços que o cercavam.

Foi graças ao seu mano que Dovel começou a praticar as danças tradicionais, com um objectivo muito claro – ganhar algum dinheiro para sustentar as despesas da sua formação, reduzindo as responsabilidades do referido irmão que, na altura, também era estudante.

Na sequência desses eventos, Dovel participou na formação sobre as danças tradicionais, realizada na Escola Primária Crossore, onde estudava, orientada pela Associação Cultural Casa Velha. Tempos depois, o artista criou o Núcleo de Dança Tradicional Rasta Dance, constituído por 15 pessoas. “Comecei as práticas as tradicionais como forma de mudar a minha vida, visto que eu dependia do meu irmão que também não trabalhava”.

Em reconhecimento ao seu génio, em 2008, Dovel foi convidado a tornar-se membro da Associação Cultural Casa Velha. Nesse sentido, além da dança Insiripuihi que praticava no seu núcleo escolar, o artista aprendeu a Vumba, a Marrebenta, o Mapiko, incluindo outros bailados do Planalto de Moeda.

Presentemente, recorrendo às danças tradicionais, o artista pretende preservar, divulgar e promover a cultura dos antepassados visando as gerações vindouras. É que “as danças tradicionais enraizaram-se em mim, circulando no meu organismo por osmose de tal sorte que não consigo tirá-las da minha mente. Com e partir delas consigo sustentar os meus estudos, incluindo outras necessidades mundanas”, afirma.

Como impacto desse envolvimento intenso com o baile, em 2009, Dovel Custódio passou a monitorar o Núcleo de Dança Tradicional da Escola Secundária de Nampula. Inicialmente, a colectividade era composta por 16 elementos que, aos fins-de-semana, actuam nas casas de pasto da urbe.

Com a evolução do Grupo Rasta Dance, os sonhos de Dovel realizavam-se continuamente, uma vez que esta colectividade ia ganhando uma grande popularidade, realizando concertos na cidade e em vários distritos de Nampula.

É neste quadro que, a partir da arte-dança, além de garantir os seus estudos, Dovel teve a oportunidade de viajar por toda a província de Nampula, tendo participado num “workshop” promovido pela Cooperação Suíça, em Maputo, com o objectivo de desenhar estratégias para a preservação da cultura dos grupos étnicos.

De qualquer modo, o bailarino não se esquece de que “quando entrei nas actividades culturais, o meu sonho não era tornar-me um actor que se dedica a essa área integralmente. Eu queria distrair-me do pesar que tive em relação à perda dos meus pais. No entanto, dessa relação que, inicialmente, não tinha grandes compromissos, acabei por perceber que



eu fui feito para praticar as danças tradicionais. Além do mais é essa a actividade que, presentemente, me garante a renda”.

De acordo com Dovel Custódio, é preciso que, agora, mais do que nunca, se invista nas danças tradicionais, muito em particular porque os jovens moçambicanos não se interessam por esta modalidade artístico-cultural. Daí que seja urgente que se resgate essa componente cultural. “Os jovens desprezam as danças tradicionais por serem, supostamente, dos antepassados. Eles apostam mais em coreografias de danças modernas e ocidentais – o que concorre para a perda da nossa identidade cultural”.

Entretanto, apesar das dificuldades que os praticantes dessa modalidade artística enfrentam, Dovel acredita que ao praticá-las pode-se melhorar de vida. Para o efeito, é preciso que as pessoas que estão envolvidas no movimento sejam dinâmicas a fim de que se promova o bem-estar social.

Por conseguinte, vale a pena motivar os poucos jovens empenhados na preservação das nossas tradições através das danças e do teatro, sob o risco de elas desaparecerem. Trata-se de uma responsabilidade que deve ser partilhada pelos seus fazedores, incluindo o público – ao qual esses produtos são destinados – e os dirigentes culturais.

Infelizmente, como Dovel explica, nem todas as partes fazem o seu papel. Os dirigentes culturais de Nampula não apoiam os artistas locais. É essa a realidade que, em parte, faz com que os criadores se sintam marginalizados.

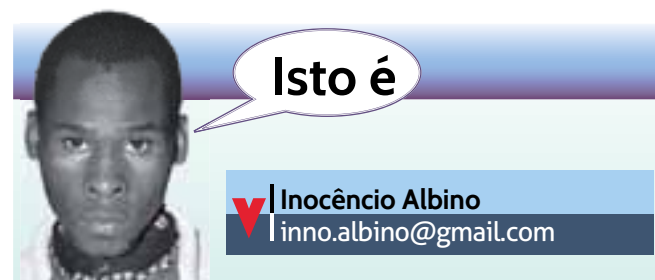
Entretanto, apesar do fraco envolvimento dos jovens nas danças tradicionais em Nampula, o bailarino refere que as actuações dos grupos têm tido muita participação do público que faz críticas favoráveis. Será esse o factor que motiva os artistas a perseverarem.

Nas suas actuações, geralmente, os artistas utilizam instrumentos como a timbila e a marimba. Eles produzem sonoridades sublimes. Por isso, “quando estou no palco sinto-me enlevado. É como se estivesse no paraíso”.

Refira-se que além da dança, Dovel Custódio aprecia e pratica o teatro em torno do qual realiza pesquisas. Afinal, “não gostaria de me limitar apenas a praticar a dança porque vi que, na cultura, há outras áreas que nos identificam”.

Devido ao sucesso que granjeou no VII Festival Nacional de Cultura, realizado em Nampula, em 2012, a direcção da Escola Secundária de Mogincual convidou-o para formar um núcleo de dança local. O processo foi muito fácil porque no referido distrito os jovens apreciam as danças tradicionais.

Além da dança, o grupo da Escola Secundária de Mogincual pratica o teatro cujas actuações se realizam nos fins-de-semana. “Nesta primeira fase, apresentamos as peças ao público sem, no entanto, cobrar os ingressos. Queremos despertar o seu interesse pelas artes cénicas”, refere Dovel Custódio, de 20 anos, que deixou o som do batuque ‘tocar’ a sua mente orientando-o para o sucesso.



Vá tratar-se, meu filho, você é muito jovem!

Na sequência da última greve dos médicos – cujas consequências todos conhecemos – fiquei doente. Encamado, não conseguia andar. Entretanto, não sei porquê, – desta vez – recebi uma atenção especial do meu chefe. Falo sobre o contexto laboral. Ele perguntou-me se havia ido ao médico, mas a minha resposta foi negativa. No entanto, disse-lhe que iria a uma farmácia comprar fármacos. “Fármacos? Para curar que doença?”, com muita razão, perguntou-me.

Sugeriu-me que fosse a uma clínica, afinal, lá, o preço das consultas não é alto, beira apenas os mil meticais. Percebi, imediatamente, que pertencíamos a classes sociais, completamente, diferentes. Mas senti-me motivado. Além do mais, ele prontificou-se a emprestar-me algum dinheiro da empresa para o efeito, o qual devia restituir.

Detesto empréstimos. Por isso, agradei o gesto, assegurando-lhe que faria algum esforço para me deslocar até ao trabalho. Estranhamente, porque não encontro explicação racional, fiquei fortalecido.

Não me restava muito tempo para passar pelo trabalho, por isso – e acima de tudo por não querer endividar-me – resolvi utilizar parte das minhas economias, para resolver o problema. Afinal, o que me faltava, na verdade, era a ousadia – e se o quisermos a cultura – de ir a uma clínica. Acho que aquela foi a segunda vez, na minha vida, que visitei um consultório médico privado. Mas esse é outro assunto.

Imediatamente, telefonei para a Clínica Especial do Hospital Central de Maputo. Foi em vão. Não fui atendido. A greve dos médicos era geral. Por essa razão, procurei uma lista telefónica na qual encontré o contacto e o endereço de uma clínica privada, situada no Bairro Central. Para lá telefonei e marquei a consulta para as 15 horas. Nessa altura, como me assegurou a secretária, haveria um médico.

Saí de casa uma hora antes, tendo chegado com alguma antecedência.

O médico, um jovem simpático e meio-chatinho – com aquela mania habitual da classe – formulou-me algumas questões, as quais respondi claramente. Também me questionou sobre o meu estado serológico. Respondi, mas ele mostrava-se duvidoso não obstante sem encontrar em mim muitos dos sintomas que se associam à doença.

Sinto que estou suficientemente maduro para enfrentar algumas situações com segurança. Comecei a perceber a verdade. Sim! A verdade apocalíptica: nos nossos tempos, os tempos do fim – e assim está escrito – determinados fenómenos sociais e naturais, as doenças por exemplo, desafiarão a ciência e a tecnologia, de tal sorte que até o Homem mais instruído religiosa, académica e culturalmente, não os compreenderá.

Estou a falar sobre as minhas convicções. Então permitam-me que faça este juízo de valor: certos homens perdendo a razão e a coerência, irão consultar os curandeiros, esses verdadeiros ‘marketeers’ e mercenários da nossa época, que, aproveitando-se da sua precariedade social e espiritual, simplesmente exploram-nos.

Diante do meu quadro clínico, o médico pediu que eu fizesse três exames – o de malária, o de hemograma completo e o de VIH. Mas em relação ao último – não só por questões ligadas ao dinheiro – perguntou-me se podia ou não fazer. Ninguém suporta a SIDA – percebi, mas autorizei.

Levei os documentos para o laboratório, onde encontrei uma senhora de idade, cuja aparência denunciava alguma maturidade, embora o que disse – como o leitor irá perceber – revele muita infantilidade. Sugou-me o sangue através de um tubo de ensaio. Perguntou-me onde eu residia. Respondi. Mas ela voltou a questionar-me se era nas proximidades do Posto de Saúde de Malhangalene. Desta vez, animado, também ripostei favoravelmente.

Olhou-me e disse: “Meu filho, você é muito jovem. Vá tratar-se!” Ninguém imagina, mas quase chorei. Ir-me tratar de que? Na verdade, mil e uma questões encheram a minha cabeça. Comecei a falar comigo mesmo. A dizer asneiras. Pensei em atirar-me de um edifício e morrer. Mas, além do mal que acabava de me fazer – como é que me manda tratar-me de uma doença indefinida? –, a senhora orientou-me a aguardar uma hora para ter o resultado dos exames. Mas, na verdade, o processo durou mais de duas horas – e aqui não estou a falar de nenhum tempo psicológico.

Há pessoas que me confortam quando estou em crise. Liguei para uma delas à medida em que me deslocava para o trabalho onde resolvi aguardar. Entretanto, cabisbaixo – como estava – quando lhe disse que estava numa clínica porque não me sentia bem, ela ficou desmoralizada. A situação depreciou-se mais quando lhe disse que o médico me pediu que fizesse o teste de SIDA. Acho que a partir dali a (nossa) história mudou de rumo.

Recebi os exames e, sem violar o envelope, entreguei-os ao médico. Os resultados – todos – eram negativos. Mas o médico ficou muito animado com os de VIH.

Eu estava/estou doente e – apesar de não ser SIDA, uma das doenças supostamente incuráveis – os médicos também não sabem de que padeço. Não posso abalar a minha fé por nada. Por isso, que venha a morte. Não quero perder a coerência e consultar os curandeiros. Esse grupo – em que se funda a nossa existência antropológica e cultural – já está adulterado.

Plateia

Dama do Bling: “Se não ganharmos é porque não votámos”

A recente aparição de Dama do Bling – num grande palco – ocorreu na gravação do DVD *Jah Lite*, de Ras Haitrm, em Agosto. Lá também esteve Neyma Alfredo que foi ‘forçada’ a cantar. Na plateia alguns membros da família Grah’Mah fizeram a festa. Mas Bling continua exuberante em tudo. Presentemente, com a música ‘My Eish’, na categoria de melhor vídeo africano, concorre aos Channel O Music Awards. No entanto, a artista não mendiga o voto dos moçambicanos – apenas consciencializa-os para o facto de que do mesmo depende a vitória colectiva...

Texto & Foto: Redacção

Não existem estatísticas sobre o assunto, mas, neste ano, até agora, depois do álbum *Massone* – de Carlos Gove – entre os concertos que se realizam no Centro Cultural Franco-Moçambicano, a nossa experiência impele-nos a escrever que o espectáculo para a gravação do DVD *Jah Lite* de Ras Haitrm & Word, Sound and Power foi o segundo mais acorrido – na plateia – pelos artistas.

Da área musical, vimos, por exemplo, Neyma Alfredo, Azagaia e os Gran’Mah – e esses são uma família – mas havia outros e de outras áreas. Conversámos com Dama do Bling a quem, em jeito de início, colocámos a seguinte pergunta.

@Verdade: *Como é que foi a sua experiência no espectáculo, tendo em conta a reacção do público?*

Dama do Bling: Tive uma experiência muito boa, até porque já havia estado com Ras Haitrm em palco na gravação da minha música ‘Moza Girl’, em que ele participa. Foi no âmbito dessa proximidade que ele me formulou o convite de participar na gravação do seu vídeo no concerto.

Penso que este evento configura um momento especial para Haitrm, como artista, muito em particular porque contribui para a internacionalização da sua carreira.

@Verdade: *O estilo musical que Dama do Bling faz, o Ragga, aproxima-se muito do Reggae. Tomando em consideração que a sua participação nesse concerto é, em certo sentido, um convite que Haitrm lhe formula no sentido de explorar o Reggae, como é que recebe este chamamento?*

Dama do Bling: É muito complicado porque, de facto, Ras Haitrm faz o Reggae, que é um estilo musical que se aproxima muito do Ragga – a música que faço. Embora também eu explore o Hip Hop e outros estilos. A nossa participação, como artistas convidados, acabou por ser



influenciado pelo Reggae, sendo por isso que as músicas que apresentámos também tiveram estes traços.

No estilo em que aposta, penso que cada artista consegue promover a sua carreira no mundo. As pessoas que irão ver o DVD vão perceber que a música feita pelos artistas convidados – Wazimbo, Dama do Bling, Valdimiro José e Azagaia – se encaixa no Reggae, apesar de não ser isso que eles cantam necessariamente.

@Verdade: *Como é que está a ser a campanha para que se conquiste a vitória na categoria em que participa nos Channel O 2013?*

Dama do Bling: É muito complicado porque a gente não sabe quem está a votar. A verdade é que nós fazemos as campanhas através da Rádio e da Televisão, incluindo as redes sociais. E aqui os jornalistas têm um papel importante na difusão da informação. No entanto, a decisão final depende muito do apoio dos moçambicanos.

Se nós não ganharmos, mais uma vez, será porque não votámos. Então, em relação a isso precisamos de ter paciência – nada mais pode ser feito.

@Verdade: *Que história particular há no vídeo ‘My Eish’ seleccionado para o certame?*

Dama do Bling: O ‘My Eish’ é uma aventura que não tem muito de particular. Nós precisamos de fazer videoclipes que as pessoas não esperam, porque há muitos produtos bonitos no mercado. Todos os dias, vemos nos canais de televisão vídeos bem feitos que ostentam carros de luxo, dinheiro e mansões.

Então precisamos de fazer algo diferente. O ‘My Eish’ é essa tentativa em que procuramos exibir a diversidade das coisas e cenários que nos rodeiam, explorando, sobretudo, mais a nossa cultura que se está a difundir mais nas Américas e na Europa.

Penso que terá sido por essas razões que o vídeo foi nomeado – pelo facto de a música confluir ritmos de músicas africanas, mas também porque o vídeo possui alguns aspectos particulares da vivência dos moçambicanos, como africanos.

“Sempre apreciei o Reggae”

Entretanto, quando menos esperava, a autora do single ‘Djin Kidji Kidji’ – uma música severamente criticada em relação à sua pertença ao ritmo Marrabenta – Nayma Alfredo viu-se impelida a improvisar para ser e estar no Reggae. Que pena – ela só ia para assistir.

A boa nova é que se sentiu estimulada a enfrentar o desafio. “Até porque sempre apreciei o Reggae”. Também falou da sua experiência.

“Pode não parecer, mas tenho uma paixão muito especial pelo Reggae. Eu não sabia que o concerto seria hoje. Cruzei-me, nalgum lugar, em Maputo, com Ras Haitrm e ele convidou-me.

Fiquei curiosa de tal sorte que acabei por vir. Gostei do evento porque foi um ‘show’ completo. É assim que os artistas moçambicanos devem ser”.

“Estou a preparar algumas surpresas porque eu gosto muito do Reggae. Então, gostava de descobrir qualquer coisa que esteja relacionada com esse género musical. Já venho a pensar nessa possibilidade há mais de um ano – mas não, necessariamente, num Reggae puro porque essa não é a minha linhagem”.

“A verdade é que eu gosto de descobrir coisas na música – mas sempre relacionadas com o meu estilo. Neste evento não cantei muito porque não conheço muito bem as suas músicas, mas a participação das pessoas foi sensacional”.

“Ainda bem que temos artistas talentosos no país. É que, muitas vezes, as pessoas quando se apercebem da boa qualidade que as nossas obras possuem dizem que aquele artista nem parece ser moçambicano. A minha questão é: porque não pode ser? Ras Haitrm é moçambicano e muito talentoso”.



ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Zarastustra, profeta e fundador da religião persa pré-islâmica, no século XI a. C., preconizava que a mulher devia veneração absoluta ao homem pelo que “todas as manhãs devia ajoelhar-se, por nove vezes, de braços cruzados, aos pés do marido, e perguntar-lhe: “Senhor que desejas que eu faça?”. Tempos outros...

Leon Gozlan, escritor célebre do século XIX, afirmava que todos os sentimentos tinham cores nitidamente caracterizadas. Assim, dizia ele, a piedade é azul-suave; a resignação, cinzento-pérola; a alegria, verde-maçã; a saciedade, cor de café com leite; o prazer, rosa-avermelhado; o sono, cor de fumo; a reflexão, cor de laranja; a dor, cor de fuligem; o aborrecimento, cor de chocolate; a ideia penosa de ter de pagar uma conta é cor de chumbo; a ideia de receber dinheiro é dum vermelho luminoso...

PENSAMENTOS...

- A gazela mata-se no lugar onde dorme.
- O que se aprende no berço sempre fica.
- Levam as pernas para onde o coração puxa.
- Não cantam dois galos na mesma povoação.
- De um morto não se diz mal.
- Não digas que não podes antes de experimentares.
- O prato de Deus é um só.
- De uma pancada não se derruba o burro.
- Do homem só tende dó.
- Como vive o rei vivem os vassalos.
- Ninguém as faz que não as pague.

SOLUÇÃO DA SOPA DE PALAVRAS DA EDIÇÃO 255

Moçambique precisa de preservar a paz que foi conquistada com muita dor pelos seus melhores filhos

B	Z	C	B	E	F	H	A	M	O	Ç	A	M	B	I	Q	U	E	J	K	L	B	A	P	F	D	M	G	D	N
O	Z	H	F	L	S	P	T	A	B	P	R	E	C	I	S	A	Q	S	N	G	T	V	H	D	G	I	A	K	K
T	D	A	G	E	X	O	H	P	R	E	S	E	R	V	A	R	B	R	O	K	S	V	D	S	T	B	P	D	U
V	A	R	U	G	Q	S	E	T	E	T	V	D	B	K	C	V	D	U	S	I	R	U	C	J	X	R	O	O	H
P	A	Z	C	E	I	F	Q	S	U	K	A	U	T	A	R	Q	U	A	S	T	R	S	W	T	J	E	X	R	D
E	F	S	Q	R	C	O	N	Q	U	I	S	T	A	D	A	J	D	E	G	O	Q	A	R	U	F	S	V	V	B
D	U	I	W	S	R	E	C	E	N	S	E	A	M	E	N	T	O	R	U	C	J	D	E	F	I	L	H	O	S

RIR É SAÚDE

No “chapa”(vulgo my love), a uma hora de ponta, um indivíduo, para se apoiar, pousa a mão, ligeiramente, no ombro duma rapariga, que reclama:
- Olhe lá: o senhor não poderia pôe a mão noutro sítio?
- Eu gostaria... - respondeu ele - mas não me atrevo...

Dois judeus pedem audiência ao Papa e apresentam-lhe um velho quadro que representa doze homens à roda duma grande mesa, a jeito de comerem.
- Isto diz-lhe alguma coisa?
- Sim - responde o Papa -, é a Ceia, com Jesus, os Apóstolos e S. Pedro, meu antecessor.
- Ah, ótimo. O seu antecessor está aí?
- Sim, está. Porquê?
- Pois aqui tem a conta da despesa, porque eles saíram sem pagar.

Duas mulheres e uma rapariga chegam à porta de S. Pedro. Este pergunta à primeira mulher:
- Quantas vezes enganaste o teu marido?
- Uma vez - respondeu ela.
- Bem. Aqui tens a chave do Paraíso.
Fez a mesma pergunta à segunda. Ela, corando, responde:
- Duas.
- É muito - diz S. Pedro. - Aqui tens a chave do Inferno.
Enfim, chega a vez da rapariga:
- Quantos homens tiveste?
Muito acanhada, a jovem responde:
- Nenhum.
- Perfeito - diz S. Pedro. - Aqui tens a chave do meu quarto.

Um garoto foi agredido por uma vizinha por lhe ter chamado gorda.
A mãe da criança dirige-se à senhora:
- Porque bateu no meu filho?
- Ele é muito malcriado! Chamou-me gorda!
- E a senhora acha que vai emagrecer batendo no miúdo?

SAIBA QUE...

A formiga mais perigosa é a designada bulldogue, da Austrália, que também tem o nome de formiga assassina. Quando ataca, espeta várias vezes o seu ferrão no inimigo, injectando um terrível veneno, que pode matar uma pessoa adulta em somente 15 minutos.

A abelha “escala”, em média, 40.000 flores por dia, em cerca de 40 voos diários, visitando à volta de 10 flores por minuto, à procura de pólen e néctar.

HORÓSCOPO - Previsão de 04.10 a 10.10



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Dinheiro, investimentos de médio risco e negócios precipitados deverão merecer o maior cuidado. Período desfavorável para qualquer iniciativa que coloque as suas finanças em jogo; aja com prudência.

Sentimental: Esforce-se por manter com o seu par um ambiente de serenidade; não crie tempestades num copo com água e controle as suas emoções. O ciúme poderá criar-lhe alguns problemas se não o conseguir reprimir



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Não se deverão manifestar alterações, substanciais, neste aspeto. As Despesas deverão merecer, da sua parte, alguma atenção e evite o desnecessário. Para o fim da semana, a situação tenderá a melhorar.

Sentimental: Também, no campo sentimental a rotina será uma ameaça; deste modo, use a criatividade e imaginação para tornar esta área mais agradável.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Algumas dificuldades poderão caracterizar este período. Com a sua habitual persistência e força interior tudo será ultrapassado. Seja positivo.

Sentimental: Seja compreensivo com o seu par. Evite polémicas que em nada os beneficiará; uma relação funciona melhor se nela estiver incluída o respeito e a harmonia. Poderá conhecer alguém que, exercerá uma ação negativa na sua vida sentimental.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Semana caracterizada por algum equilíbrio, nas questões que envolvam finanças. Uma pequena entrada de dinheiro poderá verificar-se, durante este período. A verificar-se, alguns compromissos assumidos, anteriormente, poderão ser sanados.

Sentimental: Serenidade, boa vontade e desejo de um bom entendimento, deverão ser fatores a considerar. Não crie problemas onde não existem razões para tal atitude. O supérfluo, deverá ser encarado na sua dimensão exata.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: As suas finanças poderão conhecer um período delicado. Evite despesas desnecessárias e dedique, um pouco da sua atenção, a analisar as suas contas. Atravessa um período em que a prática de muita prudência será, fortemente, recomendada.

Sentimental: Seja carinhoso com o seu par. A semana poderá ser gratificante dependendo, unicamente, da sua atitude e da postura que tomar. Estarão favorecidos os novos relacionamentos, na área sentimental.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Algumas dificuldades não serão suficientes para que se deixe ir abaixo. A sua força pessoal, a convicção de que consegue ultrapassar as situações, por cima, funcionará como uma mola catalisadora.

Sentimental: Durante esta semana, poderão desencadear-se, ao nível do inconsciente, algumas questões que o tornarão mais calmo e sereno. Aconselhável dialogar com o seu par e esclarecer situações que o tem perturbado. Há que ter cuidado com as decisões precipitadas.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Será uma semana caracterizada por alguma estabilidade; no entanto, evite as despesas, desnecessárias. Par o fim da semana, a situação deverá melhorar, consideravelmente, contudo, mantenha uma atitude expectante.

Sentimental: Mantenha-se disponível para com o seu par. Poderá ter uma semana, bastante, agradável e gratificante. Tudo dependerá, unicamente, de si.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Não gaste mais do que pode. Aproveite, esta semana, para fazer uma análise detalhada às suas despesas. Atravessa um período delicado e todo o cuidado será pouco. A crise que se atravessa aconselha a cuidados suplementares.

Sentimental: Aproxime-se mais do seu par e poderá encontrar nele a paz e o equilíbrio que tanta falta lhe faz. Estarão favorecidas as novas relações, para os nativos deste signo. Não estarão favorecidos os novos relacionamentos.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Algumas dificuldades, em questões de dinheiro, poderão adiar decisões consideradas importantes. Como as finanças e as questões laborais se cruzam, muitas vezes, talvez, para beneficiar um aspeto, tenha de ceder no outro.

Sentimental: Não deixe que a dúvida se instale no seu parceiro; mostre-se tal como é e não se esconda atrás de cortinas que, na realidade, não existem. Um pouco mais de realismo e reconhecimento, por quem gosta de si, só lhe fará bem.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: O lado financeiro conhece uma fase de equilíbrio, tão necessária para que se sinta, emocionalmente, em paz. Será um mau momento para investimentos e aplicações de capital.

Sentimental: No caso de ter par, o aspeto sentimental não poderia apresentar melhor quadro. A sua entrega, a forma como souber demonstrar o seu amor, poderão tornar esta semana, verdadeiramente, encantadora.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Será um período não muito favorecido para investimentos e despesas que possam esperar por uma altura mais propícia.

Sentimental: Não há nada como a tolerância, para evitar situações de conflito; assim, deverá, esta semana, evitar confrontos com o seu par. Uma aproximação serena e compreensiva poderá proporcionar-lhe momentos agradáveis e evitar questões negativas.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Questões de ordem financeira poderão trazer-lhe algumas preocupações. Poderá acontecer que se veja confrontado com uma situação por regularizar; se tal se verificar, tente usar a diplomacia para resolver a situação.

Sentimental: No campo amoroso, recomenda-se uma grande compreensão para com o seu par. A palavra-chave, para este aspeto, poderá ser “tolerância”.

Cartoon





goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Fotos da cronologia



Faltavam 24 segundos para o apito final, Moçambique acabava de sofrer dois pontos e perdia 74 a 71. Valerdina Manhonga repôs a bola em jogo subiu até ao garrafão das nigerianas sem pressa colocou a bola nas mãos de Anabela Cossa que sem hesitar atirou a primeira bomba. O jogo estava empatado. Reposição da bola para as nigerianas, muita pressão das Samurais e o ataque não surte efeito. O cronómetro não pára, a bola é de Moçambique Anabela recebe na direita vê Leia Dongue a pedir a bola próxima do garrafão nigeriano e coloca com precisão. O cronómetro vai estourar, mas o que estoura é uma bomba de Leia e o pavilhão do Maxaquene explode em festa.

Estamos apurados para as meias finais onde só falta mandar para casa as Camaronesas, que mais cedo eliminaram a Costa do Marfim por 62 a 48, e no domingo jogarmos a final para conquistarmos o ouro do basquetebol feminino africano e ainda carimbarmos o passaporte para o Mundial.



Gervasio Litsur O ultimo triplo foi com a mão de Deus. · 27/9 às 13:00

mos



Nasser Khan Sou de opinião q va esquecer um pouco o futebol e, apostar no basquete, porque ainda nos dão alma de mocambicanidade... · 27/9 às 13:53



Agostinho Chambe Claro essa seria boa opiniao apostar naquilo k pelo menos tentamos, ate mesmo em hoquei · 27/9 às 14:17



Sérgio Jovo Concordo plenamente porque nao no hoquei tambe? · 27/9 às 14:24



Thomás Muller Mathe as samurais espirao cada mocambicano k esta é qualquer parte d mocambique mas estou convicto k o baskt nunca vai superar o football2 · 27/9 às 21:00



Uaquelina Jone Pelo menos em Mocambique, basquetebol ja superou o football faz tempo, As Meninas podem n trazer o ouro mas nos propocionaram muita alegria e foram responsáveis pela felicidade de muitos Mocambicanos. Eu quase entrei em colapso ontem... Parabens Mambas de verdade. 27/9 às 23:37



Adriano Felix Num momento de crises diversas pelo país, estas campeãs fazem de tudo pra levantar a nossa autoestima e orgulho de ser daqui. Ainda vamos sentir o impacto disso na sociedade, na economia e na cultura nacionais, na reputação internacional. Quem, fora de Moz, não googlou sobre moz desde que o evento começou? Gerou curiosidade, ne. Quem nestes não vai trabalhar ou escola cheio de si e da mocambicanidade adoirada pelas meninas? Já não se lamenta falta disto ou aquilo, comenta-se orgulhosamente as proezas das nossas representantes. Ainda há quem pense que não importa investir no desporto e na cultura! Quem negaria o título de heróinas nacionais as meninas?! · 27/9 às 14:29



Mateus Chissano Deus e mocambicano. · 27/9 às 14:19



Benjamim Pastor NAO EXAGERA PELO SUCESSO . DEUS NAO É mocambicano. se fosse ja muitos dos q acreditam na tradicao estariam em CRISTO 28/9 às 13:28



Rody Chizenga É caso para dizer: na vida nunca aceite k ja perdeste enquanto fores vivo. A vida, o jogo, a história tem revira-

-voltas... · 27/9 às 13:47



Jeremias Magas Magas xorei quando faltavam 56 segundos e os acompanhantes me acalmaram... Um estudante da escola superior de Jornalismo me deu abraço muito forte e disse "vamos confiar nelas" rompi a chamada que a minha namorada efectuou faltando 1m e 22 segundo... Obrigado meninas. · 27/9 às 13:47



Rui Costa Leia ...! we all love you. · 27/9 às 12:58



Glecia Mucambe N so Leia como tambem Anabela Cossa e Valerdina foram muit importantes nos ultimos segundos... parabens p nos 27/9 às 21:10



Remigio Nhamussua Viva Moçambique. Estamos todos em festa. 28/9 às 0:58



Dércio Ernesto Agora vamos degustar um bom camarão · 27/9 às 13:24



Uaquelina Jone Ainda choro de ale-Deus e' Pai. Esse tipo de jogo nao e' cardiacos. Obrigada Meninas... · 27/9 às 23:39



Forlah Benietez Mas bem emocionante colocando os nervos a flor da pele · 28/9 às 0:47



Fernao Iveral leia;leia;teve muit mal nos lancamento para terminar em grande..essa meninas deve servir exemplos para os Manbas... · 27/9 às 13:12



Ismael Xicamane Fernao Iveral, Mambas? Aqueles nao sao mambas nem minhocas. Sao uns viciados de 3/100, noitadas, carros, mulheres, superstição, etc tudo que traz descaste físico, psicologico, social e auto estima. Prefiro lhes chamar d TIMHAMBA (aquele ritual no qual se evoca espiritos dos antepassados, com sacrificio d animais, uso d sangue dos mesmos e guiado por curandeiros, nhamussos, nhangarumes...) toda aquela aquela cúpula de interpretes de enigmas e maus agoiros. 27/9 às 14:11



Agostinho Chambe Ismael assim tbm nao, tas a exagerar, e evidente k os mambas sao fracos mas os jogadores tentam a sua parte... · 27/9 às 14:20



Uaquelina Jone Mas Agostinho, estao a tentar a muito tempo... Podiam mudar de estrategia, e' logico q o Ismael exagerou, mas os ditos Mambas de mambas nada tem e so deixam a desejar. As Meninas podem ate nao nos trazer o ouro mas nos propocionaram nos muitas e grande alegria q raras vezes temos no desporto Mocambicano. Samurais howeeee...27/9 às 23:29



Magambo Tamele E para os machos tambem que sao uma vergonha. 28/9 às 3:00



Estevao Fanuel Tete O corte de energia k se deu na TVM nesses ultimos segundos do jogo deve me ter salvo a vida. Eu ja estava agonizando!!! Nunca antes uma partida de modalidade alguma tinha posto tao em causa a minha saude. Parabens meninas!!! Se d mim dependesse, voces nao jogavam mais pois ja sao campeas. Nao precisam d provar mais nada. Calendario? Cumpram-no mas ja ganharam!!! · 27/9 às 22:06



Uaquelina Jone Tens razao. E pela experiencia desse jogo, nao quero ir ao pavilhao assistir jogo. Sou capaz de entrar em colapso. Passei muito mal ontem, a TVM, salvou me. · 28/9 às 1:11



Celso Alexandre Incrível, abracamo nos tds sem nos cnhecer ms uns aos outros, cantams gritams dancams. Moçambique · 27/9 às 14:20



Terry Guivala Yes!! We can... · 27/9 às 14:21



Naira Novela Exe j0go foi em0ci0nante... · 27/9 às 13:10



Baga Roland Gazzoido #AnabelaCossa foi espetacular ela fez o triplo que deu o empate e ainda fez assistencia para a leia...grande Anabela Cossa · 27/9 às 13:01



Glecia Mucambe Salvou + uma vez...! Salvou nos do mesmo jeito nos jogos olimpicos...lol · 27/9 às 21:15



Delto Rosário Siteo Epha vamos la curtir a vitória de hoje amanhã teremos outro jogo deficitimo. · 27/9 às 13:15



Vivi Matsena Viva samorais, viva moxambique Afro-BASKET · 27/9 às 15:54



Tino Mandlate Eu nem acreitei q foi a Lea quem lançou a bola, aquilo pareceu uma Deus bem aconpanhada por um anjo a lançar a

bola para o cesto. · 27/9 às 13:04



Rody Chizenga Assim será. Crer, torcer, vencer e convencer... Viva as Mambas! Viva as "Samoras" ou "Samorinhas"... Ouro, ouro, ourooooo... · 27/9 às 12:58



Gizela Durao Sem Comentarios sao as Melhores, tenho orgulho de ser Mocambicana graças a ELAS. 28/9 às 3:33



Themby Dube Muxlhanga Waw,,, smpre em frente,elax merrecem pois elax dvolvem meu orglh d ser moxambicana,,,, forxa manax 27/9 às 19:09



Manuel Jacinto Jogo improprio pra cardiaco 28/9 às 10:13



Zacarias T. Sumbana Esta foto merece um poster... 28/9 às 7:58



Aldo Saute Faizal Sidat tava la, e acredito eu k ira abandonar futebol. Forca pra as MENINAS · 28/9 às 2:52



Ercilia Mondlane Ontem tive a prova k a esperança 'e a ultima k morre, assiste o jogo pla tvn cm minhas irmas! Elas ja tavam cnvecidas k seriams eliminados, mas eu tive fe e esperança k iams ganhar sozinha gritei "FORÇA MENINAS! NAO DESANIMEM! MORAL! MORAL!" E parece k elas ouviram o meu grito de apoio! · 28/9 às 2:45



Dukas Manuel isso que deve ser . força para nossas meninas do basquete. 28/9 às 2:12



Nuno Gemusse Alberto We are like Leia, but now we are love mozambique. 28/9 às 1:45



Uaquelina Jone Paulao Pinto, realmente... Teve mesmo sabor de titulo. 28/9 às 0:51



Alberto Guiamba TER amor a camisola chama se aquilo · 27/9 às 23:42



Claudio Viage Força samurais mesmo com a nr 7 nigeriana keria estragar a festa · 27/9 às 23:23



Luis Machanisse O jogo de moçambique foi uma lição de vida pra qualquer individuo que carrega a bandeira, a cultura e a mocambicanidade acima de tudo, fez-me lembrar uma passagem biblica, nada é impossivel pra aquele que crê! parabens meninas · 27/9 às 23:10



Sabado Tomucene O ambiente euforico vivido nos ultimos 5 segundos finais em que aconteceu o triplo victorioso foi loucura. Ver aquele publico saltar, vibrar, gritar, chorar... ver aquelas pessoas transpiradas que 1 minuto antes estava todo pavilhao gelado porque ja n...Ver mais 27/9 às 22:43



Julio Carlos Essas meninas são um espectáculo. Gosto muito da messi mocambicana(a numero 7). Eu nao perdi esperanças em nenhum instante! Força meninas. A namuntlha he tadha a Mahante. · 27/9 às 22:39



Pepe Lourenço Esse Moçambique que pricisamos neste pais, em termos de disporto. 27/9 às 22:36



Herculano Cachaço Grandes samurais... hoje vamos deliciar-nos dos Camarões grelhados · 27/9 às 22:05



Francelino Artur Hehehehehehe Concordo com todos vcs meus caros as meninas são de uma valentia que até da para dizer que nenhum mocambicano teve tanto orgulho de se-lo e propalar a micambicanidade tanto quanto nesses últimos dias e isso Moçambique deve tambem as samurais. Parabéns keep it up! · 27/9 às 21:30



Elcidio Jorge E nos 27/9 às 21:06



Valdano Mucavel o basket femenino e nxo filho,forca a nxa mocambicanidade... 27/9 às 20:56



Tiago Vira A humildade, paciencia e presistencia sao os trunfos destas menina que contam tanto com a experiencia inquestionavel da melhor jogadora africana dos ultimos tempo CLARISSE MACHANGUANA! · 27/9 às 20:48




Paulo Caitano Paulino Alem do estado.o. President da Republic devia dar 2 por cento dos lucros dele as nossas Mininas elas merecem! · 27/9 às 20:43




Wilza Teresa Naiene agente ja ta la... as Samurais nos provaram que podem... 27/9 às 19:19




Mércia Palmira Manjate Tamos d parabens.27/9 às 17:50


 **Rosario Gujamo** Tomara k os nigerianos nao aumentem preços dos produtos nas suas lo-jas!! · 27/9 às 16:23


 **Benildo Balla Mendes Gaita** Juro eu nao espe-rava dakela reviravolta incrível!1 · 27/9 às 15:52


 **Kaxtru Da Vinch Inrrima** Aproveitar tambe protextar contra a TVM k no moment k mais precisavâmos estar unido, eles meteram agua. Max oki importa è o resultado, viva a seleção femenina d baxketbol, ox mambas ja tem onde se inspi-rar....27/9 às 15:51

 **Nélio Mutisse Mutisse** Manimgue o jogo foi emocionante demais! apenas é de lamentar o facto de uma figura publica ter abandonado o campo no momento em que as meninas mais precisaram do nosso apoio. people vamos cada vez mais apoiar As Samorais. Elas são o orgulho de Moz. · 27/9 às 15:36


 **Hemilton Raul Novela** yap o jogo de ontem foi difícil. Mais hoje teremx um desafio... Sempre um samurai ker morrer com honra, a espada desta nao usamx pah nox mesmos... Killarmx o opo-nente good.... Proxima fase esta ai, a deixa vai para a organização no pavilhao como a tvm... Nao faxam mais o k keriam fazer pah e feio ixo... Perde se com honra sendo legitimos samurais. Hi · 27/9 às 15:10

 **Doliz Julio Pedro Limpo** deus è grande, mos-trounos k ele è todo poderoso k milagres ele faz. Foi incrível aceitar isso, em 24 segundo tudo mudou. Parabêns nossas meninas · 27/9 às 14:54


 **Maria Rita Fernandes Freitas** Parabens meni-nas. Continuem. A victoria e certa. Valeu a pena o sacrificio. Contunem. Muita forca. · 27/9 às 14:53

 **Norma Kelly Albasini** O ouro ainda nao e nos-so... mas esta seleção e nossa de todos nos.... parabéns por trazerem a Mocambicanidade ao de cima... estávamos todos a precisar... 27/9 às 14:42


 **Alberto Mando Jose Jose** Parabenizar as sa-murais em particular a Machanguana, a melhor basquetebolista moçambicana d todoo tempos. xtamos em festaa. · 27/9 às 14:39

 **Jose Moreira** Vi o jogo ao vivo esta noite foi muito bom! Grande Mocambique · 27/9 às 14:35


 **Jorge Gomes Pedro** tao cm tdo as #ninas pa-rabens · 27/9 às 14:34


 **Arfa Jafar** Amei, elas sao dmais.1 · 27/9 às 14:33

 **Abilio Timbe** Parabens para as nossas meni-nas. · 27/9 às 14:32


 **Lucas Albino Chaima** Fosca ai ax mocmbica-nas orgulhoso d vces1 · 27/9 às 14:25


 **Stélio Amélia Guambe** É como nos filmes!1 · 27/9 às 14:25

 **Delminda Machava** adorei o jogo...as meninas merecem · 27/9 às 14:25

 **Alexandre Nhantumbo** Hey mnngue a unica selecao q smpre n nox deixavanx passar para fnal mas hje xtmx aq so d ir a fnal ja nox snti-mx vitoriosos · 27/9 às 14:24


 **Nelio Fernando Amaral** Elas sao as unicas k nos dao orgulho em moz. · 27/9 às 14:13


 **Bande Fato** Hoquei patins tbem ja nos orgulhou bem! somos a melhor selecao em africa e agora entre as 8 melhor do mundo! 27/9 às 14:45


 **Anthony Alfred Sigaúque** Forca forca a nossa Mocambicanidade 27/9 às 14:06


 **Augusta Nhaca** nunca assisti um jogo xtao emocione como esse num ultimo segundo es-sas meninas hoje conseguiram mim fazer chorar, parabens, forca, forca, forca 27/9 às 14:04

 **Célia Clementina** k victoria saborosa, com sa-bor a camarao...! forxa meninas · 27/9 às 14:04


 **Muhadice Nasmudine Patiá** forxa forxa forxa yeah nao se passa nada o basket moçambicano sab mostrar uque vale1 · 27/9 às 14:02

 **Vitorino Afonso Muchanga** Obrigado meninas · 27/9 às 13:58

 **Beto José Gregório Gregório** e só pa lenbrar k moçambique é noxo filho...!! · 27/9 às 13:58

 **Gildo Nhaduate** A cobra é k ã traz alegria p nox, mas essax meninas sao a verdadeira ale-gria dxe paix... · 27/9 às 13:57

 **Sandro Issufo** Samurais (temíveis gerreiros Japoneses) ou Samorais (homenagem a Samora Machel)???? Peco esclarecimento. Obrigado. · 27/9 às 13:57

 **Andreyah Jamah** Boa bola...27/9 às 13:51

 **Bani Assane** Aquilo é q é dignificar o país, força samurais...! · 27/9 às 13:48

 **Wyldnallva Rosario** Na nossa mocambicani-dade... No nosso orgulho... **Smash David**1 · 27/9 às 13:47

 **Smash David** Força Força Força Força Força Força Força Força Força Força1 · 27/9 às 13:46

 **Nsuwa de Almeida** Força meninas. O ouro é nosso...27/9 às 13:46

 **Emilia Amaral** Estou, estamos todos orgulho-sos das nossas jogadoras Moçambicanas. Viva as nossas jogadoras, viva Moçambique1 · 27/9 às 13:40

 **Olivia Mondlane** Pelo menos por instantes fi-zeram nos esquecer que nao houve limpeza nas redondezas do pavilhao, que elas vao de TPM, que nao se providenciou geradores para casos de corte de energia, Afrobasket que parece nacional!!! · 27/9 às 13:32

 **Paulino Manuel Chipepo** essas matxanganas, macuas, machopes, marrongas, macondes, mu-tianas JOGAM PAH... CHIXA... · 27/9 às 13:31

 **Della Cerda** As Samorais Fazem Sentir Me Or-gulhosamente Mocambicano,O Que E Muito Contrario Dos Mambas... · 27/9 às 13:32 ·

 **Jezabela Jordao** confesso que nao aguentei desliguei televisao quando faltavam 50 segun-dos, depois liguei no momento do sexto parti prato de emoção merecem as meninas parabens · 27/9 às 13:26

 **Mercia Cornelia Mondlane** O basquetebol eh nosso filho. 27/9 às 13:10

 **Zezé Cuna** lindax palavrax goxto 27/9 às 13:09

 **Zedequias Anser Rafael Manjate** Queremos sim o titulo Africano mais nao sera necessario vencer a final pra estarmos là...so o facto de estarmos na final ja será suficiente pra estarmos no mundial da TURKIA... · 27/9 às 13:08

 **Rui Helder Guilaze** Caros colegas, muita cal-ma e RESPEITO pelos Camarões. Que ganhe o melhor, sim mas o jogo tem 40 minutos1 · 27/9 às 13:08

 **Pascoela Lita** Forcaaaaaaaaaaaaaaas meninas 27/9 às 13:04

 **Elisabeth Semente** Eu ja tinha perdido as es-perancas... mas com a garra das meninas veio a reforcar algo que eu ja sabia... e preciso lutar ate o ultimo momento... parabens pra seleccao · 27/9 às 13:01

 **Rebeca Cipriano Mashava** stressante!! uffffff! 27/9 às 13:00

 **Quito Almeida Poeta** Muito sofrimento. Muita luta. Vitória deliciosa! · 27/9 às 12:59

 **Joel Langa** Nao comentarios as nossas muidas sao d+s que pena q nao tenho nand pra ofere-cer 28/9 às 22:51

 **Lpreto Negro Unico** parabens 28/9 às 15:06

 **Genoveva Iolanda Monjane Iolanda** Somos the best 28/9 às 12:45

 **José Augusto Samuel Samuel** Ya ya ya, isso è que se chama patriotismo 28/9 às 12:40

 **Inacio Malapusse** Ja tamox no mundial dpos d transitarmox pra afinal onde eliminamos ocama-roes esta noite. Viva samurais. 28/9 às 12:11

 **Carla Ester Chinde** Mulheres guerreiras gos-tei 28/9 às 11:48

 **Fatima Dulobo** Sem sombras de duvidas Boli-nha, bjnhs. 28/9 às 11:13

 **Fatima Dulobo** Raul tiro o lenço por essas meninas mais uma vez mandaram embora as camaronesas 28/9 às 11:05

 **Bolinha Bolla** Foi um jogo difícil, mais ganha-mos, isso mostra k as meninas estao prepara-das.28/9 às 11:08

 **Mustafa Mustafa** Eu estive com coracao nas unhas... 28/9 às 9:56

 **Feliciadasdores Cesar** orgulho mocambicano, forca meninas e parabens voces, nos merece-mos. 28/9 às 9:47

 **Olinda Francisco** O nosso orgulho esta ai for-ça meninas 28/9 às 8:45

 **Eddy Marchal Sochangana** Leia Dongue, mu-lher bonita e d grand inspiração no basket, eu a amo 28/9 às 8:37

 **Yasser Charles Charles** Foi genial 28/9 às 8:22

 **Janfar Adange** Mocambiq sem avencer cmo d sempre mininas vams na victoria juntoox 28/9 às 7:55

 **Joanisse Guilherme Fumo** continuemos abraxar as nossas meninas elas demostram gara e forxa ja ganhamx eu tenho fé nelas. 28/9 às 7:44

 **Melucha Parruque** hm jornal verdad faltav 19 segundo 28/9 às 7:09

 **Inocêncio Matlombe** Amaizing game. 28/9 às 6:43

 **Francisco Paulo Raimundo** Sem cmentariox, exas meninax merecem premios. 28/9 às 6:25

 **Rizon Macana** quando entro aquele triplo, quano dei por mim estava chorar de orgulho das nossas meninas... forca, nao estao sozi-nhas 28/9 às 6:17

 **Stelio Silva** Lea, Lea, Lea, Lea, Lea!!!!!! VIVA Moz 28/9 às 5:26

 **Sandra Natingue** Foi um jogo muito sofrido nao aconselhavel a cardiacos mas valeu a pena. Forca as samurais 28/9 às 5:24

 **Eduardo José Raimundo** Valeu meu Moçam-bique, essas meninas sao o nosso orgu-lho. 28/9 às 5:17

 **Analio Mabote Mabote** Parabéns meninas. Muita humildade, estamos quase!... 28/9 às 4:49

 **Lino Victor** Parabens ax samorais, vamos apoiar uk e nosso. 28/9 às 4:43

 **Hermenio Pedro Mavié** xtou sem palavras. muito kanimambo, mas muito mesmo 28/9 às 4:40

 **Edna Machel** Eu continuo a dizer k temos k entrar no campo do zero, nao no sentido de menosprezar as equipas e tirarmos vantagem do principio ate. ao fim, para n nos matharem de co-racao, como ontem k tivemos varias oportunidades de marcar e n aproveitams. E atencao. Camaroes teu de fazer a Nigeria nos ultimos seg 28/9 às 4:39

 **Rosety Elity Chambisse Chambisse** Tao d parabenj minaj forxa. Forxa minaj tao num bm cminho 28/9 às 4:08

 **Rubem Adelina Magaia** 123456789 li-kes 28/9 às 3:50

 **Lunguille Tembe** Valerdina hoyè... Menina de ouro bj grande 28/9 às 3:42

 **Sara Muaga** k Deus nos ajude neste ultimo combate e k guie a mao de cada jogadora ao lugar certo... Moçambique avante! 28/9 às 3:36

 **Francisco York** qdo e assim ate anima ser mocambicano pa , os mambas ha podmx dar nome d samurais a eles k sabe podem ir ao mundial 2o30 28/9 às 3:28

 **Helder Lucilio Matsena** Eu acho q devemos apos-tar mais nas meninas, em tdo, porq elas n tem vi-cius nenhum... Ja os homens!!! 28/9 às 3:22

 **Eugenio Mangue** Este jogo não era para pes-soas cardíacas. ate os funcionários da tvm de tanta emoção desligaram os fios na altura do triplo. 28/9 às 3:19

 **Lindolfo Stela** Ele eh quem sabe fazer as coi-sas, meninas forca e fe.. 28/9 às 3:13

 **Afonso Uate** O publico deve afluir ao inferno de Maxaquene para apoiar o selecao Nacional, mas nao deve invadir o rectangulo de jogos. A F.M.B pode ser severamente punida por estes atos 28/9 às 3:13

 **Luis Sigauque Sigauque** Força Moçambi-que.28/9 às 3:12

 **Dionísio Constantino** parabéns as meninas de moçambique, boa sorte. que a final seja com Angola. 28/9 às 3:08

 **Jojo Machava** Yes, yes... Parabens meninas, de-mostrar o quant nos somos e o k valemx. Mere-cem td de bom, nos amamx voces28/9 às 3:04

 **Manuel Juliao Moiane** E assim ganhamos o dia 28/9 às 2:59

 **Jaloca Carlos Sambo** foi maravilhosa 28/9 às 2:53

 **Emilio Alves** Hehehe.... Coisas d milagre. For-ca meninas 28/9 às 2:50

 **Almiro Ali** Eu acredito na nossa seleccao. Ouro e pra Mocambique.! 28/9 às 2:44

 **Yolnda Bila** Campeas. 28/9 às 2:27